

**Coleção Palavra de Educador (a)**

**Renilfran Cardoso De Souza**



# **MESTRA**

**NA ESSÊNCIA DA PALAVRA  
TRAJETÓRIA DOCENTE  
DE OFENÍSIA FREIRE  
(1941-1966)**

**Renilfran Cardoso De Souza**

**MESTRA NA ESSÊNCIA DA PALAVRA  
TRAJETÓRIA DOCENTE DE  
OFENÍSIA FREIRE (1941-1966)**



**GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE**  
Belivaldo Chagas Silva

**Coordenador do Programa Editorial da SEDUC**  
Sidiney Menezes Gerônimo

**VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE**  
Eliane Aquino Custódio

**Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC:** Jonas José de Matos Neto

**SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA**  
Josué Modesto dos Passos Subrinho

**Membros do Conselho Editorial:**  
Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

**SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO**  
José Ricardo de Santana

**SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE**  
Mariana Dantas Mendonça Gois

---

Mestra na essência da palavra: trajetória docente de Ofenísia Freire (1941-1966)

**Capa:** Rayane Farias

**Diagramação:** Rayane Farias

**Revisão Ortográfica:** Diego Góes

**Editora SEDUC – 2021**

---

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

Souza, Renilfran Cardoso de

S729m Mestra na essência da palavra: trajetória docente de Ofenísia Freire (1941-1966) / Renilfran Cardoso de Souza. – Aracaju : Editora SEDUC, 2021.

129 f. : il. color – (Coleção Palavra de Educador (a))

ISBN 978-65-5371-038-2

1. Freire, Ofenísia Soares, 1913-2007. 2. Educadores - Sergipe - Biografia. 3. 1941-1966. I. Souza, Renilfran Cardoso de. II. Título.

CDU: 929Freire, Ofenísia

**Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037**

SECRETARIA DE ESTADO  
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE  
E DA CULTURA



**SERGIPE**  
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC  
Rua Gutemberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

## O Programa Editorial da SEDUC

O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas Coleções de livros do Programa Editorial da SEDUC.

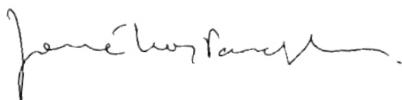
**A magia de escrever e desenhar** é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

**Já a coleção Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação - SEMEDs.

**Histórias de Sergipe** é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da inclusão** abraça as criações de estudantes com de-

ficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.



**Josué Modesto dos Passos Subrinho**

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

# Agradecimentos

Meu profundo respeito à memória da professora Ofenísia Soares Freire e à sua contribuição ao ensino sergipano. Expresso gratidão aos seus ex-alunos: José Anderson Nascimento, José Araújo Filho, Luzia Maria da Costa Nascimento, Malba Vilas-Boas Montes, Terezinha Belém Teles e Wellington Dantas Mangueira Menezes. Meu sincero reconhecimento pela importância de suas falas para a composição deste livro.

Agradecer às instituições onde realizei pesquisas: CEMAS (Centro de Educação e memória do Atheneu Sergipense); IHGSE (Instituto histórico e geográfico de Sergipe); Biblioteca Epifânio Dória; Academia Sergipana de Letras; Arquivo Público de Sergipe, Conselho Estadual de Educação. Que as fontes não se esgotem!

Ao Prof. Dr. Joaquim Tavares Conceição, que confiou em mim desde o início, possibilitou-me rever os caminhos traçados e seguir na direção aqui apresentada. Admiro-o pela seriedade e profissionalismo.

Aos professores Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto e professor Dr. João Paulo Gama Oliveira pelas contribuições e novos olhares para a pesquisa.

Aos amigos da vida!

A minha família (Renata, Arthur, Diego Góes, Neuza, Liliane, No Oliveira).

A minha mãe, a grande incentivadora em tudo! Gratidão!

# Prefácio

Ofenísia Soares Freire (1913-2007), a “mestra na essência da palavra” para gerações de sergipanos, é a personagem retratada no livro de autoria do jovem professor e pesquisador Renilfran Cardoso de Souza.

De início, destaco minha alegria de ter orientado Renilfran no desenvolvimento desta pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e, igualmente, de agora acompanhar a divulgação dos resultados por meio da publicação desta sua obra. Também fico feliz em atestar os esforços e determinação do autor no decorrer da pesquisa e as contribuições desta escrita para a compreensão do cenário educacional sergipano.

A obra elucida aspectos da formação escolar e do exercício do magistério de Ofenísia Freire, com destaque para a atuação dela como professora de Língua Portuguesa no Atheneu Sergipense (1941-1966). Portanto, o estudo segue a tendência da produção historiográfica da educação ao direcionar o foco de investigação e interpretações para o estudo da história da profissão docente, analisando instituições de formação, as práticas docentes e as relações com a sociedade como um todo.

Na Introdução do livro o leitor é informado sobre o percurso e parâmetros da operação historiográfica realizada, os pressupostos teórico-metodológicos, com destaque para as fontes levantadas e cotejadas ao longo do texto. Neste último aspecto destaco a utilização dos relatos orais de ex-alunos da professora Ofenísia Freire e o levantamento de documentos em diferentes acervos, sobretudo os achados levantados no acervo do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (Cemas).

Logo no primeiro capítulo desta obra, intitulado Família e formação da professora Ofenísia Soares Freire, Renilfran discorre acerca dos laços familiares e da formação escolar da professora, destacando sua infância na cidade de Estância (SE), e o início de seus estudos no Colégio Camerino. Em seguida, a narrativa histórica retrata Ofenísia como aluna interna no Colégio Nossa Senhora Sant'Anna, dirigido pela professora Quintina Diniz, apresentando ao leitor aspectos ilustrativos da educação feminina nos internatos da capital, Aracaju, na primeira metade do século XX. Ainda nesse capítulo, o autor analisa lances da trajetória formativa da normalista Ofenísia Freire, ressaltando configurações da formação do professorado sergipano na Escola Normal Rui Barbosa.

O exercício do magistério da professora no Atheneu Sergipense é a temática explorada por Renilfran no capítulo denominado Ofenísia Soares Freire: História docente no Atheneu Sergipense (1941-1966), proporcionando ao leitor uma compreensão de práticas docentes da professora nessa instituição, que em 2020 tornou-se sesquicentenária.

Foi principalmente como professora de Língua Portuguesa no Atheneu Sergipense que Ofenísia Freire marcaria de forma indelével, a juventude sergipana que recorria ao estabelecimento em busca do ensino secundário. O autor enfatiza esse aspecto tomando como fonte, entre outras, as memórias de ex-alunos, como o registro de Luiz Antônio Barreto no artigo intitulado “Ofenísia Soares Freire: a mestra de todos nós”, quando ele homenageia a ex-professora e destaca a importância dela para a formação intelectual de sua geração: “Ela foi minha professora, cresci intelectualmente com a orientação dela. Nos reencontramos, depois, na Academia Sergipana de Letras”.

A Ofenísia Freire militante política filiada ao Partido Comunista Brasileiro, a democrata e engajada nas campanhas nacionalistas também não



escaparam à investigação arguta do autor. Assim, Renilfran apresenta a professora como candidata no pleito de 1947 para o mandato de deputada estadual pelo PCB, a defensora da redemocratização do país pós-Estado Novo e a presença dela na campanha “Petróleo é Nosso” dos anos de 1950.

No capítulo intitulado Uma mestra militante, o leitor vai descobrir o desenlace dessa história e outras ações pela defesa da democracia enfrentadas pela professora Ofenísia. É também nesse último capítulo que o autor desvenda aspectos da escrita dessa mestra, dentro do marco temporal da sua pesquisa, analisando artigos publicados por ela na imprensa sergipana, com ênfase para os textos de homenagem à professora Quintina Diniz e à enfermeira Jane Simões, que atuou durante a Segunda Guerra Mundial a serviço da Força Expedicionária Brasileira.

Finalizo evocando as sempre necessárias e oportunas palavras da professora Ofenísia Freire, em 1990, que ressaltam os valores da democracia e servem como um alerta para as novas e futuras gerações de brasileiros: “A democracia é um imperativo, tem que vir. As lutas continuam”.

Convido todos a lerem o livro “Mestra na essência da palavra”: Trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941-1966), acompanharem e dialogarem com as descobertas e compreensões realizadas por Renilfran Cardoso de Souza a respeito da trajetória da professora Ofenísia Freire.

***Joaquim Tavares da Conceição***  
Aracaju (SE), novembro de 2021.

# SUMÁRIO

1 - Introdução .....	10
2 - Família e formação da Professora Ofenísia Soares Freire .....	21
2.1 - A menina de Estância .....	21
2.2 - A moça interna do Colégio Nossa Senhora Sant'anna .....	25
2.3 - A normalista .....	34
3 – Ofenísia Soares Freire: história docente no Atheneu Sergipense .....	44
3.1 - Atheneu Sergipense: traços da educação sergipana .....	44
3.2 - Ofenísia Soares Freire: professora do Atheneu Sergipense .....	49
3.3 - As aulas na visão dos ex-alunos .....	65
3.4 - Registros da prática docente de Ofenísia Soares Freire .....	77
4 – Uma mestra militante .....	87
4.1 - Candidata a deputada estadual pelo Partido Comunista Brasileiro .....	87
4.2 - A professora e a “militância acadêmica” .....	90
4.3 - A escrita da professora: “com licença, a palavra” .....	101
4.3.1 - “O chefe da nação e sua brilhante comitiva nas terras de sergipe” .....	103
4.3.2 - “Programa Radiofônico Organizado pelo Departamento de Propaganda e divulgação ao microfone da Rádio Aperipê de Sergipe” .....	105
4.3.3 - “Saudação a Jane Simões” .....	109
4.3.4 - “Ginásio Jackson de Figueiredo presta significativa homenagem póstuma a D. Quintina Diniz” .....	111
5 - Considerações Finais .....	115
6 - Referências .....	119
7 - Fontes .....	127

# Introdução

Este livro tem como objetivo investigar a trajetória profissional da professora Ofenísia Soares Freire, destacando sua formação educacional no Colégio Nossa Senhora Sant’Anna e na Escola Normal Rui Barbosa. Analisa também suas práticas educativas no ensino de Língua Portuguesa no Atheneu Sergipense (1941-1966) e como seu envolvimento político refletiu na sua história docente.

O tipo da pesquisa corresponde ao campo da História da Educação, dentro da abordagem teórico - metodológica da História Cultural. Está inserida na linha de pesquisa “História, sociedade e pensamento educacional”, que tem como uma de suas vertentes os estudos a respeito da História da Educação brasileira a partir dos intelectuais da educação e/ou profissionais docentes.

A professora Ofenísia Soares Freire nasceu em Estância, em 28 de dezembro de 1913. Saiu da sua cidade natal aos 11 anos de idade para estudar em Aracaju e ser aluna interna do Colégio Nossa Senhora Sant’Anna. Ao concluir seus estudos no colégio interno, foi matriculada na Escola Normal Rui Barbosa, obtendo o grau de normalista em 1930.

Segundo António Nóvoa (1991), ao longo do século XIX houve a consolidação da profissionalização do professor, no tocante ao espaço do magistério docente. Em Portugal, os professores foram submetidos ao controle do Estado, havendo mais rigor no recrutamento do professorado. Sendo assim, ocorreu a solidificação das instituições de formação de professores e da autonomia da profissão.

A 1ª República criou as condições políticas para uma agudização do conflito acerca do estatuto da profissão docente. A ambição republicana de “formar um homem novo concedeu aos professores um papel simbólico de grande relevo: só no contexto de um maior prestígio, qualificação e autonomia era possível desempenharem-se desta missão (NÓVOA, 1991, s/p).

Para Nóvoa (1991), com uma República preocupada com a formação do homem, proporcionou-se aos professores um prestígio maior na sociedade. O controle do Estado permitiu fiscalizar o corpo docente, implantando projetos de escolarização para as massas, permitindo ao professor ser um produtor “de saber e de saber fazer”.

Segundo Saviani (2005), depois da Independência do Brasil houve a preocupação de preparar professores seguindo as mudanças educacionais que estavam ocorrendo pelo mundo. Sendo assim, foi instalada no Rio de Janeiro a primeira Escola Normal do Brasil. Mas somente com a República brasileira, em 1889, houve modificações no campo educativo. O estado de São Paulo promoveu uma ampla reforma na instrução pública, sobretudo mudanças na Escola Normal, aperfeiçoando os conteúdos e dando ênfase a novas práticas de ensino (SAVIANI, 2005).

As Escolas Normais construíram um espaço de referência social e foram responsáveis pelo número de mulheres que se matriculavam e saíam aptas para exercer o magistério. Essa profissão possibilitou a liberdade feminina e a conquista de novos espaços sociais. Assim, as professoras e normalistas foram se tornando claramente modelos na educação e as profissionais do ensino (FREITAS, 2003).

No início da década de 20 do século XX, houve um processo de organização do campo educacional, incorporando mudanças nas atividades dos educadores e dos professores, objetivando uma formação específica, com base no conhecimento dos pensadores da educação. As

reformas de 1932 no Distrito Federal, desenvolvidas por Anísio Teixeira, e em São Paulo, por Fernando Azevedo, tiveram como finalidade a formação de professores com bases científicas. Anísio Teixeira traçou um programa a ser implantado na Escola Normal, com sustentação no apoio ao ensino.

Com uma estrutura de apoio que envolvia Jardim de Infância, Escola Primária, Escola Secundária, que funcionavam como campo de experimentação, demonstração e prática de ensino para os cursos da Escola de Professores; um Instituto de Pesquisas Educacionais, Biblioteca Central de Educação, Bibliotecas escolares, Filmoteca, Museus Escolares e Radiodifusão; e tendo como diretor Lourenço Filho, a Escola Normal, agora transformada em Escola de Professores, se empenhou em pôr em prática o modelo ideal acima descrito (SAVIANI, 2005, s/p).

Segundo Saviani (2005), em 1935 foi criada a Universidade do Distrito Federal, e por iniciativa de Anísio Teixeira, foi incluída a Escola de Professores. Em 1939 foram instituídos os cursos de Pedagogia e Licenciatura na Universidade do Brasil e na Universidade de São Paulo, coube a tarefa de formar professores para disciplinas específicas das escolas secundárias. Os cursos de Pedagogia tiveram a finalidade de formar professores das Escolas Normais.

Este trabalho tem como recorte temporal os anos de 1941 a 1966, considerando os anos em que a professora Ofenísia Soares Freire exerceu a docência no Colégio Atheneu Sergipense, até sua aposentadoria. Atuando no magistério na cidade de Estância/SE, Ofenísia Soares Freire foi morar em Aracaju, em 1941, acompanhando seu esposo, Filemon Franco Freire, que estava vindo ocupar um cargo na capital sergipana. Ao chegar a Aracaju, seu cunhado, Manoel Franco Freire, intermediou seu ingresso no Atheneu Sergipense como auxiliar na cadeira de Português. Em 1947, filiada ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), foi candidata a deputada estadual, mas quem acabou vencendo as eleições foi o

médico Armando Domingues. Ofenísia Soares Freire participou de um dos grandes episódios em Sergipe: a campanha “O petróleo é nosso”, comício organizado pelo professor Manoel Franco Freire.

A motivação de pesquisar a trajetória docente da professora Ofenísia Soares Freire foi o texto publicado pelo historiador Luiz Antônio Barreto, intitulado “Ofenísia Soares Freire: a mestra de todos nós”. O artigo é uma homenagem a essa professora, visto que Luiz Antônio Barreto foi seu aluno, colega de trabalho e admirador. Recentemente, o Governo do Estado de Sergipe lançou, em 2015, o projeto de lei intitulado Prêmio Ofenísia Freire de qualidade de ensino, o qual tem como finalidade premiar as 20 escolas estaduais que apresentem melhor desempenho dentro dos índices de avaliação de educação de Sergipe. A iniciativa corresponde ao projeto realizado pela professora Ana Lúcia Vieira Menezes: “Ano educacional Ofenísia Soares Freire” que culminou numa série de homenagens à professora Ofenísia em Sergipe: palestras, exposição, placa e busto para a educadora imortal.

Dentro da perspectiva da história cultural, entendemos que o surgimento da Escola dos Annales, em 1929, na França, por Lucien Febvre e Marc Bloch, foi um fator importante para as correntes historiográficas, pois o periódico buscou se distanciar da visão positivista e tão enraizada no século XIX e início do XX. Sendo assim, de acordo com essas novas ideias, ocorreu o alargamento dos temas, fontes e abordagens de pesquisas.

Dessa forma, novos objetos, como estudos de disciplinas escolares, instituição escolar, intelectuais da educação, práticas e saberes educativos, entre outros, contribuíram para a diversidade nos estudos historiográficos. Observamos que a pesquisa da História da Educação inspirou professores, pesquisadores e pedagogos a utilizarem

arquivos, espaços escolares, bibliotecas e diversos lugares da memória. Desde a década de 70 do século XX, existe em Portugal o ensino da História da Educação em curso de nível médio e superior, mas foi nos anos 1980, com a implementação da Lei de Bases do Sistema Educativo e pela aplicação do Estatuto da Carreira Docente, que se constituiu um modelo para a formação de professores e da efetivação da Ciência da Educação. Nos anos 1990, tivemos no Brasil as primeiras teses no campo da história da educação, criação de cursos de mestrado e a disseminação de disciplinas e módulos de História da Educação (MAGALHÃES, 2011).

A partir dos anos de 1960, com o surgimento de Programas de Pós-Graduação no país, a PUC-Rio e PUC-SP, primeiros a construir o programa no Brasil, criou também na década de 1980, Grupos de Estudos e Pesquisas contemplando a História da Educação. Consequentemente cresceu a produção de trabalhos, dando uma pluralidade no trabalho do pesquisador da educação (FARIA FILHO; VIDAL, 2003).

Considerando os diversos campos de pesquisa para os estudos da História da Educação, destaca-se que essa diversidade foi relevante para desmistificar a história tradicional, restrita aos grandes homens e fatos, a qual abria mão das ações humanas. Segundo Le Goff (1990), a renovação da ciência histórica desempenhou uma nova concepção de tempo histórico.

[...] biografia é um modo particular de fazer história: posição de um problema, busca e crítica das fontes, tratamento num tempo suficiente para determinar a dialética da continuidade e da troca, redação adequada para valorizar um esforço de explicação, consciência do risco atual – ou seja, antes de tudo, da distância que nos separa – da questão tratada. A biografia confronta hoje o historiador com os problemas essenciais – porém clássicos – de seu ofício de um modo particularmente agudo e complexo (LE GOFF, 1990, p. 20).

Esse autor observa que ao fazer uma biografia, faz-se necessário usar caminhos metodológicos que compreendam a vida do indivíduo dentro de uma análise criteriosa de suas fontes. A busca do problema e a desmistificação do personagem intocável se aproximam mais dos fatos vividos. É função do historiador, que se propõe a escrever uma biografia, saber selecionar, interpretar e criticar o documento para uma melhor compreensão do objeto.

Muitos caminhos foram trilhados nas produções biográficas. A glorificação e a mitificação dos personagens foram marcas singulares dos estudos, sobretudo as biografias de grandes heróis, generais, reis, rainhas, príncipes. Entretanto, “A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15).

Estudos revelam que o retorno do estudo do gênero biográfico continua a escrever histórias de vida com a escrita linear e factual, através de uma cronologia ordenada e cheia de certezas. Esse retorno vem, sobretudo, destacado pelos franceses como o “retorno da História política”. Segundo Vavy Pacheco (2006): “Dois eixos claramente imbricados podem explicar hoje esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade” (2006; p. 209).

No primeiro eixo, a autora observa que cada vez mais o indivíduo tem seu lugar na sociedade e a cada dia o homem tem mais controle, bem como a mídia, que por curiosidade nas vidas das pessoas, compra a ideia. Vavy Pacheco, no segundo eixo, que versa sobre as disciplinas acadêmicas, lembra que a forma de escrever a História, depois da crise do marxismo e da consagrada História quantitativa, surgiu o interesse pelos “excluídos” ou “vencidos” da história e das minorias, fazendo a



utilização de uma abordagem histórica que privilegia a questão cultural (PACHECO, 2006).

Os conceitos teóricos e metodológicos que são apresentados neste trabalho nos ajudam a compreender melhor o objeto estudado e seus desdobramentos. O texto aqui apresentado terá aspectos biográficos, utilizando fontes documentais e relatos orais, coletados por meio de entrevistas, seguindo os procedimentos da história oral.

Foi utilizado as concepções de Bourdieu acerca da ilusão biográfica em que “[...] história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 183). O autor ainda observa que a vida corresponde a um todo na sua coerência e intenção. Sendo assim, ele destaca que embora tenham uma ordem lógica, os relatos (sejam eles biográficos ou autobiográficos) não entregam os acontecimentos de forma cronológica, organizada ou ordenada

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 2006, p. 184).

Nesse sentido, é observado que essa coerência esteja voltada para o interesse que se estabelece diante dos caminhos desenvolvidos na construção dos estudos biográficos. Os acontecimentos são traçados em função da ordem que foi dada aos fatos, através de significados próprios. Segundo Bourdieu (2006) existe, com frequência, a conivência do biógrafo na criação dessa história de vida. “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica [...]” (BOURDIEU, 2006, p. 185).

Ainda no tocante às categorias utilizadas neste trabalho, tratamos dos conceitos: poder simbólico, capital cultural e capital social, de Bourdieu. O capital simbólico tem o “[...] poder de constituir o dado pela emancipação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo [...] graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, [...] ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 2007, p. 14). Sobre o capital cultural, “exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor” (BOURDIEU, 2007 p.73). O capital social “é um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizados de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 2004, p. 67). Analisei a noção de documento/monumento de Jacques Le Goff (1990), reconhecendo a relevância que essa movimentação documental trouxe aos estudos da História Cultural, observando os critérios que o historiador utiliza quando se propõe a analisar um documento, pois a fonte utilizada foi produzida em determinada época, dentro de um contexto social e de suas relações de poder. Ou seja, analisar o documento como monumento ativa a memória coletiva, buscando caminhos mais amplos para o conhecimento histórico.

Segundo Paul Thompson (1992), o pesquisador que trabalha com fontes orais requer cuidados necessários para compreender o contexto social determinado. “A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida dentro da própria história e isso alonga seu campo de ação” (THOMPSON, 1992; p. 44). Segundo o historiador, a entrevista é uma maneira de descobrir documentos, fotografias, que de outro modo não seria possível identificar. “Assim, o historiador da educação passa a preocupar-se com as experiências dos alunos e estu-

dantes, bem como com os problemas dos professores e administradores” (THOMPSON, 1992, p. 26).

Outro trabalho relevante foi elaborado por José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda (2013), o qual elenca conceitos e definições para entender as funções da história oral. São apresentadas as definições da organização das entrevistas, planejamento de gravações, definição de locais, tempo de duração, transcrição (da passagem oral para o escrito), autorização para o uso e o arquivamento do material. Os autores destacam três gêneros distintos de história oral: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Utilizamos neste trabalho a História de vida, ou seja, uma narrativa através de fontes documentais e relatos orais.

O conceito de cultura escolar destacado por Dominique Julia deixa evidente que as relações normativas de ensinar e transmitir conhecimentos dentro de uma prática escolar, respeitando os comportamentos e os sujeitos de sua época. Segundo esse autor “[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos [...]” (JULIA, 2001, p. 10).

No decorrer desta pesquisa destacamos algumas questões que servem de norte para compreender os aspectos da vida de Ofenísia Soares Freire. Quais as contribuições de sua formação na Escola Normal Rui Barbosa para a prática docente no Colégio Atheneu Sergipense? Quais as práticas pedagógicas aplicadas por Ofenísia Soares Freire nas aulas de Língua Portuguesa no Atheneu Sergipense? Seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro refletiu na sua carreira docente? Qual era o tipo de militância política de Ofenísia Soares Freire segundo os ex-alunos?

As fontes escritas foram organizadas e catalogadas da seguinte forma: a) documentos do CEMAS – Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (cadernetas, correspondências, arcádia estudantil, imprensa, atas, livros de registros, livro de ponto); b) Biblioteca Epifânio Dória (Diário Oficial e Jornal A Razão), c) IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (Sergipe Jornal, Jornal Correio de Aracaju, Diário Oficial, Decretos); d) arquivo pessoal da biografada (currículo, fotografias, decreto); e) Academia Sergipana de Letras (discursos, publicações em revistas). Além das fontes escritas, utilizamos relatos orais para melhor compreensão do objeto.

A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada. Realizamos sete entrevistas com ex-alunos do Atheneu Sergipense e do Colégio Tobias Barreto, entre as décadas de 1950 e 1960. Em relação aos familiares de Ofenísia Soares Freire, seu único filho, Ivan Soares Freire, disponibilizou parte do acervo pessoal dela. Este livro está organizado em 4 capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo é introdução, que estabelece os objetivos do trabalho; as motivações, a delimitação do recorte temporal, a abordagem teórico-metodológica em que está inserida o trabalho, os tipos de fontes e seus respectivos locais de consulta.

O segundo capítulo destaca a vida familiar e a formação da professora Ofenísia Soares Freire, observando aspectos da sua cidade natal, seu convívio como interna no Colégio Nossa Senhora Sant’Anna, sua admiração pela mestra Quintina Diniz e sua formação docente na Escola Normal Rui Barbosa.

O terceiro capítulo, abordamos os traços do Atheneu Sergipense e sua relevância para o ensino de Sergipe, bem como os aspectos históricos da capital sergipana da década de 1940, evidenciando o ano de 1941, ano do retorno de Ofenísia Soares Freire à cidade de Aracaju. Traça-se

também sua história profissional no Atheneu Sergipense, destacando sua prática docente e a visão dos seus ex-alunos em Língua Portuguesa.

No quarto e último capítulo, discorreremos sobre a participação de Ofenísia Soares Freire como candidata a deputada estadual pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a relação entre professora e militância política. Encerramos o capítulo analisando quatro discursos que estão dentro do marco temporal deste trabalho e que foram proferidos e registrados no Diário Oficial do Estado e no Jornal A Razão e Sergipe Jornal. Os discursos trazem a homenagem a Quintina Diniz, saudação a Jane Simões, enfermeira que esteve a serviço da FAB na Segunda Guerra Mundial; saudação a Getúlio Vargas, que esteve em Sergipe no ano de 1933 e o proferido ao vivo através do microfone da rádio Aperipê de Sergipe, no programa especial sobre o ensino público em Sergipe, em março de 1941. Nas considerações finais, foi evidenciado alguns pontos destacados como norteadores na construção deste trabalho e suas análises.

# Família e formação da professora Ofenísia Soares Freire

## *A menina de Estância*

*Estância é meu berço natal, terra dos meus antepassados, de meus familiares e amigos que aqui residem; nela passei os des-cuidosos anos da infância, aqui sonhei os mais belos sonhos da mocidade (FREIRE, 1983, s/p)*

Ofenísia Soares Freire nasceu na cidade de Estância/SE em 06 de dezembro de 1913. Filha de José Dionísio Soares, fazendeiro e dono de fábrica de açúcar e, da dona de casa Ernestina Esteves da Silveira Soares. A professora teve quatro irmãos: Osvaldo, Nivaldo, João Dionísio e o médico Pedro Soares.

A professora Ofenísia Soares Freire discursou em 1983, nas festividades comemorativas dos 153 anos de sua cidade natal, Estância/Sergipe, destacando sua cidade em dois ângulos diferentes: o cívico e o emocional. O cívico seria a história dos tempos heroicos e os acontecimentos que estruturaram a cidade. O lado emocional seriam os laços de afetividade “[...] porque sou destas paragens, desta região de muitas águas e de ar saudável” (FREIRE, 1983, s/p). Como de costume, seus discursos apresentam poesia e destacam a saudade e o seu agradecimento pelos tenros anos vividos na cidade do interior, terra do barco de fogo, dos casarões, da Lira Carlos Gomes e de intelectuais.

Tudo aqui me fala ao coração com as mais reminiscências. O rio Piauítinga amado por todo mundo, a centenária e gloriosa Lira Carlos Gomes, a segunda banda de música mais antiga do país, o Porto d'Areia, com seu velho Trapiche e as canoas singrando o Piauí em demanda de Crasto, do Mangue-Seco e do Saco. A Santa Cruz com sua fábrica hoje muda, o Bonfim além da ponte, o Pernambuquinho aconchegante, o Rosário, a rua Nova, a rua da Maringa, os “ciscos” da Lira e os “assustados” ou bailes em casas de família, as festas lítero-musicais no cine-teatro, a biblioteca na “Casa Inglesa”, as feiras de livros na Papelaria Modelo de João Nascimento Filho, os jornais falados de Jorge Amado. (FREIRE, 1983, s/p)

Terra de grandes proprietários de terra, da prática da monocultura, dos grandes latifúndios de cana-de-açúcar e de uma economia que buscava o crescimento da cidade através do comércio. Cidade de sobrados azulejados, um litoral vasto e explorável, caminhava com ares imponentes e em crescente desenvolvimento (FERREIRA, 1959).

No começo do século XVIII, Estância já havia dado sinais de crescimento com exportações provenientes da zona do rio Piauí. Mas foi na segunda década do século XIX que a cidade, em contato mais direto com a Bahia, assumiu uma posição importante nos acontecimentos políticos, sociais e econômicos do Estado. Ainda nesse mesmo século, a cidade editou o primeiro jornal da Província, com o nome de “O Recopilador Sergipense”, fundado pelo Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira, tornando-se um reduto de comunicação expressiva para a época. Outro ponto positivo no crescimento de Estância foi a lei instituída em março de 1835, através da qual foram criadas na vila três cadeiras preparatórias de filosofia racional e moral, retórica e poética e francês (FERREIRA, 1959).

Estância, em 1837, possuía cerca de 43 fábricas de açúcar (Engenhos) e Santa Luzia 37. Quase 10 anos depois, a região já contava com

198 engenhos, distribuídos entre Santa Luzia, 70; Estância, com 65; Itabaianinha com 55; Espírito Santo (atual Indiaroba), com sete. Segundo Maria da Glória (1994), em 1838, Santa Luzia possuía 40 engenhos de açúcar, e Estância possuía 44. Quase 10 anos depois, em 1856, Santa Luzia tinha 70 engenhos, e Estância, 65 (ALMEIDA, 1993).

Localizada no sul da Província de Sergipe, a 65 km da capital sergipana, em 4 de maio de 1848 Estância foi elevada à categoria de cidade, com seus contornos arquitetônicos e seus rios. A cidade foi crescendo, com mais autonomia, investindo nas exportações de seus produtos, e chegou ao final do século XIX com uma perspectiva industrial relevante para o município (ALMEIDA, 1993).

O crescimento industrial de Estância ocorreu no final do século XIX, quando foi fundada na cidade a primeira fábrica de tecidos, com o nome de “Tecidos Santa Cruz”. A partir de então surgiu em 1912, a fábrica “Senhor do Bonfim” e em 1930, o estabelecimento têxtil “Fábrica Piauitinga”. Apesar do crescimento fabril da cidade estanciana, em 1947 a crise do movimento portuário afetou seu desenvolvimento, por causa da concorrência com a capital sergipana.

Ofenísia Soares Freire iniciou seus estudos na cidade de Estância/SE, no Colégio Camerino, no final da primeira década do século XX, sob a direção de Maria Cândida de Carvalho, onde fez uma parte do curso primário, antes de concluir seus estudos na capital sergipana. Ainda em Estância, iniciou suas aulas de piano e francês e deu seguimento às aulas em Aracaju no Colégio Nossa Senhora Sant’Anna, nos estudos de música com a pianista Marina Marsilac e nas aulas de francês com a professora Clotilde Machado (FREIRE, 1993).

Foi na cidade de Estância, em 1933, que Ofenísia Soares Freire



iniciou a sua trajetória no magistério. Depois de formada, a normalista tinha que iniciar a docência no povoado da cidade. Logo após a experiência, passaria a lecionar na vila, depois na cidade e por fim chegava à capital. As normalistas passavam por essas promoções através da realização de cursos de aperfeiçoamento e da avaliação com os inspetores. Apesar do regulamento, algumas famílias não permitiam que as filhas fossem morar sozinhas no interior, e estas acabavam iniciando a carreira na capital, através de nomeação do diretor de Instrução Pública (FREITAS, 2003).

Em relato ao *Jornal da Cidade*, em comemoração aos seus 85 anos de idade, Ofenísia Soares Freire descreve que a primeira escola onde lecionou foi Nossa Senhora Auxiliadora em Estância. Explicou que o local era simples, adaptado para que pudesse receber seus alunos; e foi na sala principal da casa que as crianças foram acomodadas, aproveitando todo o espaço, sobretudo o quintal que foi utilizado na plantação de uma horta com seus alunos.

Ofenísia Soares Freire observa que à medida que as séries iam avançando, os alunos começavam a buscar outras instituições de ensino para concluir seus cursos; e como já estava conhecida, surgiu a oportunidade de ensinar no centro da cidade, no Grupo Escolar Gumercindo Bessa, Colégio Camerino e Colégio Sagrado Coração de Jesus (*JORNAL DA CIDADE*, 1998, s/p).

Em Estância “Aqui amei e me casei com Filemon Franco Freire, filho também desta terra e um homem de bem” (FREIRE, 1983, s/p). Ofenísia Freire casou-se em 8 de janeiro de 1938 com o industriário da Fábrica Senhor do Bonfim, Filemon Franco Freire, na cidade de Estância. Depois de três anos de casados, mudaram definitivamente para a capital sergipana.

Observamos que Ofenísia Soares Freire rememora os acontecimentos vividos em seu município e suas impressões da cidade natal. Ao contar a história de Estância, foi possível identificar seu olhar do tempo vivido na velha Estância. Segundo Hussein (2014) “A memória [...] é considerada crucial para a coesão social e cultural da sociedade. Todos os tipos de identidade dependem dela. Uma sociedade sem memória é um anátema” (2014, p. 157). A exigência de lembrar corresponde a um aspecto que impulsiona o indivíduo a buscar aspectos que justificam o tempo vivido, ou seja, refletidos na sociedade. O próprio ato de rememorar demonstra o respeito às memórias que muitas vezes ficam adormecidas, prontas para serem capturadas em favor da história.

É importante perceber que essas memórias capturadas são frutos de uma memória coletiva, uma lembrança compartilhada, exercitada, que colabora através dos seus testemunhos um novo olhar ao fato lembrado. Segundo Halbwachs (1990): “Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vivemos” (1990, p. 26). Embora a memória seja individual, pois cada indivíduo possui sua história, segundo Halbwachs, as lembranças precisam ser exercitadas e estimuladas coletivamente.

### *A moça interna do Colégio Nossa Senhora Santa'нна*

A cultura do internato no século XIX na época foi difundida através dos colégios e liceus da Europa, precisamente na França, que construiu um modelo de internato que acabou dominando o cenário educacional, visualizando a necessidade de muitos meninos e meninas que precisavam estudar e eram impossibilitados pela grande distância de seus do-

micílios. No Brasil não foi diferente, contribuindo para educação dos filhos de grandes famílias, tipicamente rurais e que possuíam condições necessárias para a manutenção do seu filho na instituição (CONCEIÇÃO, 2012).

Em Sergipe, de acordo com Conceição (2012), durante grande parte do século XIX, era comum o número de internatos familiares que funcionavam de forma adaptada, sobretudo em casas formais ou alugadas. O objetivo, além de instruir a moçada que ali chegava, seja da região ou de localidades vizinhas, era educar e adequar meninos e meninas às regras estabelecidas pela sociedade, do portar-se e do viver correto dentro dos padrões sociais da época.

Conceição (2012) nos informa que no início do século XX, em Sergipe, os internatos começaram a se popularizar através do contexto de uma cultura familiar, objetivando conseguir um número maior de internos que buscavam continuar seus estudos. Para a família, seus filhos estariam “supervisionados” por uma equipe educacional que lhes daria a possibilidade de instruir-se e aprender a conviver socialmente. Com um número pequeno de escolas no interior da cidade, o colégio interno foi uma opção de famílias sergipanas que podiam investir na educação dos seus filhos.

No decorrer da primeira metade do século XX, somaram-se aos pequenos internatos de organização “familiar” os colégios-internatos com espaços específicos para internamento e com capacidade para atender um maior número de alunos pensionistas (internos). As razões para a permanência do internato na cultura escolar sergipana durante boa parte do século XX foram, entre outras, a inexistência, deficiências ou o pequeno número de colégios no interior do estado, situação caracterizada pelo “déficit escolar”. A rede de escolas públicas era ponderavelmente inferior em relação à população em idade escolar. Sobretudo de colégios que ministravam o curso secundário, que por isso deveria ser buscado em Aracaju ou em capitais de outros estados.

Este fato fazia com que as famílias ricas ou camadas médias da sociedade enviassem seus filhos para os internatos da capital ou das cidades mais desenvolvidas do interior do estado (CONCEIÇÃO, 2012, p. 249).

Embora uma das maiores dificuldades fosse a questão da inexistência de escolas no interior, sobretudo na zona rural, o internato era viável, pois minimizava o problema da distância e das estradas de difícil acesso. Além das dificuldades de chegada aos alunos à escola, a família tinha uma participação muito importante para que seus filhos fossem estudar nesses estabelecimentos, acreditando que o sistema fosse a extensão de seus lares. “Mesmo morando na capital, próximo aos colégios, algumas famílias sergipanas, por não quererem ou por não estarem aptas para dirigir a instrução de seus filhos, principalmente na fase dos estudos secundários, enviavam aos internatos” (CONCEIÇÃO, 2012, p. 250).

Os alunos que frequentavam os colégios internos eram, na sua maioria, oriundos de famílias ricas que investiam na educação de seus filhos e filhas e buscavam uma instituição de boa qualidade e com a melhor acomodação. Com um bom investimento na educação, os colégios internatos traziam bons lucros para os proprietários dos colégios; “de outro modo, as pensões também representavam fonte de recursos para a manutenção de atividades assistenciais e religiosas de congregações católicas. Assim, nos colégios internatos confessionais, além das meninas e/ou moças pensionistas (pagantes), eram recebidas a título de caridade, em orfanatos ou escolas anexas aos colégios, alunas gratuitas” (CONCEIÇÃO, 2012, p. 252).

Além das mensalidades que eram cobradas às famílias, o custo com os enxovais e materiais de uso escolar era alto. Qualquer atividade extra que fosse inserida deveria ser incluída nos custos dos materiais utilizados, acrescentando uma despesa ainda maior para que o filho tivesse to-

dos os direitos que o estabelecimento oferecia. Certamente, os colégios internatos compunham um espaço de status social, haja vista todas as exigências para a qualidade dos pensionistas da sociedade sergipana da primeira metade do século XX.

Ofenísia Soares Freire, na década de 1920, deu continuidade a seus estudos como aluna interna no Colégio Nossa Senhora Sant'Anna em Aracaju, sob a direção da professora Quintina Diniz<sup>1</sup>. Apesar de ser um colégio localizado na capital, a professora teve o apoio da família para os estudos. Em relato concedido a Freitas (2003), Ofenísia Soares Freire destaca o desejo do seu pai para seguir os estudos:

[...] aprendi de tudo porque meu pai dizia assim, meu pai era senhor de engenho, mas um homem que queria ver assim, os filhos formados. Meu irmão mais velho que já morreu era médico, o outro se formou em engenharia no Rio de Janeiro, não chegou a seguir carreira, ficou doente, mas ele queria que os filhos estudassem. Ele disse à diretora (D. Quintina): “Quero que ensine a minha filha tudo que ela tiver aqui para ela estudar” [...]. (Apud. FREITAS, 2003, p. 112)

Para compreender a relação entre família e formação educacional infantil, Bourdieu destaca que o rendimento escolar da criança depende do capital cultural em que ela está inserida. Sendo assim, o autor observa que o rendimento econômico e social no âmbito da família favorece o serviço que será ofertado na educação. No tocante a esse capital cultural, compreendido por Bourdieu, destaca-se que existe uma exigência natural do próprio meio cultural, que é inculcar o investimento na criança, a serviço do seu reconhecimento ao longo do tempo. “O capital cultural é um ter que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um habitus. Aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo” (BOURDIEU, 2004, p. 74). Ainda

<sup>1</sup> Quintina Diniz de Oliveira (1878-1942) nasceu em Laranjeiras/SE, filha de Dr. Victor Diniz Gonçalves e Maria Petrina de Oliveira Gonçalves. Ela teve três irmãos: Pedro Diniz Gonçalves, Elisa Diniz Gonçalves Ribeiro e Georgina Diniz Gonçalves Ribeiro. O primeiro era proprietário de terras na região de Lagarto (SE) e suas irmãs estiveram presentes alguns anos no Colégio Sant'Anna ajudando na obra educacional de Quintina. (FREITAS, 2003, p. 66)

segundo esse autor, o capital ‘pessoal’ não pode ser transmitido de imediato. Convém frisar que nem todos os agentes têm meios econômicos e culturais para custear os estudos dos filhos e acabam ficando com o mínimo para a reprodução da força do trabalho.

Sabe-se, por outro lado, que a acumulação inicial do capital cultural, condição da acumulação rápida e fácil de toda espécie de capital cultural útil, só começa desde a origem, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural, nesse caso, o tempo de acumulação engloba a totalidade do tempo de socialização (BOURDIEU, 2004, p. 76).

O Colégio Nossa Senhora Sant’Anna pertencia à professora Possidônia Bragança<sup>2</sup>, que fora diretora dessa instituição na segunda metade do século XIX, na cidade de Laranjeiras/SE. A escola era referência de ensino na época e vinha sendo local de excelência nos estudos de moças da cidade e de localidades vizinhas. Apesar de exemplo educacional, a diretora buscava encerrar as atividades da escola pelo cansaço da idade. Possidônia Bragança entregou a direção do Colégio Senhora Sant’Anna à professora Quintina Diniz em 03 de fevereiro de 1898. Mas só em 1906 a escola foi transferida para a capital do Estado (SERGIPE, 1957).

Na imprensa da época, a divulgação das atividades internas e de encerramentos letivos era comumente publicada em jornais. No Jornal Correio de Aracaju, observamos a descrição de uma das atividades de encerramento do ano letivo das alunas do Colégio Nossa Senhora Sant’Anna, avaliadas por uma banca examinadora, composta pelo Desembargador Humero D’Oliveira, presidente dos aspectos intelectuais; Dr. Alvaro Telles, Dra. Elisa Diniz, professor Brício Cardoso, professor Manoel Francisco d’Oliveira, professora Dra. Leonor Telles. Os alunos

---

<sup>2</sup>Casaram-se na cidade de Laranjeira/SE, Província de Sergipe, a professora Possidônia Maria da Santa Cruz Bragança e o médico Francisco Alberto de Bragança. O casal teve 4 filhos, um dos quais seguiu a profissão de médico do pai, e três filhas seguiram a carreira de magistério da mãe. Possidônia prestou concurso para a cadeira de primeiras letras em 1848, em São Cristóvão, então capital da província. Obteve a primeira colocação, e depois de sua aposentadoria, dedicou-se ao trabalho como professora, diretora e proprietária do Colégio Nossa Senhora Santana, onde foram educadas não apenas as filhas da elite laranjeirense, mas também meninas de famílias importantes de outras cidades sergipanas (NASCIMENTO, 2007, p. 11-15).

que foram avaliados foram divididos em classes: quinta classe – Português, arithmetica, história pátria, noções de pedagogia e de sciencias physicas e naturaes; quarta classe – portuguez, arithmetica, lições de cousas e história pátria; terceira classe – leitura, noções e lições de cousas; segunda classe – leitura; classe infantil – leitura” (Correio de Aracaju, 1 de dezembro de 1907).

Após a conclusão dos exames, foi oferecida uma grande festa para todos que estavam presentes ao encerramento letivo de 27 de novembro de 1907. Com uma vasta programação cultural, e com a participação de alunos e professores, a atividade festiva começou com o hino ao trabalho e à pátria, entoado pelas alunas da instituição, sendo elas acompanhadas pelo piano de Noelia Machado e recital de Edson Ribeiro. Com muita música e poesia francesa, a festa terminou com o discurso de Sylvia Ribeiro, que abordou a educação da mulher, sendo acompanhada pelo piano de Noelia Machado. A festividade ainda contou com a entrega de prêmios, e com um jantar especial, tendo como presidente da mesa o professor Brício Cardoso. “Cheias de alegria, as collegiaes consumiram o resto da tarde brincando e dançando” (Correio de Aracaju, 1 de dezembro de 1907).

O encerramento ainda contou com a “exposição de prendas”, que foram feitas pelas alunas, com a supervisão de Balbina de Freitas Barretto, auxiliar do estabelecimento de ensino. Eram peças de crochets, rendas e bordados. O padrão educacional trazido pela professora Quintina Diniz à cidade de Aracaju foi visto com bons olhos pelas famílias sergipanas, e o colégio continuou sendo um espaço educacional importante para a formação de meninas no início do século XX em Sergipe.

Atestam os jornais da época como é fácil de ver em ‘O Estado de Sergipe’ dos fins de novembro de 1911, por exemplo, o que significava o encerramento das aulas no Colégio Senhora Sant’An-

na. Verdadeiros acontecimentos de relevo mais expressivo! Os exames realizados solenemente, com bancas examinadoras constituídas de altas figuras do magistério, como o Prof. Alcebiades Pais, nome aureolado, e o Dr. José Moreira Magalhães, o ilustrado lente de Física e Química do Ateneu e de Ciências Físicas e Naturais da Escola Normal. E após os exames, era uma sequência de festividades que fazia gosto, exposição, deslumbramento de prendas, exposições lítero-dramático-musicais que mostravam à sociedade ser o Colégio Senhora Sant'Anna a ideal escola feminina, onde nenhum aspecto da educação era descuidado (FREIRE, 1957, s/p).

Segundo Freitas (2006), no Colégio Nossa Senhora Sant'Anna as alunas eram preparadas para atividades relacionadas às tarefas domésticas e para serem boas esposas e boas mães. O colégio estimulava as moças nas práticas artísticas, manuais, musicais e línguas estrangeiras. Segundo Ofenísia Soares Freire (1957), as bancas de exames finais do colégio eram regadas a festividades e exposições de habilidades manuais e artísticas que foram desenvolvidas pelas alunas durante o ano. Ela também descreve com carinho sua relação com a professora Quintina Diniz no internato Colégio Nossa Senhora Sant'Anna:

Tia Quintina era como a chamávamos todas as suas alunas que tivemos a felicidade de frequentar, anos a fio, um colégio, um internato do qual nos lembramos com uma saudade profunda, pois na quadra feliz de nossa meninice e adolescência, era ele um prolongamento do lar, a aplicação mesma do princípio de Froebel<sup>3</sup> – ‘Educação é exemplo de amor – nada mais (FREIRE, 1957, s/p).

Um misto de carinho e devoção, pois “Tia Quintina”, como era chamada por suas pupilas, inclusive pela própria Ofenísia Soares Freire, foi exemplo de competência e amor ao magistério. Segundo suas memórias,

a felicidade era compartilhada no colégio interno. Um sentimento de

<sup>3</sup>Friedrich Froebel, pedagogo e pedagogista alemão (1782-1852). “[...] sua concepção pedagógica que se encontra igualmente na origem dos “jardins de infância”, ideia de repercussão universal que continua sendo o principal mérito de Froebel. Mas Froebel também aplicou suas teorias ao ensino escolar, pondo em prática suas ideias na escola privada que havia criado não longe de Weimar, o Instituto de Educação Alemão de Keilhau, próximo a Rudolstadt. Sua pedagogia do jardim de infância suscita ainda hoje discussões apaixonadas, sobretudo no Reino Unido e no Japão. Seus materiais de jogo, “dons” e “jogos” se popularizaram em todo o mundo no século XIX. Com o material pedagógico de Montessori, constituem o programa mais eficaz e mais exaustivo de estímulo pelo jogo para crianças de 3 a 6 anos de idade” (HEILAND, 2010, p. 12).



acolhimento e conforto viviam as meninas que saíram do seio familiar, com o sonho de estudar e trilhar seus caminhos. Nos corredores do colégio, a lembrança era bem clara:

As qualidades se evidenciavam nos episódios mais simples, como em ocasiões em que Tia Quintina com um pacote de guloseimas para as internas ia ao pátio onde brincávamos aos domingos. Judite aproximava-se e dizia logo: “Eu distribuo”. E ninguém se incomodava, porque ela sabia como fazer. Também era Judite quem se encarregava de convocar todos, professores e alunas para novenas da padroeira, realizadas no Colégio no mês de julho, tocando energicamente o sino (FREIRE, 1957, s/p).

“A educação é exemplo e amor – nada mais”. Foram palavras que Ofenísia Soares Freire descreveu como exemplo que a “Tia Quintina” representou para o magistério sergipano. Considerava a mestra exemplo poderoso e agente transformador da sociedade. Foram suas “sobrinhas” as internas que frequentaram o Colégio Nossa Senhora Sant’Anna.

Ainda com base no relato anterior, Ofenísia Soares Freire soube aproveitar os ensinamentos compartilhados na educação do colégio e nos momentos livres como uma menina interna. Teve a oportunidade de aprender piano e francês e aprendeu a conviver com todas as meninas que eram também internas. Ela recorda com apreço os espaços do Colégio Senhora Sant’Anna:

O prédio do Colégio lá está na rua Maroim com a mesma aparência de outrora. Mas como dizia aquele personagem Dom Casmurro, ao visitar a casa em que vivera na meninice: “em tudo se o resto é o mesmo, a fisionomia é diferente”. Lá estão talvez as amplas salas, as alcovas lado a lado separados por corredor – e sótão. Quiçá ainda exista o pequeno aposento, o mais humilde do colégio entijolado, sem forro, onde só havia uma mesa de escrever, e nada mais. O quarto dela, simplicidade, mas movimentadíssimo, porque ninguém sabia tomar uma decisão sem consultá-la. Relembro a sala onde se rezavam as novenas de Santo Antonio e de Sant’Anna cada noite um altar diferente – as mais solenes, muitas vezes contavam com a presença do Pe. Carlos

Costa, tão amigo! E depois da novena, santinhos e medalhas e os petiscos gostosos de Tia Georgena (FREIRE, 1957, p. 6).

No relato anterior, a professora Ofenísia Soares Freire destaca que o prédio onde funcionou sua antiga escola mantinha a aparência de outrora, ativando assim suas lembranças de um período marcante para a sua formação. Segundo Maurice Halbwachs (1990), as imagens do passado estão claramente vivas nas memórias.

[...] se as imagens se confundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a esta sua substância, é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado (HALBWACHS, 1990; p. 28).

Consoante Halbwachs, a nossa memória não é uma “tábula rasa”, sendo assim, cada um é capaz, através do seu próprio esforço de perceber, mesmo sem muita exatidão de detalhes, traços da imagem do passado. As imagens destacadas por Ofenísia Soares Freire evidenciam aspectos sociais que foram vividos durante sua trajetória escolar. Em suas aulas de piano e francês ela recorda:

A sala de visita com o piano, onde Marina Marsillac ensinava a divina arte de Bethovem e onde ela mesma arrancava as notas de “As 3 da manhã” naquelas madrugadas do passado – quase não dormíamos esperando a hora das três notas que soavam como badaladas. Talvez existisse ainda o gabinete de Francês, onde exerciam as aulas da culta mestra D. Clotilde Machado, a quem devíamos apresentar no caderno nobre e em boa linguagem, após verdadeiras batalhas no Valdez e no caderno de textos, as traduções difíceis do teatro clássico. (FREIRE, 1957, s/p).

O relato anterior ilustra um período relevante na formação escolar da professora Ofenísia Soares Freire, trazendo o seu cotidiano e as suas experiências na época de aluna. Sobre a ampliação e novos olhares na construção da história, Le Goff (1990) destaca a importância da memó-

ria coletiva para a construção da pesquisa documental.

A revolução documental tende também a promover uma nova unidade de informação: em lugar do fato que conduz ao acontecimento e a uma história linear, a uma memória progressiva, ela privilegia o dado, que leva à série e a uma história descontínua. Tornam-se necessários novos arquivos, onde o primeiro lugar é ocupado pelo corpus, a fita magnética. A memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural. O novo documento é armazenado e manejado nos bancos de dados. Ele exige uma nova erudição que balbucia ainda e que deve responder simultaneamente às exigências do computador e à crítica da sua sempre crescente influência sobre a memória coletiva. (LE GOFF, 1996, p. 468).

Nessa perspectiva, observa-se a importância de o historiador analisar o documento pesquisando, buscando novas fontes, sejam elas através de relatos escritos ou orais, tentando compreender os fatos ocorridos. Nesse caso analisado, o documento exprime sua própria memória; isto é, as palavras de Ofenísia Soares Freire confessam suas lembranças.

## *A Normalista*

No século XIX, no Brasil, é possível ver que a mulher adquiriu o direito legal, quando, em 1827, uma lei imperial instituiu a criação de escolas de primeiras letras para todos os cidadãos livres, e assim a mulher obteve o direito à educação. Antes, a educação feminina ficava restrita aos cuidados da casa, do marido e dos filhos, com exceção de algumas mulheres, que seguiam para o convento, por vocação, para aprender a ler e escrever ou por desejo dos familiares (RIBEIRO, 2000). Depois da lei imperial, começaram a surgir as Escolas Normais no Brasil, em 1830, com a necessidade e a preocupação de formar profissionais para ensinar. Segundo Guacira Lopes Louro (2004, p. 448), com “[...] o abandono da educação nas províncias brasileiras desde o império, viu-se

a necessidade de formar mestres e mestras como formação”. Assim, em meados do século XIX em algumas cidades do país começaram a ser criadas as primeiras escolas normais. Foram formadas salas separadas para meninos e meninas e em alguns casos em turnos diferentes.

Com o crescimento de Escolas Normais em várias regiões brasileiras, a Escola Normal aparece em Sergipe, em 1870, funcionando no Colégio Atheneu, no governo do presidente Francisco Cardoso Junior. Mas só em 1877, através do presidente João Pereira de Araújo Pinto, foi criada a Escola Normal para as mulheres, iniciando no Asilo Nossa Senhora da Pureza, na cidade de Aracaju. Esse curso, além de garantir uma profissão, foi oportuno para as jovens órfãs que não se casavam e almejavam ampliar seus estudos (FREITAS, 2003). No ano de 1923, por determinação do presidente da província Graccho Cardoso, a Escola Normal passou a se chamar Escola Normal Rui Barbosa. A imagem a seguir destaca a antiga Escola Normal, que funcionou até os anos de 1957<sup>4</sup>.

Figura 1: Ilustração da Antiga Escola Normal – Aracaju/SE.



Fonte: <http://www.seed.se.gov.br/noticia.asp?cdnoticia=6547>

Nas primeiras décadas do século XX, os cursos de nível médio passaram a preparar as mulheres para profissões consideradas ideais para o público feminino, como as áreas de educação e saúde. Até a década

<sup>4</sup>Hoje, conhecida como “Rua do Turista”, antiga “Rua 24 Horas”, o espaço é um ponto comercial bem movimentado na cidade de Aracaju e fica ao lado da Catedral Metropolitana.

de 1930, o magistério era a única profissão “respeitada” pela sociedade, sendo uma oportunidade para a mulher de classe média se profissionalizar.

Nessa ocasião, as escolas normais livres somaram-se às oficiais. Com absoluto predomínio de mulheres em seu corpo docente, não davam acesso aos cursos superiores, constituindo praticamente um ponto final na instrução feminina. Em 1930, a escola normal passou a ser profissionalizante, exigindo-se, para cursá-la, ginásio completo. O benefício às mulheres foi imediato, ampliando-se seu nível possível de escolaridade. [...] Somente às vésperas da década de 40 é que se permitiu às normalistas o ingresso em alguns cursos de filosofia, direito que se estenderia, em 1953, aos demais cursos (BRUSCHINI, 1988, p. 6).

A Escola Normal em Sergipe, por muito tempo, foi um espaço feminino de formação. O curso normal administrado pelo Estado ou por instituições religiosas foi fundamental para a iniciação profissional da mulher. Na Escola Normal Rui Barbosa, até a década de 1920, as disciplinas estudadas pelas normalistas eram de educação geral e não as disciplinas específicas do magistério. O ensino primário era ministrado no anexo da Escola Normal até a metade da década de 1930, no Grupo Escolar Modelo (FREITAS, 2003).

Para o ingresso, era necessário inscrição nos exames de admissão publicados através de editais expedidos pelo diretor de Instrução Pública do Estado. Também havia alguns critérios para as candidatas requererem a habilitação na vaga.

Para a inscrição nos exames de admissão a matrícula da 1ª série da Escola Normal. De ordem do Sr. Diretor da Instrução Pública, faço saber que 20 a 30 do corrente se achará aberta, nesta secretaria, a inscrição para os exames de admissão a matrícula da 1ª série da Escola Normal, consoante despoem os arts. 302 e 303 do Regulamento da Instrução Pública. Treze são as vagas prováveis contempladas no número de matrícula, 23 alunas da Escola Complementar, que levaram aprovação, e 14 alunas repetentes. As candidatas deverão requerer, estando habilitadas com

os seguintes documentos: a) certidão de idade maior de 14 anos e menor de 30; b) atestado de vacina e de que não sofrem de moléstia contagiosa, nem tem defeito incompatível com o magistério (art. 305). O programa dos exames é o estabelecido pelo decreto n.º. 648 de 1º de fevereiro de 1917. Dado é passado na secretaria da Instrução Pública, no 10 do mês de janeiro de 1920. O secretário Raymundo Ribeiro (SERGIPE, 1920, p.32).

O presidente do Estado, Dr. Graccho Cardoso, em mensagem apresentada na Assembleia Legislativa em 1925, destaca os avanços e os problemas enfrentados pela instrução pública de Sergipe, evidenciando que o Curso Normal passava pelo risco de fracassar, porque as alunas não queriam continuar os estudos depois que concluíssem o curso complementar de 3 anos. Segundo Graccho Cardoso, corria o risco, naquele ano, de o curso complementar desaparecer para que o Curso Normal em cinco anos permanecesse em funcionamento. O presidente justificou que se as alunas se contentassem apenas com o curso complementar seriam profissionais deficientes. Segundo ele, “[...] como atestado do mérito pessoal do professor, a elite do magistério irá se extinguindo, pouco a pouco, e o ensino passará às mãos de pessoas de cultivo medíocre<sup>5</sup>” (SERGIPE, 1925).

Ainda conforme Graccho Cardoso, a Escola Normal seguia com resultados habituais como todos os anos, e embora a modificação sofrida pela reforma da instrução pública trouxesse docentes capacitados para o exercício do magistério, ainda existiam professores que não tinham boa vontade de cumprir as diligências do governo. Depois de refeito o programa da Escola Normal foram adicionadas outras disciplinas no curso.

Foi refundido o programa de ensino normal, a que se adicionou a história geral reduzida à narração dos fatos que possam influir no aperfeiçoamento moral dos alunos; a literatura como complemento ao ensino da língua nacional; as noções de physica, chimica e história natural, para o estudo prático dos fenômenos

---

<sup>5</sup>Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 07 de setembro de 1925 ao instalar-se a terceira sessão ordinária 15ª legislativa, pelo Dr. Maurício Graco Cardoso Presidente do Estado. Ver na documentação sergipana do IHGSE

relativos a estas ciencias; elementos de álgebra e geometria, aplicados à resolução de problemas simples e à avaliação das áreas e volumes de emprego frequente, e o estudo prático da agricultura e trabalhos manuais (SERGIPE, 1925, p. 21).

Ofenísia lembra que, antes de iniciar seus estudos na Escola Normal, foi necessária uma alteração no seu registro de nascimento para que pudesse ingressar nessa instituição em 1925, após concluir o primário na Escola Nossa Senhora Sant'Anna.

[...] naquele tempo exigia-se a idade de quatorze anos...não sei se foi um erro, ou se foi certo, que a Diretora do Colégio que era uma grande senhora, Dona Quintina Diniz, onde eu era interna do Colégio Sant'Anna, na rua de Maruim. Ela disse: “Esta menina, ela já está pronta demais! Não tem mais o que ensinar no curso primário! Ela precisa ir para a Escola Normal!” Pois aqui, naquele tempo, não se recomendavam muito aquelas que fossem estudar no Colégio (Atheneu) [...] E sim no Colégio das Moças! No Colégio das Normalistas! Ela então disse assim: “Ela precisa era ter idade, como na Escola Normal só se entrava com 14 anos!” Então meu pai, providenciou um atestado, de idade, como mais 3 anos para mim...minha idade oficial é uma não é... então eu entrei com 11 anos na Escola Normal e sair com 16 anos...porque naquele tempo eram cinco anos de Escola Normal!(Apud. FREITAS, 2003, p.111).

Alguns documentos pesquisados no CEMAS, a exemplo de sua ficha de docente, constam que sua data de nascimento é de 06 de dezembro de 1915, diferente da data que consta em sua certidão de Casamento, que é 28 de dezembro de 1913. O fato de o pai de Ofenísia Soares Freire ter providenciado a alteração do documento reforça o incentivo da continuação dos estudos<sup>6</sup>.

Segundo Bourdieu (2004), o prolongamento dos estudos, incentivado pela família, depende da disponibilidade de tempo e da necessidade econômica para o investimento.

Além disso, e correlativamente, o tempo durante o qual determi-

<sup>6</sup>Esta mesma medida foi realizada por outras famílias, conforme Freitas (2003).

nado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição da acumulação inicial (tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar) (BOURDIEU, 2004, p. 76).

Ofenísia Soares Freire continuou como pensionista no Colégio Senhora Sant'Anna, mesmo já estudando na Escola Normal. Embora estivesse em outra instituição, isso não a impedia de ampliar seus estudos, dividindo suas tarefas com aulas de piano, francês, declamação, datilografia e pintura (FREIRE, 1993). Segundo Conceição (2012), o internato também era utilizado como pensionato, sobretudo pelas jovens que moravam no interior.

Alguns internatos podiam ser frequentados por estudantes que objetivavam apenas o pensionato. Era o caso de moços e moças do interior, que faziam o curso secundário ou normal em escolas públicas sem internato e podiam ser recebidos na condição de meros pensionistas. Nesta condição, recebiam apenas alojamento, comida e direção dos estudos. Os colégios Grêmio Escolar e Nossa Senhora Santana aceitavam pensionistas, respectivamente, destinados ao curso ginásial do Ateneu Sergipense e ao curso normal da Escola Normal Rui Barbosa (CONCEIÇÃO, 2012, p. 282-283).

A confiança que os familiares depositavam na educadora Quintina Diniz em deixar suas filhas, meninas/moças, saídas dos seus lares para morar numa capital, corresponde à importância que esses pais viam na educação. Embora fossem mulheres, seus pais apostavam numa boa instrução e na valorização de uma profissão. Ofenísia Freire descreve o cuidado que as professoras do Colégio Nossa Senhora Sant'Anna tinham com as pensionistas a caminho da Escola Normal Rui Barbosa.

[...] eu passei cinco anos, interna nesse colégio...pela manhã, havia a professora de lá do colégio (Sant'Anna) onde eu havia terminado o curso primário, como eu lhe disse, a professora disse não tem mais.... Essa professora acompanhava, Dona Lavínia,



acompanhavam as alunas que iam para a Escola Normal. Ela levava o grupinho de alunas, até lá à porta e depois voltava, nós íamos acompanhadas pela professora... (risos) nós só saímos do colégio para ir às aulas, de maneira que de tarde era para se dedicar aos estudos das aulas do dia seguinte...e de noite não se saía não, ia deitar mesmo, era hora de tocar sineta para ir deitar...e de manhã, levantava, tomava banho, e ia para a Escola Normal... [...] Dia de missa, dia de domingo, vestia a roupa bem passada a ferro e ia para a missa na Catedral! Pronto, também com acompanhante, com a professora (Apud. FREITAS, 2003, p. 111).

A oportunidade de educação para meninas em Aracaju na década de 20, período em que Ofenísia Soares Freire começou a estudar na capital sergipana, consistia em instituições particulares (uma delas o Colégio Nossa Senhora Sant'Anna), Escola Normal Rui Barbosa, Escola de Comércio Conselheiro Orlando, Colégio Atheneu, entre outros. Foi na escola Normal que Ofenísia Soares Freire teve acesso aos teóricos nas aulas da professora Quintina Diniz, nas disciplinas de Pedagogia e Psicologia, no 4º e 5º anos.

A professora Ofenísia Soares Freire relata que teve a oportunidade de conhecer o ensino “globalizado”, entre 1927 e 1930 (período cursado), e pôde conferir os estudos do belga Ovide Decroly, com sua concepção sobre educação em “centros de interesse”, bem como compreendeu as orientações da psicologia e inteligência do francês Binet. Pôde também citar a teoria do filósofo e pedagogo americano Dewey que acreditava ter o aluno a capacidade de desenvolver a crítica. Ela também conheceu também a teoria do americano Kilpatrick para compreender suas concepções sobre “método de projetos”, buscando realizar um trabalho pedagógico que estimulasse o aluno ao saber.

Ofenísia Soares Freire destaca que foi na Escola Normal que ela pôde conhecer esses teóricos, tanto americano, quanto europeu foram fundamentais para a compreensão do universo escolar e da importância

de uma “escola ativa”. A professora ainda nos mostra que sua primeira experiência como professora deu-se na escola primária, quando teve que enfrentar muitas dificuldades com a falta de “aparelhagem” técnica para integrar seus alunos na sala de aula. Ela evidencia sua admiração pela pesquisadora italiana Maria Montessori, que buscou em sua teoria a libertação da criança pela escola ativa. “A criança aprende agindo, e tanto melhor aprenderá quanto mais livre, espontânea e criadora for a ação que a escola lhe proporciona” (SERGIPE, 1957, s/p).

A professora Ofenísia Soares Freire, em suas palavras, enaltece e valoriza a sua mestra de formação. Seus relatos demonstram suas experiências como aluna do Colégio Nossa Senhora Sant’Anna e da Escola Normal Rui Barbosa, expressando sua gratidão pelos conhecimentos que lhe foram confiados. Ofenísia Freire finaliza: “Se muito aprendi devo a Quintina Diniz, às suas aulas de pedagogia e psicologia, ministradas através de uma linguagem castiça e de uma dicção harmoniosa e clara” (SERGIPE, 1957, s/p).

Recém-saída da Escola Normal Rui Barbosa, Ofenísia Soares Freire ficou durante três meses como professora adjunta do Grupo Escolar Augusto Ferraz, no Bairro Industrial, em Aracaju, através da nomeação do Diretor de Instrução Pública, pelo decreto n.º. 30, de 4 de agosto de 1931, ficando até outubro desse mesmo ano (LIVRO DE CONTRATO, 1941, p. 9).

Ofenísia Soares Freire, após concluir a formação na Escola Normal, em 1930, retornou à instituição a fim de fazer um curso de aperfeiçoamento e prolongamento dos estudos para atuar em outros cargos na escola. Foi no Governo de Dr. Eronildes Ferreira de Carvalho em 1935 que se criou o curso de aperfeiçoamento, com duração de um ano, tendo como finalidade a especialização dos professores.

Este curso funcionou na Escola Normal entre 1936 e 1940 aproximadamente. Para frequentá-lo, era necessário fazer um exame de seleção, que poderia ser realizado por professores formados ou por leigos. Após este curso, muitos professores assumiram cargos de direção e orientação. O programa composto por Educação Física, Canto Orfeônico, Álgebra, Português, História Natural, Higiene, Física, Química e Biologia (FREITAS, 2003; p. 36).

Ofenísia Soares Freire não possuía nível superior, mas buscou inúmeros cursos de aperfeiçoamento na área da Língua Portuguesa. O prolongamento dos estudos rendeu um certificado registrado pelo MEC, que a habilitou lecionar o português em qualquer parte do território nacional. Outro curso importante foi o de aperfeiçoamento de professores de língua portuguesa ofertado pela CADES e reconhecido pela instituição de ensino Fundação Getúlio Vargas, no ano de 1955.

A CADES foi criada no governo de Getúlio Vargas, no ano de 1950, e tinha como finalidade elevar o nível do ensino secundário, tornando a educação mais integrada aos interesses da época, compreendendo a importância da criação de um ensino mais social para os jovens. Eram realizados estágios especializados aos professores, técnicos e administradores de estabelecimentos de ensino, simpósios de orientação educacional e encontros de inspetores do ensino secundário. Ofertava-se bolsa de estudos para a realização de especialização ou aperfeiçoamento (nacional ou internacional). Ainda era feita a elaboração de material didático e se discutiam técnicas importantes para atender a estabelecimentos distantes dos grandes centros (BARALTI, 2003).

O “capital cultural” alcançado por Ofenísia Soares Freire, através dos cursos de aperfeiçoamento, contribuiu, provavelmente, para seu crescimento como profissional e para seu desenvolvimento com o ensino de Língua Portuguesa, disciplina que em esteve à frente nos longos

anos de sua docência.

A objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas do fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural (BOURDIEU, 2007, p. 78).

Para Bourdieu (2007), a conquista do diploma traz uma relativa autonomia, tendo em vista as relações culturais que são estabelecidas diante do momento tão esperado para o seu portador. Sendo assim, “[...] vê-se claramente, nesse caso, a magia do poder de instruir, poder de fazer ver e de fazer crer, ou numa só palavra, de fazer reconhecer” (BOURDIEU, 2007, p.79). Esse reconhecimento é o capital cultural possuído e, através do certificado, trará condições para que os diplomados tenham aspectos necessários para o uso do bem cultural e econômico.

# OFENÍSIA SOARES FREIRE: HISTÓRIA DOCENTE NO ATHENEU SERGIPENSE (1941 -1966)

## *Atheneu Sergipense: Traços Da Educação Sergipana*

Várias transformações culturais começaram a acontecer no Estado de Sergipe no final do século XIX, sobretudo no cenário educacional, com a abertura oficial do Atheneu Sergipense, em 03 de fevereiro de 1871. Ao longo de anos houve diversas modificações feitas com base na duração dos cursos de humanidades, assim como as alterações dos nomes atribuídos à instituição de ensino (NUNES, 2008). No início do século XX, em sua primeira década, o Atheneu Sergipense ofertava quatro cursos: Ginásial, Integral, Normal e Comercial. Conforme Alves (2005),

[...] em 1916 quatro eram os cursos oferecidos: Ginásial com 5º anos e destinado aos candidatos aos cursos das escolas de ensino Superior da República; Integral, com 6 anos, para aqueles que, não podendo ou não querendo seguir as profissões proporcionadas pelos cursos superiores, se destinassem a outros de sua escolha; Normal, com quatro anos, destinando-se exclusivamente aos candidatos ao professorado do ensino primário do sexo masculino, e o curso Comercial, feito em três anos e destinado aos interessados nos diferentes ramos de negócios (2005, p. 60-61).

As mudanças refletiram também na forma de ingresso do estudante

no curso superior (ALVES, 2005), visto que no decreto n°. 940, de 2 de julho de 1926, foi determinado que seria indispensável o 1exame “vestibular” nos estabelecimentos de ensino superior. Ou seja, cada instituição superior buscava fazer a avaliação dos candidatos para o ingresso destes na Universidade ou na Faculdade. Sendo assim, através da reforma de Rocha Vaz, que instituiu, através do decreto n°. 16.782- A, de 13 de janeiro de 1925, modificações no ensino secundário, com a criação do curso fundamental com duração de seis anos, equiparando-se ao ensino do Colégio Pedro II. O curso secundário com seis anos completos visava à instrução do aluno, e a partir do quinto ano, no secundário, o estudante teria condições necessárias para prestar exames para ingressar no ensino superior em qualquer instituição. Os que completassem o curso integralmente saíam com o diploma de bacharel em ciências e letras.

Em 4 de abril de 1932 ocorreu mais uma modificação nos estudos secundários do Atheneu Sergipense, ampliando o ensino para sete anos e dividido-o em dois ciclos. A mudança ocorreu através da reforma de Francisco Campos, permitindo que o governo federal tivesse um controle maior na composição do currículo escolar. A medida foi implantada nas escolas públicas e particulares (RODRIGUES, 2015). O primeiro ciclo foi chamado de fundamental, com duração de cinco anos, e visava a um aprendizado mais ampliado, cujo foco não seria entrar no ensino superior. Já o segundo ciclo, chamado de complementar, correspondia a um currículo que estimulava os estudantes a vislumbrarem o ensino superior.

Segundo Dallabrida (2009), a reforma de Francisco Campos estabeleceu, em nível nacional, uma modernização do ensino secundário brasileiro, conferindo uma qualidade à cultura escolar do ensino, o aumento do número de anos no curso, a seriação do currículo, a frequência

obrigatória dos alunos às aulas, uma avaliação normativa para os discentes e a reestruturação da inspeção federal. Esse autor ainda destaca que essa mudança foi o rompimento com uma estrutura já enraizada. “Esse novo desenho alinhava o Brasil aos países ocidentais mais desenvolvidos” (DALLABRIDA, 2009, p. 187).

Com a organização do currículo do ensino secundário sob a responsabilidade do Governo Federal, as propostas de Francisco Campos também foram questionadas. E através do Ministério da Educação e Saúde Pública foi designada uma comissão que submeteu o ensino secundário aos moldes do Colégio Pedro II.

Novas transformações configuraram os estudos do ensino secundário do Atheneu Sergipense, através da Reforma de Gustavo Capanema, com a Lei Orgânica do Ensino Secundário, n°. 4.244, de 09 de abril de 1942, que tinha como finalidade:

1°-Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes. 2°. Acentuar e elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística. 3°. Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial (BRASIL, 1942, s/p).

Com a Reforma de Gustavo Capanema, o ensino secundário foi ministrado em dois ciclos, sendo o primeiro denominado de Ginásial, e o segundo ciclo dividido em curso clássico e curso científico. O curso ginásial teve duração de quatro anos, dando aos estudantes elementos fundamentais para o curso secundário. Já os cursos clássico e científico, cada um com duração de três anos, tinham como objetivo o aprofundamento nas disciplinas. Os estabelecimentos de ensino, segundo a Lei Orgânica, passaram a ser chamadas de ginásio e colégio. O ginásio, por sua vez, era destinado ao ensino secundário do curso do primeiro ciclo.

Já o colégio, além do curso próprio do ginásio, abrangia os dois cursos de segundo ciclo (BRASIL, 1942).

Com a reforma de Gustavo Capanema, a educação feminina em Sergipe ganhou um destaque maior, através da inclusão da disciplina de Economia Doméstica ministrada na 3ª e 4ª séries do Curso Ginásial. A disciplina almejava a formação de mulheres aptas para os serviços domésticos e torná-las preparadas para serem esposas e mães prendadas. Dentro da perspectiva de reformas, o currículo foi modificado com a finalidade de estimular os alunos ao sentimento nacionalista, com valores patrióticos, seguindo o modelo do governo getulista. Essa configuração foi incluída em Sergipe de forma a atender a mudanças educacionais no estado (ALVES, 2014).

Figura 2 - Frente do Atheneu Sergipense– Aracaju/SE



Fonte: Documentação sergipana (Monumentos sergipanos) do IHGSE. N.I

A imagem destaca a frente do antigo Atheneu Pedro II, conhecido como Atheneuzinho, com os alunos enfileirados, sendo que de um lado, as meninas todas uniformizadas, sob o comando da professora. Do outro lado, os meninos, também uniformizados e com a supervisão do profes-



sor.

Dentro das reformas de Gustavo Capanema, o ensino secundário foi ministrado em dois ciclos, tendo sido o primeiro curso Ginásial; o segundo correspondeu aos cursos paralelos: Científico e o Clássico.

Art. 4º O curso clássico e o curso científico, cada qual com a duração de três anos, terão por objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginásial e bem assim desenvolvê-la e aprofundá-la. No curso clássico, concorrerá para a formação intelectual, além de um maior conhecimento de filosofia, um acentuado estudo das letras antigas; no curso científico, essa formação será marcada por um estudo maior de ciências (BRASIL, 1942).

O ensino secundário deu continuidade às modalidades de ensino. O curso Ginásial preparava o aluno para o conhecimento dos métodos, objetivando um bom aprendizado. Os alunos que escolhessem o clássico ou o científico teriam o direito ao ingresso no ensino superior, mediante as exigências da instituição.

Os cursos Clássico e Científico consolidaram o ensino através da formação inicial, e o curso Ginásial visava ao melhor desenvolvimento do aluno e ao aprofundamento nas disciplinas que eram ofertadas. O curso Clássico buscava solidificar o que foi aprendido no ensino primário, objetivando a formação intelectual do aluno. Já o curso científico trazia o estudo mais ampliado das ciências.

Em Sergipe, no ano de 1952, contávamos com uma população de 661.591 habitantes, tendo no campo da educação três unidades de ensino pré-primário na cidade de Aracaju, 755 unidades de ensino fundamental comum, 12 estabelecimentos de ensino secundário, três do ensino comercial, seis de ensino normal e quatro de ensino superior (ALVES, 2014).

Diante de tantas mudanças que o Atheneu Sergipense passou, seja

na sua estrutura ou no seu componente curricular, o colégio buscou acompanhar todos os processos no esforço de ser uma instituição com referência no Estado de Sergipe, bem como almejava o contato com os outros modelos de ensino, como foi o caso das reformas que equiparavam ao ensino do Colégio Pedro II. O Colégio Atheneu Sergipense foi crescendo e se organizando paralelamente com o progresso de Aracaju.

A professora Ofenísia Soares Freire, diplomada normalista da Escola Normal Rui Barbosa, fez parte do quadro de professores do Atheneu Sergipense (1941-1966) e trouxe sua contribuição ao ensino sergipano. Foram 25 anos de serviços prestados à educação de Sergipe.

### ***Ofenísia Soares Freire: professora do Atheneu Sergipense***

A professora Ofenísia Soares Freire, ao chegar à cidade de Aracaju, em 1941, recebeu o apoio do seu cunhado, Manoel Franco Freire, que na ocasião já era catedrático do Atheneu Sergipense, este apresentou a professora Ofenísia Soares Freire ao diretor Joaquim Vieira Sobral, que logo em seguida assinou seu primeiro contrato, em 25 de março de 1941.

Em entrevista ao Jornal da Cidade (1998), Ofenísia Soares Freire lembra que ao chegar a Aracaju, procurando emprego, ouviu de seu cunhado, Manuel Franco Freire, que sua capacidade não era de ensinar em Grupo Escolar, mas sim ensinar no melhor colégio de Sergipe. Manuel Franco Freire, ao conversar com o diretor do Atheneu Sergipense, destacou as experiências da professora na cidade de Estância, e o diretor, que iria aproveitar Ofenísia Soares Freire no setor administrativo, contratou-a como auxiliar na cadeira de Português (JORNAL DA CIDADE, 07 de dezembro de 1998, s/p).

Aos vinte e quatro dias do mês de março de mil novecentos e

quarenta e um, compareceu no gabinete do diretor do Ateneu Sergipense aonde se aclamava este titular, dona Ofenísia Soares Freire e declarou que [...] o contrato de locação de serviços para reger três turmas de Português ou as que lhe forem designadas pelo seu eletivo diretor, a partir de hoje e pelo prazo de um ano de acordo com os artigos números cento e três e cento e seis do regulamento vigente com a autorização do Exmo: Interventor Federal substituto se verifica do ofício número cento e noventa da Secretaria da Justiça e Negócios do Interior [...] a remuneração mensal de quinhentos mil réis 500\$000 (Livro de Registros – 1941-1942).

No ano de 1941, o professor Manoel Franco Freire já havia sido professor em diversas escolas de Aracaju e fazia parte da cadeira de Geometria do Atheneu Sergipense. Além de professor de inglês, ele havia sido diretor de Instrução Pública por duas vezes, em 1927, substituindo Clomomir Silva; e em 1935 foi nomeado pelo interventor federal Eronildes Ferreira de Carvalho.

A partir dos anos 30 do século XX, houve uma modernização do ensino primário através da Escola Nova. São Paulo passou a utilizar novos métodos para a instrução pública, mas foi na direção de Fernando de Azevedo que eles foram consolidados, estando em evidência até os anos 1960. Pensando numa escola ativa, esse novo programa visava a um ensino mais racional, desenvolvendo o método em cada matéria ofertada, utilizando atividades diversas, como realização de excursões, instalação de salas ambientes, prática de atividades agrícolas e outras ações que tiravam a rotina do cotidiano escolar. Essas atividades inovadoras possibilitavam uma ação educativa da escola e maior contato com o meio social, chegando a várias escolas do Brasil (SOUZA, 2008).

A demanda pela ampliação do acesso à escolarização na sociedade brasileira, advinda dos mais diferentes estratos sociais, levou o Estado e os diversos grupos políticos que disputavam o poder na sociedade brasileira a cooptarem quadros importantes da intelectualidade para gerirem projetos, instituições e refor-

mas nas políticas públicas para a educação. A luta pela ocupação desses espaços institucionais em Estados e cidades importantes da federação, no âmbito das acirradas disputas que marcaram os anos vinte, levou à cristalização de tendências e projetos educativos santagônicos(VIEIRA, 2001, p.59).

A contribuição de Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo foi fundamental para a consolidação escolanovista, sobretudo pelos projetos e eventos nacionais, a exemplo da Associação Brasileira de Educação – ABE, criada em 1924. A Igreja Católica, nesse período, ocupava um lugar significativo, sobretudo pela sua posição e consolidação do ensino no país. Os intelectuais da Escola Nova condenavam os ideais católicos, pois “[...] associavam à presença da igreja católica na cultura nacional o atraso, o tradicionalismo, a visão metafísica [...]” (VIEIRA, 2001, p. 58). Ou seja, os intelectuais da Escola Nova buscaram a defesa de uma escola pública, laica, gratuita e obrigatória, que não houvesse imposição pedagógica (NASCIMENTO, 2013).

As inovações foram experimentadas em várias escolas e por inúmeros professores, mas acabaram se constituindo em mais um repertório de atividades enriquecedoras das aulas e do currículo escolar, utilizadas pelos professores em determinadas ocasiões, do que propriamente o eixo norteador da ação educativa. Entre o novo e o velho, o moderno e o tradicional, professores, diretores, inspetores e delegados de ensino apostaram no ‘meio termo’ [...] (SOUZA, 2008, p. 81).

Segundo Souza (2008), essas inovações, embora tivessem sido utilizadas por várias escolas no Brasil, não passaram de mais um repertório de atividades, ou usadas esporadicamente pelos professores; ou seja, não foram o eixo norteador de uma ação educativa. Ainda segundo a autora, entre o moderno e o tradicional, os professores, diretores, inspetores e delegados de ensino ficaram com o “meio termo”, sem comprometer o que já vinha sendo feito na aprendizagem dos alunos.

Segundo Neide Sobral (2010), depois do Regulamento da Instrução

Pública de 1931 houve um marco nos processos de ensino em Sergipe, e o médico Helvécio de Andrade, diretor da Instrução Pública, contribuiu para que as inovações educacionais fossem visíveis no Estado. No regulamento de 1931, o método intuitivo buscou os conceitos de Decroly e as visões globalizadas, ou seja, a percepção da aprendizagem com base no pensamento infantil, em que o conhecimento na ação, na atividade e na prática estava conjugado. Dentro dessa perspectiva, destaca-se o método de Montessori, Decroly, entre outros do mesmo segmento (SOBRAL, 2010). Segundo Neide Sobral (2010), houve um grande esforço de instituir as concepções escolanovistas em Sergipe, especialmente através dos métodos e dos processos pedagógicos.

Como diretor de Instrução Pública, Manoel Franco Freire esteve em diversos locais como São Paulo e Distrito Federal, conhecendo jardins de infância, escolas normais e escolas profissionais. Nessas viagens, teve acesso a uma bibliografia que contemplava pedagogos lidos na época: Ferrière, Decloly, Dewey e Claparède e Lourenço Filho. Essa experiência o possibilitou estudar os métodos e aplicá-los no ensino de Sergipe, como a reforma da Escola Normal, equiparando-a com laboratórios de Física, Química e História Natural, importados da Alemanha (NASCIMENTO, 2013).

Na sua segunda gestão à frente da Instrução Pública, Manoel Franco Freire, em 1935, trabalhou na ampliação de escolas primárias, regulamentou atividades pedagógicas, estimulou a publicação de jornais escolares, divulgou na imprensa oficial orientações de práticas educativas, estimulou o uso do método Decloly, reformulou currículos e regulamentou a inspeção escolar. As mudanças foram sentidas na Escola Normal, sobretudo com a boa preparação de técnicos e professores capacitados para melhor desempenhar a função (NASCIMENTO, 2013).

A relação de Ofenísia Soares Freire com o professor Manoel Franco Freire, evidencia o que Bourdieu (2007) chama de investimento social. Ou seja, para esse autor, existe um critério para a entrada no grupo, e esse capital social é tributário porque visa legitimar o indivíduo e excluir os que não são legítimos. É importante lembrar que a professora Ofenísia Soares Freire é natural da cidade de Estância/SE e que em pouco tempo chegado à capital sergipana, foi contratada do Atheneu Sergipense.

No dia 30 de março de 1941, com apenas seis dias após ter assinado seu primeiro contrato como professora auxiliar do colégio Atheneu, a professora Ofenísia Soares Freire foi convidada para as comemorações radiofônicas organizada pelo Departamento de propaganda, em homenagem ao sexto ano do aniversário de administração do Interventor de Sergipe, Eronildes de Carvalho. Ao microfone da Rádio Aperipê de Sergipe (P.R.Y.6), a professora Ofenísia Freire falou sobre o ensino público em Sergipe dentro das normas do Estado Novo e já se mostrava amistosa e confiante no progresso do ensino público em nosso Estado.

A relação entre a professora Ofenísia Soares Freire e seu cunhado Manoel Franco Freire é compreendida a partir do conceito de Bourdieu, que destaca o capital social como um conjunto de recursos que se potencializam pelas ligações de uma rede forte e durável, com relações de “interconhecimento” e de “inter-reconhecimento”. Ou seja, embora a professora Ofenísia Soares Freire tivesse esse conhecimento, o reconhecimento entre os seus favoreceu sua entrada na instituição ou no grupo.

A existência de uma rede de relações não é um dado natural, nem mesmo um “dado social”, constituído de uma vez por todas e para sempre por um ato social de instituição (representado, no caso do grupo familiar, pela definição genealógica das relações de parentesco que é característico de uma formação social) mas o produto do trabalho da instauração e de manutenção que é necessário para produzir relações duráveis e úteis, aptos para pro-

porcionar lucros materiais ou simbólicos. (BOURDIEU, 2004, p. 68).

Segundo Bourdieu, esse ato social não é sustentado apenas porque tenha alguma relação familiar ou parentesco, mas é necessária a manutenção da produção desses agentes para que haja um retorno material ou simbólico. Ou seja, essa acumulação de trabalho e a manutenção do capital social, destacadas pelo autor, estão representadas no capital herdado, uma vez que esses agentes têm condições de transformar as relações em elos duráveis. “Os grandes devem, nesse caso, empenhar-se em defender a honra coletiva na honra dos membros mais desprovidos do seu grupo” (BOURDIEU, 2007, p. 69). Cada agente deve zelar pela homogeneidade do grupo, aumentando as relações sociais e, consequentemente, a posse do capital econômico e cultural que é fundamental para cada indivíduo.

Quanto ao discurso proferido ao microfone da Rádio Aperipê, a professora Ofenísia começa-o citando Pestalozzi<sup>7</sup>: “O homem não deve apenas saber o que é a verdade, mas também querer e poder o que é reto” (SERGIPE, 1941, p. 5). Com um discurso esperançoso na educação, destacou a importância do professor para a instrução do aluno, pontuando que a rigidez fazia parte do processo educativo.

Essa declaração do sábio que transformou a ciência pedagógica desvendando um campo de perspectivas novas, provando que ensinar não é simplesmente instruir; mas, essencialmente, educar, mostra na rigidez do seu conceito o papel preponderante da razão e da vontade da vida do homem em todos os seus aspectos. Aos homens de vontade e de ideal cabe o direito de conduzir e construir (SERGIPE, 1 de abril de 1941, p. 6).

---

<sup>7</sup>Johann Heinrich Pestalozzi (Zurique, 12 de janeiro de 1746 — Brugg, 17 de fevereiro de 1827) foi um educador pioneiro na reforma educacional. Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna e influenciou diversas correntes educacionais, sendo referência para vários pensadores. “[...] o sistema educativo em suas diversas estruturas deverá ser organizado necessariamente de tal maneira que a ação do pedagogo, tendo em conta o que deverá produzir, possa ser exercida em um clima da liberdade autônoma e responsável. Cada uma das engrenagens institucionais deverá permanecer a serviço do projeto que singulariza a ação pedagógica na relação com o resto das ações humanas, um projeto cujo objetivo principal é a humanidade que se está constituindo com caráter autônomo dentro da relação pedagógica”. (SOËTARD, 2010, p. 26).

A professora também mencionou o trabalho de Eronildes de Carvalho para a educação sergipana, destacando que o interventor tinha interesse pela juventude, instalando escolas higienicamente corretas, construindo grupos escolares e cuidando da saúde das crianças. Ofenísia Soares Freire ainda destacou que Eronildes de Carvalho trouxe melhoramentos e inovações à educação pública, ajustando o ensino de Sergipe, ampliando escolas, oficinas e salas de concerto, introduzindo o canto orfeônico, os trabalhos manuais e uma educação física organizada; disponibilizou curso de aperfeiçoamento para professores primários, estágios e especialização no centro sul do Brasil (SERGIPE, 1941).

Possivelmente, a realidade observada por Ofenísia Soares Freire teve como base o próprio Atheneu Sergipense, instituição em que acabava de entrar como professora auxiliar de Língua Portuguesa. Essa escola já era referência e tinha como modelo o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro. A professora, que iniciou como contratada, renovava seu contrato com a instituição a cada ano, como consta na documentação do Atheneu Sergipense. Ofenísia Soares Freire só conquistou a estabilidade em 1948, sendo equiparada aos funcionários com efeito de efetividade pelo então governador do Estado.

A professora Ofenísia Freire entrou no colégio Atheneu Sergipense como professora auxiliar de Português, por aproximadamente dois anos, antes de assumir suas turmas como titular da disciplina. Consta nessa documentação que a única disciplina ministrada foi a de Português, ensinando somente no curso ginásial até 1949. Na condição de contratada, a professora Ofenísia Soares Freire tinha o direito ao seu salário (com base na hora/aula ofertada pela instituição) e as férias remuneradas de acordo com os regulamentos do Estado. Após sua equiparação ao quadro de funcionários, em 1948, todas as disposições necessárias e de direito



ao trabalhador foram atribuídas à professora, bem como sua nomeação de Professor do Curso Secundário, expedida pelo governador do Estado, inserindo a professora no quadro permanente daquela instituição. A professora Ofenísia Soares Freire foi nomeada como professora efetiva sem concurso.

Depois da sua nomeação, Ofenísia Soares Freire ampliou sua carga horária na instituição, bem como começou a lecionar nos três cursos ofertados pelo Atheneu: Ginásial, Científico e o Clássico. As turmas variavam de acordo com a necessidade de cada ano e das ofertas, e eram sempre registradas no livro de nomeações as portarias, as turmas, séries ou cursos em que o professor iria lecionar. A carga horária costumava mudar com frequência, e a base de hora/aula era diferente para cada curso, sendo que o científico e o clássico tinham os mesmos valores, e o curso ginásial correspondia a um valor inferior aos demais.

O Decreto<sup>8</sup> nº. 21.241, de 04 de abril de 1932, correspondente ao ensino secundário ministrado no Colégio Pedro II e em estabelecimentos de inspeção oficial, descreve que o corpo docente da instituição era constituído de professores catedráticos, professores contratados e auxiliares de ensino. O concurso para os professores catedráticos era feito por decreto, mediante a prova e titulação, avaliados por três membros, indicados pelo Conselho Nacional de Educação. Os professores contratados eram responsáveis pela orientação e fiscalização do ensino de línguas vivas, mediante o Ministério da Educação e Saúde Pública. Os auxiliares de ensino eram escolhidos através de indicação dos próprios professores catedráticos e a responsabilidade destes era de cooperar com as atividades do professor regente (BRASIL, 1932).

---

<sup>8</sup>BRASIL. Decreto nº. 21.241. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1932. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Disponível em:[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D21241.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D21241.htm) Acesso em: 21 de abril de 2016.

Através do regimento interno do Atheneu Sergipense, por meio de Decreto<sup>9</sup> n.º 7 de 14 de março de 1938, compreende-se fazer parte do corpo docente da instituição:

Art. 100. O corpo docente do Ateneu será constituído de professores catedráticos (efetivos e interinos), de professores contratados e de auxiliares de ensino. Art. 101. Os professores catedráticos serão providos mediante concurso que se procederá na conformidade das instruções então expedidas pela Divisão do Ensino Secundário. Art. 102. Os professores catedráticos interinos serão nomeados em caráter provisório até que, legalmente, possam ser providos do cargo. Art. 103. Os professores contratados serão os que tiverem de servir durante determinado número de anos, conforme acôrdo feito com o diretor do Ateneu, sendo os contratos lavrados na Secretaria do mesmo estabelecimento. Art. 104. Os professores catedráticos e contratados deverão lecionar até sete horas de aula por semana, sem outras vantagens além das que confere seu cargo. Art. 105. Quando uma disciplina se estender por mais sete horas semanais, o professor perceberá por aula excedente a gratificação arbitrada na tabela anexa, conforme se trate do curso fundamental ou complementar. Art. 106. Os auxiliares de ensino serão os professores que regem turmas de alunos excedentes das turmas lecionadas pelos catedráticos e professores contratados. Parágrafo único. Os auxiliares do ensino na regência destas turmas perceberão gratificação por aula, sem a obrigação a que se refere ao art. 104 (SERGIPE, 1938, s/p).

Como mencionado anteriormente, o ingresso da professora Ofénisia Freire no Atheneu Sergipense deu-se pela indicação do professor Manoel Franco Freire, catedrático da instituição. A professora entrou como contratada, ficando por mais de oito anos nessa condição, como consta nos direitos do Art. 103 (decreto n.º 7 de 14 de março de 1938), que previa o professor servir durante um determinado tempo, conforme acordo com o diretor da escola.

No livro de estatística da educação e saúde do colégio Atheneu Ser-

<sup>9</sup>Decreto n. 7, de 14 de março de 1938 (Regimento interno do Atheneu Sergipense).

gipense, do ano de 1952, consta uma lista dos docentes em exercício ou afastados, bem como os benefícios dos professores (catedráticos, contratados e designados), e foram enumeradas 10 informações relevantes à instituição de ensino e suas atribuições. O professor catedrático recebia o valor de Cr\$2000,00 para cumprir uma tarefa de 12 aulas semanais, com direito a aulas excedentes de 20 ou 15 cruzeiros, no valor de Cr\$300,00 como adicional de cada magistério, sendo um 1/3 dos vencimentos aos 25 anos e 4% de cinco anos. O professor contratado ou designado recebia o valor referente a Cr\$15,00 e Cr\$20,00 no curso colegial e ginásial, não tendo direito a nenhum adicional do estabelecimento (LIVRO DE ESTATÍSTICA, 1952, s/p).

Os dados levantados no livro de estatística do ensino complementar do Atheneu Sergipense trazem uma espécie de questionário com informações relacionadas à instituição, enumeradas em 10 tópicos:

1-Entidade mantenedora. Governo do Estado de Sergipe. Se é de natureza privada, tem fins “reli”.... 2- O estabelecimento é filiado a uma Universidade? Não. 3- O estabelecimento não é oficial, sofre o seu ensino o controle do governo? É oficial. 4- Em que ano foi inaugurado? 1846. 5- Ministra ensino religioso? Não. 6- Ministra educação física? Sim. De caráter obrigatório? Sim. 7- Mantém instrução militar? Não. 8- Recebeu subvenções ou auxílios do poder público no ano a que se refere o formulário? Sim. Da união? Não. Do Estado? Sim. 9- Pessoal não docente que o estabelecimento emprega. 10- Nominata do corpo docente em exercício ou não (LIVRO DE ESTTÍSTICA – 1952, s/p).

**Quadro 01: Docentes do Atheneu Sergipense - 1952**

Professor(a)	Sexo	Idade	Nacionalidade	Naturalidade	Categoria	Situação
Adalberto C. Silva	H	34	Brasileiro	Sergipe	Professor	Ativa
Alberto Bragança Azevedo	H	51	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Alvina Marques da Silva	M		Brasileiro	Sergipe	Professora	Ativa
Antônio Gilson Rocha	H	19	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Augusto T. Azevedo	H	30	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Aurea Melo	M		Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Ayrton Souza Porto	H	20	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Candida V. Ribeiro	M	37	Brasileira	Sergipe	Professora	Ativa
Clovis Sobral	H	28	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Dalva L. Nou	M		Brasileiro	Sergipe	Catedrática	Ativa
Ester A. Vasconcelos	M	57	Brasileiro	Sergipe	Professora	Ativa
Felte Bezerra	H	42	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Fernando B. Nunes	H	26	Brasileiro	Sergipe	Designado	Ativa
Francisco Portugal	H	54	Brasileiro	Sergipe	Designado	Ativa
Gentil T. Mota	H	58	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Gonçalo R. Leite	H	45	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Henriques V. S. Neto	H	21	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa

Hercilio Cruz	H	31	Brasileiro	Sergipe	Substituto	Ativa
Ismael C. Moura	H	19	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
João A. Montes	H	45	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
João B.P. G. Moreno	H	40	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
João E. Cajueiro	H	44	Brasileiro	Alagoas	Catedrático	Ativa
Joaquim V. Sobral	H	52	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
José A.da R. Lima	H	54	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
José B. Fontes	H	34	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
José B. F. Neto	H		Brasileiro	Sergipe	Designado	Ativa
José C. de Souza	H	23	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
José C. F. Calasans	H	17	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
José de G.Peixoto	H	18	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
José F. Gesteira	H	34	Brasileiro	Bahia	Designado	Ativa
José F. de Oliveira	H	32	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
José Franklim	H	36	Brasileiro	Sergipe	Designado	Ativa
José Lima Azevedo	H		Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
José O.de L. Neto	H	51	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
José R. Leite	H	38	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
José V. de Assis	H	21	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Jurgurta F. Franco	H	51	Brasileiro	Sergipe	Designado	Ativa
Kleber F. Pinto	H	17	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa

Lourenildes R. Nascimento	M	20	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Lucila de O.Moraes	M	22	Brasileiro	Sergipe	Designada	Ativa
Lucilo C. Pinto	H	37	Brasileiro	Pernambuco	Catedrático	Ativa
Luiz Barbosa	H	21	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Manoel Franco Freire	H	55	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Manoel Joaquim S. Lima	H	22	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Manoel Ribeiro	H	36	Brasileiro	Alagoas	Catedrático	Ativa
Maria A. de Aguiar Cruz	M	19	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Maria Carmelita Araújo	M	22	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Maria das G. A. Melo	M	30	Brasileiro	Sergipe	Designada	Ativa
Maria Ester L. Azevedo	M	18	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Maria José R. Teles	M	38	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Maria Leite Melo	M		Brasileiro	Sergipe	Designada	Ativa
Maria Silvia Sobral	M	28	Brasileiro	Sergipe	Professora	Ativa
Maria Thetis Nunes	M	28	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Napoleão A. Oliveira Dórea	H	38	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Núbia Menezes Santos	M	20	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
<b>Ofenísia Soares Freire</b>	<b>M</b>	<b>38</b>	<b>Brasileiro</b>	<b>Sergipe</b>	<b>Professora</b>	<b>Ativa</b>

Osvaldo B. Dantas	H		Brasileiro	Bahia	Designado	Ativa
Roberto S. Mendonça	H	21	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Saulo A. Machado	H	23	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Saulo S. Mendonça	H	18	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa
Severino P. Uchôa	H	41	Brasileiro	Pernambuco	Designado	Ativa
Terezinha Cerqueira	M	22	Brasileiro	Bahia	Contratada	Ativa
Terezinha de J.Santana	M	22	Brasileiro	Piauí	Contratada	Ativa
Terezinha H. Mota	M	25	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Valdete C. Brito	M		Brasileiro	Sergipe	Professora	Ativa
Virginia C. Dias	M	22	Brasileiro	Sergipe	Contratada	Ativa
Virgínio Santana	H	63	Brasileiro	Sergipe	Catedrático	Ativa
Walfrido Maria de Andrade	M	32	Brasileiro	Bahia	Contratado	Ativa
Walter C. Donald	H	68	Brasileiro	Bahia	Professor	Ativa
Willie Plácido Muniz	M	21	Brasileiro	Sergipe	Contratado	Ativa

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir do livro de Estatística (CEMAS)

No item 1 não é possível identificar o final da pergunta, porque o documento está danificado. É provável que o “reli” (abreviado) seja religioso, visto que o ensino religioso era comum no ensino secundário, como atesta a Lei Orgânica<sup>10</sup> de 1942. No item 9, foi constatado que, além do quadro de docentes, existia o pessoal da direção, do administrativo, auxiliar de ensino, pessoal subalterno e geral. No item 10 consta

<sup>10</sup>Art. 21. O ensino de Religião constitui parte integrante da educação na adolescência, sendo lícito aos estabelecimentos de ensino secundário incluí-los nos estudos do primeiro e do segundo ciclo. Parágrafo único. Os programas de ensino de religião e o seu regime didático serão fixados pela autoridade eclesiástica. (BRASIL, 1942).

todo o quadro docente da instituição, constando o nome completo, sexo, idade, nacionalidade, naturalidade, categoria, situação e diploma. Segue a relação do quadro docente do Atheneu Sergipense no Livro de registros de 1952.

Em 1952 o Atheneu Sergipense tinha 20 professores catedráticos, oito professores nomeados (foi o caso da professora Ofenísia Soares Freire que teve nomeação por decreto, assinado pelo governador do Estado em 1949), 29 professores contratados, 12 designados e um substituto. É possível perceber que nesse ano apenas duas mulheres faziam parte dos professores catedráticos: a professora Maria Thetis Nunes e a professora Dalva Linhares Nou.

A grande maioria dos professores eram sergipanos, mas o quadro também tinha profissionais dos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Piauí. Com base no livro de registros do CEMAS de 1952, é possível perceber que, além dos professores catedráticos, contratados e designados, na tabela 8, do mesmo livro de registro, há também as categorias professor e professor substituto. É provável que a condição de professor, destacada nos dados do corpo docente da instituição, faça parte da condição de nomeação, assim como foi o caso da professora Ofenísia Soares Freire, como destacado. Nessa condição, o professor nomeado gozava de todos os direitos de estabilidade, com base na Constituição Federal, com direito à aposentadoria; só não tinha o grau de catedrático.

Além de realizar as atividades em sala de aula, a professora Ofenísia Freire participava de bancas examinadoras para admissão de alunos no Atheneu Sergipense. Faziam presentes para a avaliação o inspetor federal e os membros da comissão examinadora, constituída pelos professores da instituição ou convidados. Os exames aconteciam em vários dias e, para cada disciplina avaliada, constavam cerca de três profes-



res por área.

Na ata geral de exames de admissão, realizados em 1960, foram observados de forma detalhada, os resultados para a 1ª série do ginásial. A provas aconteceram em quatro dias, com a presença da banca examinadora de professores formada por: João E. Cajueiro, Ofenísia Soares Freire, Leão M. Brasil, Olga A. Barreto, Maria da Glória Monteiro, Ester A. Valadares, Gildete Lisbôa, Adelcy Figueiredo e Joel Aguiar. As provas estavam divididas em Português, Aritmética, Geografia e História. Apenas a prova de português era oral e escrita. As notas da prova escrita eram mais baixas que as provas orais e variavam entre zero e sete. Eram raras as notas 10, tanto na prova escrita quanto na oral. Os professores de português do Atheneu Sergipense, além da professora Ofenísia Freire, foram os catedráticos João Evangelista Cajueiro e José Olino de Lima Neto.

## *As aulas na visão dos ex-alunos*

A imagem a seguir destaca a aula inaugural em uma das salas do Antigo Atheneu, na década de 1940. Podemos observar que a sala era organizada de forma que houvesse um distanciamento entre o professor e o aluno. Para tal, existia uma espécie de palco; ou seja, uma elevação do piso para hierarquizar os saberes. Como é percebido, as carteiras eram utilizadas em dupla para melhor acomodar todos os alunos.

Figura 3 – Aula inaugural em uma das salas do Atheneu Sergipense– Aracaju/SE



Fonte: Documentação sergipana – Livro de Monumentos Sergipanos do IHGSE - 1940

Os estudos sobre a cultura escolar também foram um campo em crescimento na década de 1970 (JULIA, 2001). A partir desse momento, o campo escolar deixou de ser visto apenas como um espaço mediador e reproduzidor e ganhou espaço privilegiado, onde professores e alunos passaram a ser vistos como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Julia (2001) sobre a cultura escolar,

Descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolí-

ticas ou simplesmente de socialização) (2001, p. 10).

As normas e as práticas escolares precisam ser analisadas através do corpo profissional, pois os docentes são responsáveis por cumprir essas normas, estabelecendo métodos ou dispositivos pedagógicos para facilitar os saberes escolares. Nesse limiar, o trabalho do professor é percebido e avaliado resultados que são alcançados em sala de aula, possibilitando que a aplicação e os saberes sejam testados a cada cultura escolar estabelecida.

Investigar a prática docente, compreendendo-a na intersecção do saber e da ação de professores, instou a indagação sobre as misturas de vontades, gostos, experiências, acasos que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos identificados como docentes: o modo particular de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de dirigir aos alunos, de utilizar os recursos didáticos e, mesmo, a maneira de organizar a relação pedagógica. A relação entre experiência de vida e ambiente sócio-cultural também passou a objeto de reflexão traduzida em questões sobre o impacto do estilo de vida do professor dentro e fora da escola, de suas identidades e culturas sobre modelos de ensino e sobre a prática educativa (VIDAL, 2009, p. 36).

Dentro dessa concepção, os aspectos internos da sala de aula por meio da relação professor/aluno, possibilitam a socialização de experiências que corroboram para o andamento e a organização do ambiente cultural/escolar. O docente, por sua vez, observa em sua prática escolar caminhos e soluções possíveis para os problemas enfrentados no cotidiano da escola. O objetivo do trabalho docente, nessa perspectiva, corresponde ao conhecimento de experiências individuais que serão transformadas em saberes pedagógicos, através do uso do tempo e do espaço e dos conteúdos que serão abordados na relação com a clientela da sala de aula.

A professora Ofenísia Soares Freire, quando proferiu homenagem à

mestra Quintina Diniz, em 1957, destacou suas experiências como aluna e suas influências teóricas que foram importantes para sua formação. A professora destaca com carinho “aprendi a amar Maria Montessori através do seu método, que foi a libertação da escola ativa” (Diário Oficial, 7 de dezembro de 1957). O método de Montessori era considerado “desenvolvimentista”, pois ela acreditava que as crianças tinham a capacidade de conduzir seus próprios caminhos e que o professor as acompanhava sempre que fosse possível. Acreditando no aprendizado infantil e no investimento de recursos para as séries iniciais, Montessori observou que cada criança tem dentro de si seu potencial e que este precisa ser estimulado (RÖHRS, 2010).

Através dos relatos dos ex-alunos da professora Ofenísia Soares Freire é possível conhecer-se aspectos do cotidiano escolar e das práticas educativas em sala de aula. Eles conseguiram lembrar momentos muito particulares que vivenciaram ao longo dos seus estudos com a professora Ofenísia Soares Freire destacando também os métodos que ela utilizava para ministrar os conteúdos, de forma que envolvesse os alunos com disciplina e interação. Na fala de José Araújo, percebe-se claramente a riqueza de detalhes do interior da sala de aula, destacando a maneira como a professora Ofenísia Soares Freire expunha seus conteúdos, metodologias e forma de avaliar seus alunos,

Normalmente as aulas eram expositivas, quadro, o quadro não era verde, era negro. O giz era branco. Depois o quadro verde. Ela fazia muitos esquemas no quadro. Falava muito. Não ditava aula. Sempre tinha o livro didático para ler. Os livros tinham propostas de exercícios. Bem menos do que os de hoje. Os livros da época não tinham cores, quando tinha uma foto, era em preto e branco. O livro de letras e espaços em branco. Raramente uma foto. A professora nos fazia ler, corrigia a leitura, corrigia a entonação da leitura, sentindo o texto. De sorte que o outro entendesse a expressão. Ensinava a declamar. Pense que a aula de português era uma aula de tudo concernente à expressão oral e escrita (José Araújo, 2015).

Esse ex-aluno ainda destaca que as aulas de português não ficavam restritas aos conteúdos, pois a preocupação era que seu aluno escrevesse bem e falasse corretamente. Sendo as aulas expositivas, o livro didático era de uso frequente para a fundamentação das suas aulas, mas a utilização do livro ia além da exposição, pois, sendo uma professora de língua portuguesa, extraía, além da leitura, a entonação e os fundamentos para a produção de um texto. José Araújo observa que o livro didático utilizado na época tinha poucos exercícios, muitos espaços em branco e raras ilustrações.

Segundo Nícia Clare (2003), os estudos linguísticos no Brasil datam do final do século XVIII e início do século XIX, mas só intensificou no início da República com o método científico. No lugar da gramática, retórica e poética, todo conteúdo transformou-se em Língua Portuguesa. No início do século XX, houve uma maior preocupação com a escrita, fazendo uso de manuais de gramática normativa, expositiva e metódica.

Essa preocupação com a boa escrita pôde ser comprovada, posteriormente, no início do século XX, pela análise dos manuais utilizados na época: a Gramática expositiva, de Eduardo Carlos Pereira (em dois volumes: curso elementar e superior), a Antologia nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet (publicada em 1907 e consumida em 43 edições até os anos 60, baseando-se na modalidade culta em autoridades clássicas e apresentando sobre cada escritor sucinta biografia histórica e literária), além de O idioma nacional, de Antenor Nascentes; a Gramática normativa da língua portuguesa, de Francisco da Silveira Bueno, e a Gramática metódica da língua portuguesa, de Napoleão- Mendes de Almeida. (CLARE, 2003, p. 9)

Na década de 30 do século XX, a gramática histórica adquiriu novas dimensões, sobretudo com a introdução da língua materna no ensino universitário, tendo como representante o filólogo Ismael de Lima Coutinho, com sua prática através do método histórico-comparativo. Segundo Nícia Clare (2003) o uso da gramática de Pereira (106 ed., 1957)

destacava-se por ser expositiva e era dedicado aos três primeiros anos ginasiais. Outros autores também fizeram parte dos clássicos e modernos, como foi o caso de Alexandre Herculano e Antônio Feliciano Castilho. Ainda segundo essa autora, Pereira tinha uma noção mais ampla da língua, chegando a ser vista como gramática para cultos.

A prática do uso gramatical se dava pelos textos antológicos, cuja análise voltava-se para a parte lógica. Sendo assim, os textos clássicos do século XVI, como os *Lusíadas* de Luiz Vaz de Camões, eram vistos como um “terror” por parte dos alunos, que eram obrigados a analisá-los (CLARE, 2003). Os *Lusíadas* foram um dos livros mais utilizados pela professora Ofenísia Soares Freire, levando a vários estudos e publicações. Seus ex-alunos destacaram que a obra foi utilizada pela professora em sala de aula. Veremos mais adiante comentários com relação a esse fato.

O uso da gramática normativa nos textos literários não era a única preocupação dos gramáticos, como também a estilística e a linguística, através dos estudos de Mattoso Câmara na década de 1950. Segundo Nícia Clare (2003), desde o início do século XX até os anos 50, o ensino destinava-se à elite, uma vez que as camadas populares não tinham tanto acesso à escola, pois as vagas eram escassas.

Nos ensinos primário e secundário (correspondentes, respectivamente, aos atuais ensinos fundamental e médio), nos anos 50, trabalhava-se, ainda, com a antologia. Mas a questão do ensino ainda se mantinha problemática. As nomenclaturas eram muito variáveis e cada professor seguia a sua linha, até que, diante do caos reinante, o governo federal incumbiu um grupo de gramáticos da tarefa de compilar termos técnicos, relacionados à Língua Portuguesa, que deveriam ser empregados uniformemente em todo o país. Esse glossário foi publicado, em 1959, sob a forma de portaria, com o título de *Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)*, a fim de padronizar as referências descritivas sobre a língua, numa tentativa de redirecionamento de estudos (CLARE, 2003, p. 12).

Para Luzia Maria, aluna da professora Ofenísia Soares Freire no colégio Tobias Barreto, a poesia foi marca registrada nas aulas, pois a declamação era algo que complementava os conteúdos estudados, incentivando seus alunos a falar corretamente e a se preocupar com a escrita.

A professora Ofenísia adorava poesia, adorava tudo que tinha poesia. Os alunos declamavam. Ofenísia incentivava muito os alunos a escrever. Ela ficava muito feliz quando um aluno mostrava algo que tinha escrito, valorizava o aluno e através dessa valorização, conseguia o que queria. Eu sou da época do professor que tinha respeito pelo professor e o professor também. A professora Ofenisia tratava o aluno como se fosse igual, mas medindo a distância. Havia o respeito. O aluno sabia respeitar o professor e os professores respeitavam os alunos. Era o método que ela tinha, mostrava todo seu rigor como professora. Ela foi minha professora do primeiro científico. Ela era de uma didática surpreendente, era amiga dos alunos, ensinava de uma maneira que o aluno passava a gostar daquilo que ensinava (Luiza Maria, 2015).

Segundo essa ex-aluna, a interação com os alunos fazia com que aulas da professora Ofenísia Soares Freire ficassem mais dinâmicas e tivessem uma participação maior dos alunos. Produziam seus trabalhos, declamavam poesias, escreviam, mas nada que colocasse em risco a harmonia na sala de aula. A professora Ofenísia Soares Freire buscou ser amiga dos alunos, mas sem perder os valores e o sentido educacional. Existia a valorização do aluno e, o aluno tinha o gosto de mostrar seus escritos.

Ainda destacando a interação dos alunos em sala de aula, José Araújo pontua que essa postura da professora Ofenísia Soares Freire ia além dos bancos escolares, pois os alunos que mais se interessavam nas leituras e nos escritos literários participavam de um grupo de estudo que acontecia na residência da professora. Havia discussões complementares com textos que a professora julgava importantes. Nessas reuniões de

estudos com os alunos poderiam dirimir suas dúvidas com mais tempo e dedicação.

O que dizer de Ofenísia como professora. Havia uma interação muito grande dos alunos. Ela permitia que se perguntasse. Ela mesma fomentava essas perguntas. Era comum, terminada a aula, um grupo de alunos a acompanhava fazendo perguntas até a sala dos professores, às vezes ela ficava a porta da sala dos professores, conversando com os alunos, quase que não tinha intervalo para si. E muitas vezes ela convidava alunos à casa dela para conversar sobre literatura, sobre texto, sobre autores. Ela tinha um grupo de alunos que sempre estava conversando com ela. No ponto de vista do relacionamento em sala de aula, era muito bom, sempre se propunha a responder, sempre levava textos interessantíssimos. Nós tínhamos um livro didático, mas ela sempre levava textos, visto que estudávamos literatura nos dois anos. Língua portuguesa naquela época era tudo. E então, o professor de língua portuguesa tinha que trabalhar com redação, tinha de trabalhar a literatura, interpretação de textos e a gramática. Tudo isso em 3h aula por semana. De 50 minutos cada aula. E dava tempo de fazer tudo. Não sei como se fazia. Era um milagre. Hoje você tem a língua portuguesa dividida em pedacinhos e não dá tempo de fazer nada, praticamente. Também uma coisa interessante é que as aulas começavam mais ou menos no dia primeiro de março, terminavam dia 10 de junho. Começavam as festividades juninas a partir de Santo Antônio que é 13. E começava no dia primeiro de agosto e terminava 14 de novembro que dia 15 era o feriado dia da república. A gente já sabia quando começavam e quando terminavam as aulas. (José Araújo, 2015).

Percebemos na fala do professor José Araújo que existia uma interação entre a professora Ofenísia Soares Freire e seus alunos, destacando que após o término da aula, os estudantes corriam pelos corredores para tirar dúvidas e a conversar, e quase não sobrava tempo para o descanso da professora no intervalo de uma aula para outra. Outro ponto evidenciado era o uso de textos complementares aplicados pela professora, que não ficava restrita ao uso do livro didático escolar. José Araújo salienta que a aula de Português era toda completa, pois tinha redação, literatura, interpretação de texto e gramática. Ressalta ainda que para o



grande número de informações, apesar do pouco tempo disponível para se abordar esses conteúdos, a professora conseguia desenvolvê-los de forma satisfatória. Ainda segundo José Araújo, hoje a língua portuguesa é dividida em pedaços, com um número maior de aulas, mas não dá tempo de concluir os conteúdos previstos.

A imagem a seguir retrata a sala de aula do colégio Atheneu Sergipense em 1951. Podemos observar uma sala arejada e iluminada. Notamos também que o professor não estava numa posição elevada, no sentido de se distanciar dos alunos. O quadro negro ainda era presente nas salas. Percebemos também que as carteiras continuam no tamanho bem espaçoso, possivelmente utilizadas em duplas ou de forma individual, com aproximadamente 40 lugares.

Figura 4 – Sala de aula do novo Atheneu – Aracaju/SE



Fonte: Documentação sergipana – Livro de Monumentos Sergipanos do IHGSE - 1951

Para a ex-aluna Malba Vilas-Boas, a professora Ofenísia Soares Freire tinha um conhecimento abrangente, e isso acabava estimulando os alunos a buscarem conhecer melhor para poder participar nas aulas.

Havia muitos questionamentos, e a professora fomentava o debate para que o aluno pudesse falar e aprimorar sua oratória.

Eu fui aluna no científico todo. Ela me ajudou, de certa forma, pela segurança e pela maneira didática que ela tinha de passar os conhecimentos e de avaliar os alunos. Ela inspirou minha vocação para o magistério. Eu adorava ela. Ela era uma mestra na essência da palavra. Apesar dela não ter feito mestrado, naquela época não existia. Mas se existe uma mestra na essência da palavra, ali era uma. De um conhecimento abrangente, uma capacidade de apresentar o conteúdo, avaliar, de falar com os alunos, você sabe que em cada sala de aula tem alunos, embora no mesmo nível e mesma idade, de interesses e capacidades de assimilar diferentes. Ela tinha essa arte. Ela era uma autodidata. Ela chamava muito, ocupava muito, questionava muito. Ela tinha uma forma como professora. Ela fazia como eu diria hoje de avaliação relâmpago. Então ela lançava: valendo meio ponto. Todo mundo queria ganhar. Porque na escrita não era fácil não. Os 10 últimos minutos finais eram de questionamentos. Fazia uma pergunta: fulano, cicrano. Se você não acertava, passava para o vizinho para ver se estava prestando a atenção. Ela tinha uma didática. Era aquela professora que chegava na hora dela, dava a aula dela, conversava com todo mundo. Era assim, uma professora de grande respeito, grande responsabilidade. Papai dizia: o colégio só lucrou com a chegada dela (Malba Vilas-Boas, 2015).

Para Malba Vilas-Boas, a didática da professora era fundamental, principalmente para manter a interação entre os alunos. Ela destaca que Ofenísia Soares Freire fazia perguntas a todos, principalmente para saber se eles estavam prestando atenção ao conteúdo abordado. Percebemos que a professora, de acordo com as memórias dessa ex-aluna, era pontual e passava respeito para seus alunos, sem perder essa relação mais estreita com eles. Malba ainda observa que a professora Ofenísia Soares Freire foi inspiração para que escolhesse a profissão docente.

José Anderson do Nascimento explica que a interação nas aulas da professora Ofenísia Soares Freire foi importante para ele, pois o ajudou

a identificar suas habilidades e, conseqüentemente, a escolher sua profissão. Destaca que as aulas da professora eram dinâmicas e contavam sempre com a participação ativa do aluno. Observa que a professora era polivalente, pois ensinava a parte gramatical, o uso da língua, mas sempre fazendo uma relação com a literatura. Sendo assim, as aulas tornaram-se mais dinâmicas. Salienta que para a época, essa forma de ensinar era menos comum, a exemplo de outros professores.

Eu iniciei o curso médio que na época era curso secundário. Ela foi minha professora no 1º ano, a disciplina era Língua e Literatura Portuguesa. Ela era uma professora polivalente. Ela dava uma iniciação geral aos seus alunos. Na parte gramatical e nas funções da língua. Ela fazia uma associação dessa parte técnica e linguística, com a parte literária. As aulas tornavam-se muito dinâmicas para a época. Isso eu estou me referindo aos anos 1960 e 1961 que esses recursos de didática na época não eram utilizados. Na época era o professor sentado na cátedra, os professores faziam seu discurso, era praticamente discursiva. E Ofenísia interagía com seus alunos. Isso era muito importante, no meu caso, quando saía a definição profissional, se nós iríamos para o lado das ciências exatas ou humanas, aí a gente era encaminhado. O Atheneu você já tinha divisão no curso clássico para as ciências humanas e o curso científico para as carreiras: matemáticas, medicina. Mas um pessoal ia para o científico e os outros para o direito, letras, geografia e história. Quer dizer, a outra parte, ia para o curso clássico. Ofenísia ensinava tanto o científico como o clássico. Porque a língua portuguesa na época era eliminatória no vestibular. Você só iria para as provas seguintes se fosse aprovado no português. Era fatal. Se você não passasse naquele ano na língua portuguesa no vestibular, você só tinha oportunidade no outro ano. Você ficava um ano sem o seguimento nos estudos, porque o vestibular se realizava de ano em ano (José Anderson, 2015).

Por ter ensinado no curso científico e clássico, a professora Ofenísia Soares Freire ministrava conteúdos diferenciados nos dois cursos, pois cada um deles direcionava o aluno para determinada profissão. Para José Anderson do Nascimento, a professora o ajudou a escolher o curso

que mais se identificava em relação às matérias que eram ofertadas na escola. Ele ainda salienta que o Atheneu fazia essa divisão com a finalidade de o aluno ter maior êxito na hora que fosse prestar o exame para entrar na Faculdade. Ainda destaca a importância que o português tinha nesses exames, pois era de caráter eliminatório e caso o aluno perdesse nessa matéria, teria que estudar o ano todo novamente a fim de prestar os exames para entrar no curso desejado.

Interessante que todos os relatos destacam que a professora Ofenísia Soares Freire mantinha uma interação com seus alunos, embora não perdesse o respeito em sala de aula. Para a ex-aluna Terezinha Belém, o respeito e a postura da professora eram suas características mais marcantes.

Realmente foi há muito tempo, mas de qualquer maneira eu me lembro da professora Ofenísia como uma professora que inspirava respeito, só pelo modo de tratar e de expor tudo que ela tinha. Uma autodidata. Ela começou a trabalhar a língua portuguesa e literatura baseada no texto. Foi uma abordagem didática atual, que naquela época, da década de 1960 quase nunca se fazia. Quando ela chegava à sala ela impunha respeito, e acho que todo mundo ficava muito intimidado de conversar muito, de abordar. Ela era uma pessoa muito humana. Não lembro de ter havido algum atrito na sala. Ela sempre se mostrava elegante no modo de falar, no seu modo de tratar as pessoas. Como eu disse anteriormente, uma pessoa humana. Ela tinha uns livros. Ela levava também jornais, a partir dos jornais fazia os comentários (Terezinha Belém, 2015).

Terezinha Belém destacou que a professora Ofenísia Soares Freire inspirava respeito por onde passava, principalmente por sua forma de tratamento e exposição de conteúdo. Observa que sua didática era atual, que na década de 1960, quase nunca se fazia. Ainda pontua que os alunos acabavam um pouco intimidados com a postura da professora em sala de aula e, restringindo-se a abordá-la. Observa que a professora era

muito humana, que além de trabalhar com os livros, levava materiais complementares, a exemplo de jornal impresso, que ajudava os alunos a formularem comentários sobre os assuntos abordados no material. Terezinha faz uma ressalva na entrevista dizendo que foi apenas um ano que estudou com Ofenísia Soares Freire no Atheneu Sergipense.

Wellington Manguiera narra uma passagem quando foi aluno da professora Ofenísia Soares Freire, na década de 1950, ainda com 11 anos de idade. No fato apresentado é possível observar que a professora costumava fazer redações para o melhor exercício da escrita e da própria imaginação do aluno, e fazia questão de chama-lo a sua mesa e destacar os pontos negativos e positivos do trabalho.

Então ela já me impressionou na primeira aula, e já foi um momento de grandeza. Tive uma pequena tristeza, porque me achei flagrado em algo deselegante, para quem amava demais a professora Ofenísia. Tinha apenas 11 anos de idade, quando ela passava uma redação livre, eu me apeguei a uma história. Dona Biliu era uma moça amiga da gente, da nossa família, ela gostava de contar história para todos nós. Eu me apeguei àquele conto de dona Biliu, e transcrevi aquele conto, tinha na cabeça, eu botei. Mas a professora Ofenísia tinha dito que seria algo espontâneo, que tinha que criar a história, e aquele conto ela conhecia. Então eu plagiei, digamos assim. Ela disse: “Wellington, não foi isso que pedi, está certo, escreveu direitinho, tem esse erro de português, tem esse aqui de concordância”. O fundamental que a gente ia para a mesa dela na hora da correção. “Mas o importante que você fez diferente. Você contou uma história”. Mas aí eu fiquei tão encabulado, que prometi a mim mesmo, que teria mais cuidado com essas coisas. Bom, transcorremos assim os primeiros anos do Atheneu (Wellington Manguiera, 2015).

De forma geral, as aulas da professora Ofenísia Soares Freire, segundo seus ex-alunos, eram de interação e disciplina. Havia uma participação ativa dos seus alunos e a valorização dos trabalhos produzidos, pois tornaram o ambiente da sala de aula mais dinâmico e com resultados mais visíveis. Era considerada por eles como uma professora mais

atualizada, por ser detentora de uma prática educativa diferente dos demais professores, pois mantinha uma postura menos tradicional. Eles viam nas aulas de Língua Portuguesa, não só a gramática, mas redação, literatura e poesia.

Essa interação com os alunos e o estímulo em sala de aula nos mostram que nas aulas de língua portuguesa do Atheneu Sergipense havia um dinamismo importante para o resultado final da aprendizagem.

### ***Registros da prática docente de Ofenísia Soares Freire***

Segundo Dominique Julia (2001), o estudo histórico das disciplinas escolares mostra que, embora haja disposições atribuídas pela sociedade à escola, o professor tem ampla liberdade e não deve se sentir pressionado com imposições externas. Ou seja, apesar de o trabalho do professor ser sempre passível de questionamento, seja pela natureza de ensino ou pelas mudanças inerentes dos resultados escolares, o professor não deve se importar. “De fato, a única restrição exercida sobre o professor é o grupo de alunos que tem diante de si, isto é, os saberes que funcionam e os que ‘não funcionam’ diante deste público” (JULIA, 2001). Para cada público, uma forma de ensinar.

Convém examinar atentamente a evolução das disciplinas escolares, levando em conta diversos elementos que compõem esta estranha alquimia: os conteúdos ensinados, os exercícios, a prática de motivação e de estimulação dos alunos, que fazem parte destas ‘inovações’ que não são vistas, a prova da natureza quantitativa que asseguram o controle das aquisições (JULIA, 2001, p. 34).

Para compreender a “materialidade” da sala de aula e dos aspectos que norteiam a cultura escolar, convém destacar a importância do fazer no interior da escola. Segundo Julia (2001), o conjunto de conteúdos

ensinados, as atividades e os estímulos aos alunos, trazem os objetos necessários para a compreensão do ambiente escolar e da relação entre professor/aluno.

Tomamos em sua materialidade, os objetos da escrita permitem não apenas a percepção dos conteúdos ensinados, mas o entendimento do conjunto de fazeres ativados no interior da escola. Para além dos enunciados, registrados em cadernos, planos de aula, exercícios e anotações administrativas, assume destaque, a maneira que o espaço gráfico da folha de papel é organizado, determinando usos (folha impressa, papel pautado, caderno, folha lisa) utilizando-se de fórmulas indicativas de início ou encerramento de atividades, definindo uma classificação e uma hierarquia de saberes e sujeitos, solicitando informações que visam à identificação (como data, nome e local) (VIDAL, 2009, p. 31).

Segundo Vidal (2009), essa amplitude de objetos que compõem o universo escolar permite uma melhor identificação do cotidiano na sala de aula. Quando ela classifica o que pode ser utilizado como fonte para o pesquisador, reafirma a importância dos diversos caminhos para construir uma pesquisa. Para a constituição deste trabalho, foram utilizadas as cadernetas da professora Ofenísia Soares Freire no Atheneu Sergipense. Analisamos os conteúdos, as atividades, avaliações e suas observações como: o número de repetentes naquela turma, suspensões e alteração de notas.

José Anderson destaca como os conteúdos eram ensinados pela professora Ofenísia Soares Freire, observando que esta professora fundamentava-se em vários autores para justificar o conteúdo abordado. O uso de autores nacionais e internacionais na discussão em sala de aula era uma prática comum na formação da professora, como já vimos em suas inspirações e em sua visível admiração pelo autor e sua obra.

Ofenísia se referia nos autores sergipanos, nos autores nacionais, se referia aos autores portugueses, e na literatura francesa. Também fazia a correlação com outros autores. Nome como

Balsak. Ela gostava muito de atrair os alunos, principalmente da linha antropológica, sociológica. Na época não se falava isso, dos termos que se fala hoje, da iconografia, antropologia, sociologia, quer dizer, havia aquelas limitações. A parte cultural da literatura, história da literatura brasileira, história da literatura portuguesa, mas com aquele detalhe que eu lhe disse inicialmente, a linguística e a literatura. Essa ligação, coisas que poucos faziam, poucos e raros (José Anderson, 2015).

Conforme o relato de José Anderson, os conteúdos abordados pela professora continham elementos de outras áreas do conhecimento, com a finalidade de atrair os alunos a diversas interpretações. O uso histórico nas suas aulas era visivelmente presente. No relato a seguir, José Araújo comenta essa prática de contextualizar os conteúdos e dos estudos de poetas que ajudaram na compreensão da literatura.

Ela foi minha professora de língua portuguesa. Depois ela me ensinou mais três anos seguidos. Durante todo ensino médio. Do então curso científico. E com ela eu vi a parte de sintaxe da língua. Na quarta série ginásial. Vi durante o científico, no primeiro ano, estudávamos história da língua portuguesa. Formação da língua. Quando o latim foi pouco a pouco se transformando em português. Os primeiros textos da língua portuguesa. Séculos XII, XIV. Ela sempre despertava a curiosidade dos alunos. No segundo ano científico, o assunto era literatura portuguesa. Começávamos desde o século XV, do final século XV até o século XX. Incluindo os grandes nomes da historiografia. Fernão Lopes, Camões, os poetas árcades, Bocage, até Fernando Pessoa. No terceiro ano, em 1960, estudamos a literatura brasileira (José Araújo, 2015).

As aulas da professora Ofenísia Soares Freire eram marcadas pela sua preocupação com o contexto histórico, abordando clássicos da literatura portuguesa para melhor compreensão dos acontecimentos. Para falar de literatura brasileira, recorreu ao Marquês de Pombal, fez críticas ao seu governo e, possivelmente, às reformas pombalinas ocorridas no Brasil no século XVIII. Segundo José Araújo, a professora tinha uma grande competência e era sempre solicitada por alunos para tirar



dúvidas de diversas matérias, mesmo não sendo as que ela ensinava. “Às vezes ela nos reunia na casa dela para conversar sobre língua portuguesa, sobre autores mais recentes. Mais ou menos uma vez por mês ela convidava os alunos que se destacavam no interesse pela língua” [...] (ARAÚJO, 2015).

Voltando à sala de aula, quando estudávamos literatura portuguesa no segundo ano científico e no ano seguinte quando fomos estudar literatura brasileira, que corresponde ao governo de Marquês de Pombal e no ano seguinte, os efeitos disso sobre o Brasil, ela sempre teve uma posição muito irônica sobre o Marquês de Pombal. Eu guardo muito da professora Ofenísia sua competência. Parecia que não tinha assunto que ela não soubesse. No entanto ela era professora referência. Qualquer dúvida que tivesse das outras matérias, hoje que se chama disciplina, na época matéria. Era ela que a gente corria para perguntar acompanhando até a sala dos professores (José Araújo, 2015).

Luzia Maria também pontua que a professora Ofenísia Soares Freire costumava sempre acrescentar leituras complementares, de vários autores, para a melhor assimilação da matéria estudada. Observa também que Ofenísia Soares Freire não era apenas professora de português, pois sempre ia a fundo em tudo que ensinava.

Primeiro ano aprendi a literatura portuguesa. Quando ela falava de Camões, surpreendia a todos, ela declamava Os Lusíadas. Eu alcancei Ofenísia declamando. Quem conhecia Ofenísia em Estância, desde jovem declamava, discursava, recebia sempre as autoridades, os literatos. Não era só na literatura, ela ensinava gramática. Ela era uma dessas professoras que não ficava apenas nos programas, uma coisa puxa a outra. Se ela falava na época de Camões, então passava a falar de outros escritores e épocas e o aluno passava a gostar da literatura. Ela ia buscar os escritores, na época estudávamos Latim, se preocupava em buscar os filósofos, ela não era apenas professora de Português, era professora de tudo, ia a fundo em todas as matérias que ela ensinava. Quando chegava a literatura brasileira, ela fazia comparações. Eu me recordo ela fazia qual a diferença dos índios de José de Alencar e dos índios de Gonçalves Dias. Ela contava uma história que não

esquecia nunca mais. Quando ela dizia: “meu canto de morte, guerreiros ouvi, sou filho da terra, da terra nasci, guerreiro descendo da tribo tupi. Isso aprendi com ela” (Luzia Maria, 2015).

Luzia ainda observa que as aulas da professora eram marcadas pelas declamações e interpretações das poesias, sobretudo as de Camões, pois tinha uma relação mais íntima com seus textos. Ofenísia Soares Freire, em 1980, lançou seu livro *A presença feminina em Os Lusíadas*. Na ocasião, foi eleita à vaga do poeta Abelardo Romero Dantas para ocupar a cadeira nº 16 na Academia Sergipana de Letras.

Todos que estudaram no Atheneu diziam da grandeza intelectual dela. Ela recitava os Lusíadas de forma belíssima. Ensinava o português, a gramática usando de poesias. O que ela mais preferia eram os Lusíadas. Também orientava no campo político. Ela sempre dava opinião a favor do Brasil, contra a ingerência do imperialismo norte-americano em nossas vidas, e eu ainda chamo de imperialismo norte-americano em nossas vidas. E lá para as tantas ela falava sobre reformas, colocava alguns textos para dissertação, ou procurar saber qual a reforma que nós achávamos que estava à disposição no congresso nacional. Enfim, uma mulher dinâmica. Quando eu cheguei no Atheneu, para começar agora cronologicamente, eu tive a sorte de ter a professora Ofenísia Soares Freire como minha professora de português, acho que isso em 1956, acho que foi isso. Primeiro ano ginásial do Atheneu. Colégio Estadual de Sergipe, o apelido era Atheneu, porque sempre foi Atheneu. E tive a sorte e respeito tão profundo à professora que fiquei atento e, até hoje lembro da primeira aula, quando ela diz (emocionante isso), ela sai contando a origem de Portugal, mostrando que Portugal fica na Península Ibérica, construído por um povo altamente mesclado, mestiço, para o sentido europeu da época, era um povo descendo dos celtas, iberos, árabes, dos mouros, ostrogodos, visigodos, romanos, francos. Mostrando que era um povo tão competente, ágil, e com tantas concepções, sem preconceitos maiores, naquele momento, povo aventureiro, até pela sua composição social, e também por Portugal ter sido o primeiro país da Europa a conseguir sua unificação. E ter tirado do seu território do comando dos mouros. Quer dizer adquiriu um status político de país independente de nação construída nessa luta (Wellington Manguiera, 2015).

Wellington Manguera também ressalta as qualidades de Ofenísia Soares Freire como professora e intelectual. Destaca que as suas aulas de português e o ensino da gramática aconteciam também com o uso de textos poéticos. Também salienta que suas aulas eram dinâmicas, com discussões complementares que eram trazidas para a sala de aula. Wellington Manguera menciona a lembrança que tem da primeira aula com Ofenísia Soares Freire, pois ela trouxe um estudo sobre Portugal, observando as lutas territoriais, políticas e, conseqüentemente, as influências dos poetas portugueses.

As avaliações feitas pela professora Ofenísia Soares Freire eram baseadas nos conteúdos estudados e nas atividades complementares. Como citado anteriormente, a professora avaliava constantemente seus alunos, sempre utilizando recursos para testar a aprendizagem. Redação, perguntas aleatórias, arguição e ditado eram alguns dos métodos de avaliação.

As formas de avaliações eram simples. Trabalhava sempre com testes. Havia uma nota por mês e depois, outras notas no segundo semestre. Mas não havia divisão de média do primeiro semestre e segundo semestre. Teria que ter nota 5,0 no ano todo. Ela passava testes. Geralmente a interpretação de um texto, um comentário literário, outra questão literária, outra questão de sintaxe, morfologia da língua portuguesa. Normalmente os alunos tinham médias razoáveis. Não me lembro de grande quantidade de alunos reprovados na disciplina da professora Ofenísia (José Araújo, 2015).

A prova escrita era interpretativa, constituída de um comentário literário e questões gramaticais e tinha como média 5,0 para obter a aprovação. Ainda segundo José Araújo, não havia uma quantidade alta de alunos reprovados na matéria que ministrava a professora Ofenísia Soares Freire. “A avaliação era baseada em tudo que ela passava para a gente. Conseqüentemente ela não ia além do que dava em sala de aula.

Ela se propunha a solicitar o que dava. A professora não ficava restrita ao que estava no livro” (TELES, 2015).

Em análise aos registros encontrados nas cadernetas de Português da professora Ofenísia Soares Freire no período de 1944-1960, no arquivo do CEMAS, foi identificado que os três cursos ministrados pela professora no Colégio Atheneu Sergipense compreendem diferentes modalidades de ensino. No caso do ginásial, a preparação era mais do conhecimento do método. No caso específico do Português, foi possível perceber a gramática sendo utilizada com frequência, como também o uso de leituras e da análise do vocabulário dos alunos. Já o científico e o clássico, tinham a finalidade de preparar os alunos para buscar um caminho ao ingresso no ensino superior.

Sendo assim, podemos perceber que os conteúdos dos dois cursos cumpriam objetivos comuns, quando vemos nas cadernetas de aulas da professora Ofenísia Soares Freire o uso dos clássicos da literatura estrangeira, nacional e local sendo discutidos de forma mais contextualizada, fazendo a relação com o Brasil e seus acontecimentos, como também a análise das biografias e da importância dos autores para o conhecimento histórico. Os usos do debate e da oratória estavam presentes constantemente na prática docente da professora.

Para acompanhar a aprendizagem de seus alunos, Ofenísia Soares Freire utilizava com frequência a redação, a conjugação de verbos, exercícios escritos e ditados (de texto e de palavras). Também foi possível identificar que a professora fazia muita arguição. É comum ver em seus registros uma quantidade relevante de arguições nas diversas séries e turmas.

A presença de autores portugueses é evidenciada em seus conte-

údos, destacando as influências na literatura brasileira. A professora também fazia relação das influências dos povos africanos e indígenas na literatura, destacando a visão estrangeira e brasileira. A leitura e o debate oral eram também atividades corriqueiras em suas aulas. Testes de vocabulário foram destacados como atividade normal. Em um dos relatos anteriores, Wellington Mangueira comenta que a professora comentava acerca dos erros e acertos dos alunos. Fazia sempre com muita discrição e sempre chamava o aluno ao seu birô. Comparando a prática escolar no ponto de vista dos seus ex-alunos e os registros da professora Ofenísia Soares Freire, existe uma coerência entre as falas.

O conteúdo registrado por Ofenísia Soares Freire corresponde a estudos de autores estrangeiros e brasileiros. A professora fazia estudos sobre historiadores, jornalistas e críticos literários. Os principais poetas brasileiros (nacionais ou locais) eram discutidos um por um em cada aula. A preocupação de apresentar a seus alunos a história da língua portuguesa também representava a história do Brasil e de suas influências para o avanço da nossa língua. Destaca também a importância da cultura africana e da indígena, certamente fazendo uma discussão sobre a importância de cada povo para a formação do Brasil. Sempre estabelecia relações dos brasileiros com os povos estrangeiros. No tocante aos relatos de seus alunos, a professora sempre contextualizava os conteúdos que eram ofertados, sobretudo através do uso de redação para analisar diversos campos de aprendizado dos seus alunos. Foi encontrada uma avaliação em sua caderneta que nos mostra perguntas como: O que é conjunção? O que é preposição? Foi encontrado também um ditado de texto contando a história da gramática em 1880 e sobre as riquezas no Brasil. É possível observar que o uso da redação não era apenas para avaliar a escrita, mas também para conhecer a história do nosso país, dos

estudos gramaticais e das artes.

Conforme os relatos dos ex-alunos da professora Ofenísia Soares Freires e das fontes analisadas, observamos que seu trabalho docente foi reconhecido como relevante para a educação sergipana. Dentro das concepções de Bourdieu (2007), “[...] o nobre não é somente aquele que é conhecido célebre, é mesmo conhecido como bem, prestigioso [...] Ele é também aquele que é reconhecido por uma instância oficial, universal, quer dizer, conhecido e reconhecido por todos” (BOURDIEU, 2007, p. 148). Sendo assim, o valor do trabalho/escolar exercido pela professora Ofenísia Soares Freire possibilitou que sua trajetória fosse percebida no meio social. Provavelmente, a interação com seus alunos e seu conhecimento intelectual contribuíram para sua notoriedade no meio escolar e em outros espaços educacionais.

O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal (e não apenas legítimo) cada vez mais indissociável do título escolar, visto que o sistema escolar tende cada vez mais representa última e única garantia de todos os títulos profissionais, ele tem em si mesmo um valor e, se bem que se trate de um nome comum, funciona à maneira de um grande nome (nome de grande família ou nome próprio) (BOURDIEU, 2007, p. 148).

A conquista do título, seja ele profissional ou escolar, concede ao cidadão direitos legais para que a profissão seja exercida pelos meios jurídicos instituídos em nosso país. O capital simbólico observado por Bourdieu destaca que o capital tem garantia própria, ou seja, tem um valor próprio que independe de ter um “grande” nome familiar. O profissional escolar já tem em si seus méritos reconhecidos pelos agentes sociais. É um reconhecimento simbólico pela importância da profissão e pelo seu caráter no espaço social. Esse reconhecimento não pode ser arbitrário, pois o poder simbólico foi construído sem o caminho impo-

sitivo da força econômica. “O capital simbólico, geralmente é chamado prestígio, reputação, fama etc.” (BOURDIEU, 2007, p. 134).

# UMA MESTRA MILITANTE

## *Candidata a deputada estadual pelo PCB*

Segundo Luiz Antônio Barreto, a professora Ofenísia Soares Freire “alternou as atividades do magistério com a agitação política”. Em 1947, professora de Língua Portuguesa do Colégio Atheneu Sergipense, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro no período do processo de redemocratização do país, após o Estado Novo. No início de 1950, Filemon Franco Freire, esposo da professora Ofenísia Soares Freire, fazia parte da comissão estadual do Partido Comunista, como também era membro do Comitê Executivo, órgão de direção do PCB. Manoel Franco Freire, irmão de Filemom, foi responsável por liderar uma campanha comunista, a do monopólio do Petróleo, intitulada como o “Petróleo é nosso,” fato que mais adiante levou à criação da Petrobras aqui em Sergipe, no ano de 1953 (OLIVEIRA, 2014).

O Partido Comunista Brasileiro foi fundado em 25 de março de 1922, sob a influência da Revolução Russa de 1917, estimulando personalidades anarquistas do Brasil, que vislumbravam a participação da classe operária brasileira e de uma nova sociedade, abolindo a exploração do homem. Dessa perspectiva, nasceu no Brasil o PCB, através do Congresso de Fundação realizado em Niterói, no Rio de Janeiro. Sob a coordenação do jornalista Astrojildo Pereira, o congresso contou com a presença de delegações de grupos comunistas do Rio Grande do Sul, São Paulo, Recife e Niterói. O evento também consolidou o nome do



partido, que buscava a conquista do poder político pelo proletariado (FEITOSA, 2012).

O PCB passou por curtos períodos de legalidade e conviveu por um bom tempo na clandestinidade, mas nunca deixou de atuar na política brasileira, lutando sempre em defesa dos interesses dos trabalhadores. Em meados de 1927, Astrojildo Pereira seguiu para a Bolívia, a fim de estabelecer contato com Luiz Carlos Prestes, que já havia feito história através da Coluna Prestes, percorrendo diversos estados brasileiros com sua luta e insatisfação com a República Velha, entre 1924 a 1927. Luiz Carlos Prestes ingressou no Partido Comunista do Brasil em 1934. Em Sergipe, no mês de agosto de 1945, o partido instalou seu comitê estadual, em uma solenidade no Cine-Teatro Rio Branco, saindo, assim da ilegalidade.

Luiz Carlos Prestes tinha enviado uma mensagem aos comunistas de Sergipe, a qual reafirmava as palavras de ordem, tranquilidade e paz, em virtude dos golpes enfrentados (DANTAS, 1989).

Desde 1946 o Partido Comunista do Brasil vinha influenciando a política sergipana, não somente do operariado da capital, mas também de São Cristóvão, Propriá e Estância. Em janeiro de 1947, esse partido conseguiu eleger um deputado estadual e em outubro do mesmo ano, um vereador para a Câmara de Aracaju (DANTAS, 2004).

Filiada ao Partido Comunista do Brasil, a professora Ofenísia Soares Freire candidatou-se no ano de 1947 para a chapa de deputado estadual. Na ocasião, o eleito foi o médico Armando Domingues da Silva. A ata da eleição de 3 de fevereiro de 1947, elaborada pelo Doutor Juiz de Direito Carlos Vieira Sobral, da 1ª Zona Eleitoral, destaca a apuração das eleições que ocorreram em 19 de janeiro desse mesmo ano. Observa-

mos que o médico Armando Domingues da Silva liderou a votação com 385 votos, sendo o candidato eleito a deputado estadual naquela eleição. A professora Ofenísia Soares Freire obteve 138 votos. Juntamente com a professora, teve mais uma mulher concorrendo à vaga de deputada estadual, Alzira Menezes. O professor Manoel Franco Freire aparece com 11 votos. No total geral dos votos, o Partido Comunista do Brasil alcançou 2.192 votos para deputado. Já para membro da Assembleia Legislativa, o partido obteve a soma de 2.062 votos. Para o representante na Câmara dos Deputados, Antônio Rolemberg obteve 2.192 votos.

De acordo com a Constituição de 18 de setembro de 1946, a condição necessária para a elegibilidade no Congresso Nacional requeria que o candidato fosse brasileiro, estivesse em exercício dos direitos políticos, tivesse uma idade maior de 25 anos para a Câmara dos Deputados e 35 para o Senado Federal. Para a Câmara dos Deputados cada legislatura durava quatro anos, sendo que cada território teria um deputado, e no mínimo sete deputados por Estado e pelo Distrito Federal (BRASIL, 1946). Como foi anunciada anteriormente, o resultado faz parte da apuração da 2ª Zona Eleitoral do Estado de Sergipe. As atas da Justiça Eleitoral continham resultados diferentes, referentes à mesma eleição. É possível que, por serem zonas eleitorais diferentes, as apurações vinham em atas distintas.

Embora as duas apurações estejam diretamente relacionadas à mesma eleição e ao mesmo cargo na Assembleia Legislativa, é possível observar nas duas tabelas que as quantidades de candidatos são diferentes. Temos 27 candidatos na 1ª Zona Eleitoral e 23 na 2ª Zona. Outra diferença existe nas quantidades de votos que foram alterados. Nas duas atas não consta qualquer observação ou explicações quanto ao fato de uma ata complementar a outra no somatório de votos.

Com a campanha nacional para combater os comunistas brasileiros, no fim de 1946 o partido passou a ser investigado pelo Tribunal Superior Eleitoral, culminando no cancelamento do registro em maio de 1947. Em Sergipe, a notícia gerou descontentamento, causando reações nas ruas. Com orientação do governo de Eurico Gaspar Dutra, foi proibida qualquer manifestação comunista. Numa tentativa de combater os manifestantes, um tiro foi disparado por um dos homens da cavalaria, atingindo Anísio Dario. O ocorrido gerou indignação, revolta e um sentimento de intolerância perante o governo. Com o Partido Comunista mais uma vez na ilegalidade, o movimento acabou enfraquecendo entre as classes populares, mas seguiu através de movimentos sindicais, dos militantes, dos comunistas, dos apoiadores, buscando sempre espaços sociais (DANTAS, 2004).

Apesar da clandestinidade, o PCB chegou aos anos 50 do século XX engajado em movimentos e campanhas importantes para o fortalecimento do partido. O Jornal ‘A Verdade’ que iniciou no final de 1940 e perdurou até 1951. Foi um canal importante para as vozes dos comunistas sergipanos. Filemon Franco Freire, esposo da professora Ofenísia Soares Freire, era um dos colaboradores na redação do jornal. Filemon Franco Freire sempre esteve à frente do Partido Comunista, participando de reuniões abertas ou clandestinas e comícios, chegando a ser preso em 1951 no 28ºBC, na cidade de Aracaju (OLIVEIRA, 2014).

### ***A Professora e a Militância “Acadêmica”***

Em relato ao Jornal da Cidade, edição de 30 de julho de 1990, Ofenísia Soares Freire destaca sua participação nos movimentos de luta pela democracia e lembra episódios que marcaram sua história enquanto esteve docente, incentivando seus alunos no movimento estudantil.

Sempre fui solidária aos meus alunos nos movimentos. O movimento estudantil foi de grande valia, dando-me forças a lutar pela liberdade. Meu marido e meu irmão sempre foram democratas. Fiz discursos, fui a palanques. Meu esposo chegou a ser preso com o Golpe de 64. É um tempo que não gosto de lembrar. Uma fase negra na vida brasileira. A democracia é um imperativo, tem que vir. As lutas continuam (FREIRE, 1990, s/p).

Seu apoio aos estudantes foi registrado com satisfação pela professora Ofenísia Soares Freire, que esteve direta ou indiretamente envolvida com as questões políticas do Brasil. A professora Ofenísia Soares Freire também destaca que esteve à frente de comícios e palanques, possivelmente dando apoio ao Partido Comunista em Sergipe e ao seu esposo Filemon Franco Freire e a seu cunhado, Manoel Franco Freire, os quais estiveram presentes na história da política sergipana e do Partido Comunista do Brasil. Seu ex-aluno Wellington Mangureira relatou um momento importante em que esteve ao lado da professora Ofenísia Soares Freire, no início da década da década de 1950 do século XX, quando esteve no comício de Franco Freire discursando sobre o monopólio do petróleo, o mais conhecido movimento “Petróleo é Nosso”.

Eu não me engano, Lincoln Gordon, representante dos Estados Unidos, e havia aquela campanha do Petróleo é Nosso, e sabíamos que os americanos queriam aqui no Brasil. E o professor Franco Freire, o cunhado dela, irmão de Filemon Freire, nos convidou a ir à praça pública, protestar contra apesar do representante aqui. Um ato importante. Eu via aquele homem, bem nobre na forma de vestir, na forma de falar, na elegância, que era o professor Franco Freire. E a professora Ofenísia conosco. Em nome do Brasil, temos que lutar por nossos direitos. Esse foi o momento que ficou gravado na minha vida. Ela era discreta, uma mulher sábia, que nos orientava (Wellington Mangureira, 2015).

Ao lado da professora Ofenísia Soares Freire, Wellington Mangureira dizia admirar o professor Manoel Franco Freire, que não tinha sido seu professor no Atheneu Sergipense, mas tinha respeito pelos seus

atos e ações, sobretudo através dos movimentos do Partido Comunista. Wellington Manguiera ainda lembra que apesar de a professora estar presente no comício ao lado de alunos, nunca incitou movimento algum em sala de aula. “Ela nunca aliciou estudante nenhum. Se algum aluno perguntasse sobre determinado assunto, ela respondia nos corredores. Ela nunca foi uma ortodoxa. Antes que eu me esqueça, tinha umas pessoas que não sabiam de Ofenísia Soares Freire; não via quem não queria ver” (MANGUEIRA, 2015).

José Anderson do Nascimento, como ex-aluno da professora Ofenísia Soares Freire, via movimentos politizados no Atheneu Sergipense e ressaltou que os professores tinham uma visão mais política. “Os alunos do Atheneu na época eram politizados. Não só Ofenísia, mas outros professores tinham essa visão política, como era o caso de Jose Silvério Fontes, professor de História do Brasil e Geral” (Nascimento, 2015). Wellington Manguiera relatou um episódio ocorrido, quando participava do Grêmio Estudantil Clodomir Silva no Atheneu Sergipense.

Certo momento fui eleito o presidente do Grêmio Clodomir Silva. Chegaram até lá umas revistas anticomunistas, e fui falar com a professora Ofenísia e com o professor José Silvério Leite Fontes. Eu, Aberlado, Jackson Figueiredo. Professora, isso aqui como é, isso aqui é um veneno, essa é coisa do imperialismo, do IBAD. Ofenísia falou: ‘Para não dizerem, já sofri, já fui candidata a deputada do Partido Comunista Brasileiro, para depois não dizerem isso para vocês. Silvério que era católico, apostólico, romano, pode falar isso para vocês’. Vamos nós aproximando de Silvério que ela levou. Depois fiquei sabendo que ele era católico, apostólico, romano, mas ele era de esquerda e tinha admiração profunda pelo PCB, até então o Papa tinha dito que comunista não podia ser cristão, aquele ficou naquela dubiedade (Wellington Manguiera, 2015).

Nesse relato podemos observar o cuidado que a professora Ofenísia Soares Freire teve diante dos últimos acontecimentos, devido a

seu envolvimento com o Partido Comunista do Brasil. Para não comprometer seu trabalho dentro do Atheneu Sergipense, é possível que o uso da imparcialidade fosse o caminho mais viável. Como destacado anteriormente por José Anderson do Nascimento, a professora não falava de política partidária diretamente com seus alunos. No arquivo do CEMAS, encontramos nos documentos da Arcádia Estudantil, registro da participação da professora Ofenísia Soares Freire nas reuniões, nos eventos e da homenagem que recebeu dos membros da Arcádia Literária Estudantil, na década de 60 do século XX. Embora todos soubessem de sua inserção no campo político, principalmente pelos movimentos em que seu esposo Filemon Franco Freire esteve envolvido e seu cunhado Manoel Franco Freire, existia discrição no interior do Atheneu Sergipense.

A Arcádia Estudantil de que Ofenísia Soares Freire participava na década de 1960, foi fundada no Atheneu Sergipense em 10 de janeiro de 1934, com o nome de Grêmio Clodomir Silva. Este grêmio foi composto por alunos da escola, que tiveram a iniciativa e criaram uma diretoria provisória, até que tivesse aprovação do diretor, Joaquim Vieira Sobral. A oficialização do grêmio ocorreu com uma solenidade no salão do interior do Atheneu Sergipense, contando com a participação de professores e alunos e com a presença de representantes de grêmios de outras escolas e imprensa sergipana.

Sempre apoiando os meios de comunicação e divulgando a cultura, o grêmio estudantil Clodomir Silva passou por diversas fases, fechou e reabriu várias vezes, devido a questões diretivas e dos próprios membros do grupo, os quais, depois do fim dos estudos, desligavam-se do grêmio. Ainda assim, entre 1946 e 1956, o grêmio participou de diversas atividades, como festival de benefício aos pobres e assistência literá-

ria, artística, científica, social e recreativa. Se nos momentos iniciais o destaque era para as questões literárias, ao longo do tempo as questões políticas eram constantes nas reuniões. O Grêmio Literário Clodomir Silva existiu até 1956 com esse formato, sendo, a partir daí, denominado Arcádia Literária Estudantil (RODRIGUES, 2015).

Com a ditadura militar instaurada no Brasil em 1964, quando João Goulart foi deposto pelos militares, o país foi governado pelas forças armadas (exército, marinha e aeronáutica) e uma nova ordem foi instaurada, levando o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco a chefe executivo em 15 de abril de 1964. Em diversos estados brasileiros o Exército já estava sendo representado, tentando combater a subversão e a reorganização da política nacional (DANTAS, 2004).

Em Sergipe, o governador João Seixas Dória, que integrava as reformas de João Goulart, foi levado à prisão, tendo o sido vice, Sebastião Celso de Carvalho, do PSD, empossado. A essa altura, o movimento de repressão já estava espalhado, prendendo e cassando prefeitos, estudantes, sindicalistas, intelectuais, trabalhadores rurais e urbanos, que eram levados para o quartel do 28º BC. Como o quartel de Aracaju estava subordinado à 6ª Região Militar de Salvador-BA, não se tinha informação precisa de quem estava autorizando as prisões. Muitos ficaram presos por cerca de três meses no 28º BC, e todos os meios de comunicação estavam sob o controle do Exército (DANTAS, 2004).

Na Educação não era diferente, visto que o Exército fiscalizava e monitorava as ações de alunos que estavam indo de encontro à ordem do Estado, causando “desarmonia social”. No CEMAS, encontramos portarias, circulares e ofícios expedidos pelo Ministério da Guerra, IV Exército, Sexta Região Militar e 28º Batalhão de Caçadores aos cuidados da direção do Atheneu Sergipense, para que se cumprisse a ordem

e o dever de cada cidadão perante a pátria brasileira. A circular de 16 de junho de 1965, assinada pelo Major Aurélio Gonçalves, responsável pelo comando do 28º BC, “destaca o desejo dos militares ao exercício do patriotismo, bem como a sinalização seus grandes feitos”.

O comandante do 28º Batalhão de Caçadores, animado do desejo de pôr em evidência os fatos que exaltam o patriotismo e o espírito do mais irrestrito cumprimento do dever – apanágio dos militares bem formados – está recebendo os impressos constantes do anexo, solicitando a mais ampla divulgação do ato patriótico do então Sargento Carlos Argemiro de Camargo, oferecendo a vida em holocausto à Democracia e a liberdade de nossa querida Pátria. (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS, 1965)

A circular reforça o papel do Exército em prol do cumprimento dos seus deveres, bem como destaca os feitos do sargento Argemiro de Carvalho, que se coloca disponível com sua própria vida para a reorganização política e da democracia de sua pátria. Em uma portaria expedida pelo Atheneu Sergipense, de 14 de setembro de 1964, assinada pela professora e diretora Maria Augusta Lobão Pereira, com base nas atribuições do comando do 28º BC, através de investigações e apurações a respeito de um fato ocorrido com um aluno dentro do Atheneu Sergipense, a direção, com a decisão do secretário de Educação e Cultura, resolveu afastar o aluno das atividades do colégio, colocando à disposição de outra instituição. O aluno era da 3ª série do curso clássico, turma única. Foram encontrados vários nomes de alunos que foram orientados a se afastar do colégio, como o ex-aluno de Ofenísia Soares Freire, Wellington Dantas Mangureira Marques, que foi suspenso por “contribuir com a desarmonia social e ideológica nesse estabelecimento de ensino público” (Portaria, nº 34, 10 de setembro de 1964).

A professora Ofenísia Soares Freire, no ano de 1964, além de desempenhar sua função como professora de Português do Atheneu Sergi-



pense, era membro do Conselho Estadual de Educação de Sergipe. Ela já participava como conselheira desde 28 de setembro de 1963, quando participou de várias reuniões e decisões importantes para a educação sergipana. Na ocasião, o presidente era Luiz Rabelo Leite e os conselheiros eram: Manoel Franco Freire, Manoel Cabral Machado, José Silvério Leite Fontes, Neide Albuquerque, Lauro Ferreira do Nascimento, Dr. José Carlos de Souza, Dr. Carlos Alberto Barros Sampaio e Acrísio Cruz.

Observamos que, entre 28 setembro de 1963 e 13 de maio de 1964, houve várias discussões a respeito da educação do ensino médio e superior, a exemplo da aprovação de sistemas de ensino e do próprio regimento do conselho, discussões sobre a LDB de 1961 e do funcionamento da lei em Aracaju e nos municípios sergipanos (SERGIPE, 1963, p. 5). A presença da professora Ofenísia Soares Freire nas reuniões do Conselho era frequente, quase não havia falta nas atas dos encontros que aconteciam semanalmente. Quando entramos no período militar de 1964, as atividades no Conselho Estadual de Educação transcorreram normalmente, e a professora Ofenísia Soares Freire continuava comparecendo aos plenários, até 22 de abril de 1964.

Depois do dia 22 de abril de 1964, não havia mais o nome da professora nas atas e não houve nenhuma justificativa de sua exoneração. Nas atas analisadas, foi possível perceber que todas as faltas, seja por motivos de viagem, de saúde, pessoais ou de trabalho, eram justificadas, mas no caso da professora Ofenísia Soares Freire ficou uma lacuna (SERGIPE, 1964, p 40). Assim, explicou a situação Luiz Antônio Barreto:

Com o movimento militar de 1964, quando integrava o Conselho Estadual de Educação, sofreu o constrangimento de ter seu mandato extinto e foi afastada do magistério do Ateneu, durante

algum tempo. Enfrentou a adversidade com coragem e determinação, continuando a ensinar no Colégio Tobias Barreto, então dirigido pelo professor Alcebíades Melo Vilas Boas, encontrando nas salas de aula dezenas de jovens que foram presos e processados durante aquele período de prisões e de patrulhamentos e suspeições (BARRETO, 2003, s/p).

Segundo Luiz Antônio Barreto, que além de ex-aluno foi confrade da professora Ofenísia Soares Freire na Academia Sergipana de Letras, a saída dessa professora do Conselho e do Atheneu Sergipense não a impediu de continuar exercendo a docência, pois foi logo solicitada a trabalhar no Colégio Tobias Barreto, na cidade de Aracaju. Malba Vilas-Boas, ex-aluna da professora Ofenísia Soares Freire, filha de Alcebíades Vilas-Boas, este na época diretor e proprietário do Colégio Tobias Barreto.

Eu lembro que na ocasião, ela saiu do Atheneu, ou teve que sair, não lembro bem e, meu pai a admitiu no colégio. Era uma época difícil, existia a questão política, mas pelo conhecimento e pelo valor da grande professora, ele levou para o colégio. Ele dizia: foi uma grande aquisição. Era aquela professora que chegava na hora dela, dava a aula dela, conversava com todo mundo, era assim, uma professora de grande respeito, grande responsabilidade. Papai dizia: o colégio só lucrou com a chegada dela. Jamais ela mencionou nada sobre o contexto. Como lhe disse. Ela era mestra na essência da palavra. Sabia, se conhecia, pelo envolvimento da época que foi grande. Não era só ela, o marido, o cunhado (Franco Freire), dentro do trabalho, jamais. Era uma professora de grande quilate (Malba Vilas-Boas, 2015).

Malba Vilas-Boas afirma que, apesar de não lembrar os motivos da saída da professora Ofenísia Soares Freire do Atheneu Sergipense, recorda que o diretor Alcebíades Vilas-Boas sentiu grande satisfação em contratar a professora para compor o quadro docente do Colégio Tobias Barreto. Malba Vilas-Boas ainda enfatiza que Ofenísia Soares Freire jamais falou de política dentro do trabalho.

No relato de Wellington Mangueira, este destaca que em 1966, quando se filiou ao Partido Comunista Brasileiro, entrou em contato com a professora Ofenísia Soares Freire, para um conselho em relação a sua filiação no PCB. Wellington Mangueira afirma que a professora expressou imparcialidade, mas o orientou a ver o estatuto do partido, justificando que já estava visada diante dos últimos acontecimentos.

A Ofenísia é parte integrante da minha vida, no ponto de vista intelectual, no apoio logístico de minhas posições. Tanto quando eu entrei oficialmente no PCB em janeiro de 1966, já tinha sido preso, acusado de comunista. Entrou no PCB, eu e Mário Jorge, irmão da deputada Ana Lúcia. Se bem que mais novo que eu. Mas ele teve contato direto com Celso Viana de Assis, irmão do ex-deputado e empresário Viana de Assis e ele trouxe um material do PCB e por conta disso, Mario Jorge, mais uma vez, leva para falar com a professora Ofenísia. Era uma referência. Ela disse: 'é uma questão de opção. Veja o estatuto. Eu mesma tive que recuar. Sou visada. Perdi a cátedra. Você mesmo era meu aluno'. Estava estudando o clássico com ela. 'Era um ato de coragem e de consciência. Se você fosse meu filho, diria que nada está bom'. Então eu disse: então me considere como tal. Mas converse com seu pai (Wellington Mangueira, 2015).

Segundo Wellington Mangueira, a professora Ofenísia Soares Freire foi sua referência, pois sempre buscava conselhos que o ajudassem a tomar decisões a respeito da sua entrada no Partido Comunista. Ainda segundo Mangueira, ao perguntar à professora Ofenísia Soares Freire sobre o material do PCB, ela lhe respondeu que a melhor opção seria ver o estatuto e conversar com seu pai sobre a filiação ao partido. Wellington Mangueira ainda traz à lembrança da professora Ofenísia Soares Freire, argumentando que era um ato de consciência e coragem entrar no Partido Comunista, visto que ela já havia perdido temporariamente a cadeira de Português no Atheneu Sergipense. Em 1964, época do afastamento da professora Ofenísia Soares Freire da cadeira de Por-

tuguês, Wellington Mangueira era seu aluno.

É possível observar, nos relatos, que a professora Ofenísia Soares Freire vinha mantendo cada vez mais discrição de suas convicções, moderando comentários, principalmente com seus alunos. Embora seus ex-alunos destacassem sua postura ética dentro do ambiente escolar, suas relações sociais e políticas contribuía para a ponderação nos comentários. José Araújo, também ex-aluno da professora Ofenísia Soares Freire, sinaliza que a professora nunca deixou transparecer suas ideologias em sala de aula, mas as discussões e análises de textos propunham uma visão democrática e reflexiva diante dos fatos envolvidos.

A professora Ofenísia não deixava transparecer sua ideologia marxista. A gente percebia que ela tinha um comportamento diferente. Mas naquela época não se tinha o grau de informação que se tem hoje. Mas que era uma boa professora. Muito dada com os alunos. Só tempos depois é que fui perceber que aquela maneira de tratar não era só da personalidade, mas da questão ideológica. Ela nunca em sala de aula falou sobre comunismo, anticomunismo. Mas demonstrava posições que chamaríamos de democráticas. Propunha conversa, a partir dos textos que estudávamos os textos literários, perguntava a opinião, e assim a gente ia refletindo e tendo uma consciência e uma posição de análise dos fatos que envolviam (José Araújo, 2015).

Segundo José Araújo, a professora Ofenísia Soares Freire não evidenciava suas convicções políticas no ambiente escolar. Ele analisa que naquela época era mais difícil obter informações, levando em conta a facilidade que se tem hoje em dia. Destaca que ela foi uma boa professora, muito próxima dos alunos. José Araújo ainda ressalta que a professora Ofenísia Soares Freire nunca falou de comunismo em sala de aula e nem de anticomunismo. Salienta que ela demonstrava posições mais democráticas, principalmente através do uso de textos, análise e reflexão dos estudos. Essa discussão também contava com a participação dos alunos, que davam opinião sobre os fatos arrolados.

Segundo José Anderson do Nascimento, embora esses comentários políticos não existissem em sala de aula, os conteúdos e os autores abordados pela professora ajudavam na reflexão dos acontecimentos vividos no Brasil e no mundo.

A militância de Ofenísia era acadêmica, ela mostrava o que era certo e o que era errado, ela tinha essas tendências. Por exemplo, estudava-se Silvio Romero, história da literatura brasileira, estudava Nelson Werneck Sodré, você tinha um pensador de uma época conservadora de Silvio Romero e, você já tinha uma visão de um pensador mais moderno, de um pensador que pese ser um general do Exército, mas tinha uma visão mais aberta, tinha participado do ISEB, do Instituto Brasileiro de Ciências Sociais, qualquer coisa assim, criado por Juscelino Kubitschek, quer dizer, um cara que tinha uma visão ampla, de linha de esquerda, Werneck Sodré. Ofenísia tinha essas características. Ela não era de pegar bandeira de partido comunista, de sair pra militância na rua, de greve, disso daquilo, nunca vi essa Ofenísia. Acompanho Ofenísia desde minha infância, como ela sou estanciano, as famílias são próximas, ela sempre teve uma postura acadêmica, doutrinária, de uma elegância extraordinária [...] (José Anderson, 2015).

Para José Anderson do Nascimento, a militância de Ofenísia Soares Freire era “acadêmica”, pois a professora utilizava o conhecimento em sala de aula para discutir as tendências e visões através de autores e intelectuais. O próprio uso do historiador e escritor Nelson Werneck Sodré já destaca uma compreensão mais forte em relação às questões sociais e ao marxismo. Embora Nelson Weneck tenha começado sua trajetória como militar na década de 1930, foi no começo dos anos 40, do século XX que ele iniciou suas discussões de esquerda. Sua atividade no magistério do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) já destacava seus interesses por Marx e Engels, mas foi em 1964, com o golpe dos militares, que Nelson Werneck e seus colaboradores foram presos e o ISEB foi fechado. Nesse período o historiador começou a se dedicar ao ofício de escritor, mesmo com toda a repressão. Nelson Werneck foi vis-

to por muitos como símbolo do Partido Comunista Brasileiro por causa das suas discussões e seus ideais políticos (KONDER, 2008). José Anderson do Nascimento, observa que como ex-aluno de Ofenísia Soares Freire, nunca a viu militando em rua, levando bandeira ou participando de greves.

Ofenísia Soares Freire seguiu seu caminho no magistério, mas estava sempre envolvida com questões políticas. A candidatura dela pelo Partido Comunista Brasileiro, em Aracaju, no ano de 1947, marcou sua trajetória. Embora não tenha sido eleita, não há registros de outra tentativa na política sergipana. Cercada por representantes do Partido Comunista em Sergipe, Filemon Franco Freire, seu esposo, e seu cunhado, Manoel Franco Freire, a professora Ofenísia Soares Freire traçava caminhos mais ativos como docente no cenário sergipano. Embora não escondesse suas ideologias, o ambiente escolar representou um espaço importante para a reflexão. Como já vimos através dos relatos de seus ex-alunos e dos documentos, a professora não falava de comunismo ou da ditadura militar brasileira em sala de aula. Sua militância era a palavra.

### ***A escrita da professora: “Com licença, a palavra”***

“Que dom maravilhoso reservado à espécie humana e que a distingue da outra, a dos animais inferiores! Com a palavra exprime-se toda a gama dos sentimentos humanos” (FREIRE, 1980). Em discurso, Ofenísia Soares Freire saúda a palavra como forma de expressão e de demonstração dos sentimentos. Neste tópico, analisaremos 04 discursos publicados na imprensa sergipana que estão dentro do marco temporal desta pesquisa.

Segundo Chartier (1991), existem algumas hipóteses que orientam uma pesquisa a partir do estudo de objetos impressos, seja pelo corpo da literatura, das práticas de leitura ou da história de um texto particular. Em uma de suas hipóteses, Chartier destaca que a construção do sentido na leitura varia de acordo com o tempo, o lugar e a comunidade. Em outra hipótese, observa que na leitura existem significados múltiplos e estes dependem da forma que o texto é recebido pelo leitor.

A clivagem, essencial porém grosseira, entre analfabetizados e analfabetos, não esgota as diferenças na relação com o escrito. Os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores hábeis, obrigados a oralizar os que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais e tipográficas. (CHARTIER, 1991, p. 179).

Para Chartier, a maneira pela qual os textos são lidos difere dos diversos tipos de leitores que não têm a mesma disposição intelectual. Esse autor destaca que os mesmos textos, com compreensões e interpretações diferentes “podem ser diversamente apreendidos, manipulados e comprometidos” (CHARTIER, 1991, p. 179).

De acordo com Flamarion e Vainfas (1997), por muito tempo, o historiador manteve uma relação estreita com os documentos, tendo o conteúdo como base principal da informação; porém é impossível sustentar que o sentido do texto é sempre visível ao olhar do leitor.

O pressuposto essencial das metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado não pode ser visto como algo transparente. Ao debruçar-se sobre um documento, o historiador deve sempre atentar, portanto, para o modo através do qual se apresenta o conteúdo histórico que pretende examinar, que se trate de uma simples informação, que se trate de ideias (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 539).

Esses autores, destacam que a metodologia abordada para compor

um estudo histórico depende da forma como o texto é abordado. Ou seja, o documento tem sempre um discurso envolvido, considerando que não aparece tão transparente em suas publicações. Ainda observam que o historiador deve ficar atento à forma em que se apresenta o conteúdo histórico, examinando sempre as informações e suas ideias.

Ofenísia Soares Freire escreveu sobre fatos importantes no Brasil e no mundo que marcaram diretamente sua formação no magistério. Alguns desses fatos são: O chefe da Nação e sua brilhante comitiva nas terras de Sergipe (1933); Programa Radiofônico Organizado pelo Departamento de Propaganda e Divulgação ao Microfone da Rádio Aperipê de Sergipe (1941); Saudação a Jane Simões (1945); Ginásio Jackson de Figueiredo presta significativa homenagem póstuma a D. Quintina Diniz (1957).

### ***“O chefe da nação e sua brilhante comitiva nas terras de Sergipe”***

Com publicação no Jornal A Razão, em 06 de setembro de 1933, Ofenísia Soares Freire discursa sobre a visita de Getúlio Vargas e sua comitiva a terras sergipanas. Com apenas 20 anos de idade, recém-saída da Escola Normal e no exercício do magistério na cidade de Estância, sua terra natal, foi convidada pelo prefeito da cidade, Francisco Araújo Macedo, em nome dos estancianos, para proferir um discurso sobre esse fato.

Ofenísia Soares Freire destacou a honra dos brasileiros em receber um chefe de Estado e representante brasileiro. Com palavras de entusiasmo, ressaltou a importância, alegria e felicidade de uma mulher “espartana nos sentimentos pátrios” ser responsável pela saudação e home-



nagem, em nome do prefeito da cidade, ao presidente Getúlio Vargas. Eis um trecho de seu discurso:

[...] desse povo que vê em vosso perfil de muralha de granito de bravura e nobreza, o Brasil redivivo, o Brasil liberto, o Brasil: alevantado pelo ideal mais nobre de todos os ideais, pela prodigiosa e mais santa das cruzadas – a do agradecimento e liberdade da pátria! Senhores - fortes vós os heróis dessa cruzada bem dita para conseguirdes o nosso objetivo, quanta luta, quanta esperança, e quanta desolação também! (FREIRE, 1933, p.1).

Para Ofenísia Soares Freire, todo esse ideal estabelecido em prol da felicidade da Pátria, foi recompensado, igual a um farol que iluminava o caminho através da fé que nunca faltou aos brasileiros. Faz menção a uma batalha épica travada no Brasil, que o presidente triunfou e foi aclamado pelo povo inteiro, aos defensores do bem-estar e da paz da nação. Ofenísia Soares Freire reverencia a bravura de Getúlio Vargas e repete sua gratidão em nome da mulher estanciana, “[...] a mais brasileira de todas as brasileiras, e que mais ama o seu país [...].”

[...] lençol rubro e glorioso do sangue imortal de João Pessoa! Brasil que sofreu, Brasil que chorou mas que triunfou e triunfará porque assim o quiseram e assim o querem vontades como Getúlio Vargas e José Américo, Juarez Távora e Gois Monteiro, Augusto Mainard, e tantas outras figuras gloriosas e jamais olvidadas, que, num arranco, fantástico de patriotismo, arrebatarem o Brasil da queda tremenda e irremediável para onde o conduzia a sanha vandálica das oligarquias (FREIRE, 1933, p.1).

Ofenísia Soares Freire destaca que Getúlio Vargas, no dia 24 de outubro de 1930, juntamente com seus companheiros, colocou o Brasil numa nova era, momento crucial para os novos tempos da política brasileira. Informa-nos que Getúlio Vargas construiu uma nova pátria, com estruturas fundamentais para o crescimento do Brasil. “Traçou com vosso esforço incansável de um trabalhador napoleônico a página mais bela da história do Brasil” (FREIRE, 1933). Ainda observa que os brasileiros

são gratos pelos acontecimentos e feitos do novo presidente e que muitas manifestações ainda serão feitas em sua homenagem. Enfatiza que uma das mais belas homenagens está sendo feita em nome das mulheres de Estância, que são sinceras e verdadeiras. “Eminentíssimos senhores – nós, mulheres estancianas, somos as mais fervorosas admiradoras de V. V. Excias”. (FREIRE, 1933, p.2).

### ***“Programa Radiofônico Organizado pelo Departamento de Propaganda e Divulgação ao Microfone da Rádio Aperipê de Sergipe”***

Numa série de comemorações do 6º aniversário da administração do interventor do Estado de Sergipe, Eronildes de Carvalho, a professora Ofenísia Soares Freire foi convidada a ocupar o microfone da Rádio Aperipê de Sergipe (P.R.Y.E.), no dia 30 de março de 1941, no programa especial, para falar sobre o ensino público sergipano, dentro das normas do Estado Novo. O programa foi gravado e publicado no Diário Oficial de Sergipe em 1º de abril de 1941.

O Departamento de Propaganda e Divulgação do Estado já havia divulgado no Diário Oficial os nomes dos convidados a participarem da homenagem, estabelecendo os temas a serem debatidos na Rádio Aperipê. Depois da professora Ofenísia Soares Freire, no dia 31 de março, o Sr. Epifânio da Fonseca Dória, secretário da Fazenda do Estado falou das condições econômicas do Brasil diante das novas regras do novo regime. No dia 1º de abril, o professor Manoel Franco Freire abordou o tema sobre o governo Eronildes de Carvalho e os variados problemas sociais do Brasil. No dia 2 de abril, o jornalista Jeferson Silva de Oliveira, diretor do órgão de propaganda, fez uma retrospectiva dos seis anos do Governo de Eronildes de Carvalho.

Ofenísia Soares Freire destacou Pestalozzi como um sábio que revolucionou a ciência pedagógica, desvendando novas possibilidades, deixando evidente que o maior papel dessa ciência não é apenas de instruir, mas essencialmente de educar com base nos rigores e nos conceitos da educação. Ainda ressaltou que o interventor Eronildes de Carvalho executou uma política de renovação e construção. Assim, observou que o interventor é interessado pela juventude, instala higienicamente a escola, constrói grupos escolares e é responsável pela fundação do Hospital Infantil.

Ofenísia Soares Freire fala sobre a educação pública através dos moldes do Estado Novo, observando que o Estado de Sergipe antecipou, levando-se em conta outros estados, a questão do ensino, pois este já vinha sendo visto pelos democratas. Analisando as reformas que estavam sendo feitas em Sergipe, destacou que Eronildes de Carvalho realizou melhoramentos e inovações importantes para o ensino público. Verificou também o comprometimento, o estudo e o desejo de servir a terra, pontuando que em seu governo, houve contratações de professores especializados para compor a obra educacional.

Foi assim que nossas escolas tiveram oficinas e salas de concerto e ritmo e vibração e saúde, com a introdução de canto orfeônico sistematizado, dos trabalhos manuais de fundo prático e da educação física bem organizada. Foi quando nossas crianças puderam gozar do direito à saúde e à alegria, aprimorando o corpo e o espírito para a conquista do futuro eugênico da raça. Surgiu o Curso de Aperfeiçoamento para as professoras primárias. Faltou-se a renovação cultural com estágios de aperfeiçoamento e especialização nos grandes centros do Sul do País (FREIRE, 1941, p.6).

Por meio das mudanças ocorridas em Sergipe na área educacional, Ofenísia Soares Freire pediu que esses novos ideais fossem cumpridos pelos professores para que o “alicerce seja solidificado”. A professora

ainda sugeriu que seguisse forte na luta e na divulgação das ações do governo do Estado em prol da educação. Ao citar o Ministério da Educação, como o órgão responsável pelos interesses educacionais, Ofenísia Soares Freire disse que tais reformas alargariam os horizontes e indicariam os problemas do ensino público no Brasil. Assim, informou que é necessário amar a cultura, pois é através dela que se impossibilita a estrangeiros penetrarem em nosso país e retirarem os bens brasileiros. “Cultivemos o sentimento de brasilidade e unidade nacional, promovendo a campanha da educação a serviço do Brasil” (SERGIPE, 1941, p. 6).

Ofenísia Soares Freire sintetizou o ensino público, fazendo uma análise da alfabetização, quando diz que levará um tempo para que haja uma energia e um comprometimento maiores entre as escolas e os professores.

Precisa-se de professores que façam da sua missão um apostolado, porque é o mestre quem faz a escola. Cumpre intensificar a escola-comunidade, a cooperação, o ideal de sociabilidade. Que haja um intercâmbio entre professores e alunos para que a escola não seja uma abstração da vida e sim um prolongamento da vida. Sem seguir essa norma, permanecendo no empirismo dos meios cômodos e rotineiros, o professor afastar-se-á totalmente do espírito da moderna didática. A pedagogia do nosso tempo aboliu a escola tradicional verbalista, que colocava em segundo plano o caráter do aluno, a sua mente e sua personalidade (FREIRE, 1941, p.6).

Acreditando na profissão docente, Ofenísia Soares Freire reafirmou a importância das boas relações entre aluno e professor na caminhada escolar. Mostra-nos que essa sociabilidade torna a convivência mais concreta, tendo a escola como uma extensão de sua vida. Ofenísia Soares Freire citou Lourenço Filho, que diz: ‘O verdadeiro papel da escola primária é o de adaptar os futuros cidadãos, material e moralmente, às necessidades sociais presentes e, tanto quanto seja possível, às necessi-

dades vindouras’, ou quando citou Spalding que diz: ‘si o professor for frio e indiferente, negligente e inhábil, será incapaz de ministrar uma educação sólida, mesmo que o edifício escolar seja um palácio de arte e de ciência’. Para Ofenísia Soares Freire, é necessário que o professor tenha entusiasmo e simpatia para exercer a docência, a fim de que não haja uma separação entre o conhecimento escolar e a vida em sociedade.

Ao lembrar da Segunda Guerra Mundial que havia eclodido no mundo, a professora Ofenísia Soares Freire não escondeu seu pesar, mas não perdeu as esperanças de dias melhores para uma “pátria nova”.

No momento angustiante que atravessa o velho mundo civilizado, gasto e devastado pelo cataclisma de uma guerra sem precedentes na História, esse ideal é perfeitamente lógico. Lá destrói-se todo o passado; aqui constrói-se todo o futuro. As nossas crianças vão para a escola, o azul do nosso céu não se tolda da fumaça dos incêndios, os nossos rios correm sem sangue e podridão humana, nas nossas cidades saneadas não se alastra a peste, há pão em nossos lares e um homem de boa vontade governa a Nação (FREIRE, 1941, p. 6).

Ao acreditar numa Nação que estava protegida e na qual as crianças estavam resguardadas, Ofenísia Soares Freire permaneceu esperançosa, mesmo diante de todos os problemas ocorridos no mundo. Para ela, o Brasil constrói um futuro longe de uma guerra que destrói o passado e tira as crianças da escola. Segundo Ofenísia Soares Freire, o sangue derramado e os incêndios não atingiram os campos brasileiros, pois as cidades estão semeadas, e que um homem de bem governa a Nação. “Seremos um dia um grande povo; nossos filhos nasceram na Pátria Nova” (SERGIPE, 1941, p. 6).

Consoante Ofenísia Soares Freire, uma das principais dificuldades enfrentadas no Consoante Ofenísia Soares Freire, uma das principais dificuldades enfrentadas no Brasil foi a extensão territorial, que ocasionou

o êxodo de uma população que estava centrada em regiões litorâneas. Sendo assim, o crescimento industrial, a ciência e a comunicação foram resolvendo alguns problemas de ocupação de terra e escolas agrárias e rurais foram sendo assistidas pelos governantes, o que essa assistência não ficou restrita as cidades, mas a todo o território nacional.

### ***“Saudação a Jane Simões”***

A edição do Sergipe Jornal de 27 de agosto de 1945 registra o discurso de Ofenísia Soares Freire saudando a enfermeira Jane Simões, que voltava da Segunda Guerra Mundial a serviço da Força Expedicionária Brasileira (FAB).

Saúdo Jane Simões, mulher heróica da gente de combate expedicionária brasileira na grande guerra universal da libertação dos povos. Saúdo a enfermeira da FEB, a bolsa de remédios a tira-colo, o coração inflamado ao sofrimento da Pátria ferida, as mãos generosas que suavizavam as dores dos pracinhas de guerra. Saúdo todas as abnegadas e decididas Janes, nesta gloriosa tenra-viagem à Pátria por honra da qual lutaram e sofreram! (FREIRE, 1945, p. 1).

Ofenísia Soares Freire lembrou que em 1° de setembro de 1939 começou a marcha nazista que cobriu o mundo, levando primeiro a Polônia com maior atrocidade. O mundo foi estremecido com práticas de crueldade contra os patriotas de Varsóvia e contra os judeus dos ‘ghettos’ poloneses, no ato que fere os direitos humanos, diante da cobiça de Hitler.

Para Ofenísia Soares Freire, os brasileiros “confrangem” de tanto terror, e a alma nacional desse povo estava vibrando de indignação e ódio. Relata que o povo encheu as ruas, bairros, becos e entradas de nosso país, e o governo declarou guerra ao povo nazista. “E quando os

exércitos aliados limpavam já da Península a nódoa do Fascismo”, os povos brasileiros eram preparados a combaterem e ajudarem os feridos de guerra. Jane Simões era um desses brasileiros que seguiu a Itália para cumprir o dever perante a pátria (SERGIPE JORNAL, 27 de agosto de 1945, p. 1).

Com tamanha barbárie, embora já tivessem morrido centenas de cidadãos, Ofenísia Soares Freire destacou que é necessário honrar os que ficaram no cemitério, pois foram heróis da nossa terra. “Juremos sim, honrar a sua memória combatendo o fascismo onde ele se encontre sob qualquer máscara [...]” (SERGIPE JORNAL, 27 de agosto de 1945, p. 1). Ainda, sobre o combate ao integralismo, Ofenísia Soares Freire observou que isso foi herança de Hitler e que ele existe no Brasil, mas que devemos combater. Ainda enfatizou que era necessário vigilância no combate ao fascismo indígena e a todo extermínio dessas ‘pragas’ que tanto foi causado à humanidade. “Juntemo-nos ao povo – a união faz a força” (SERGIPE JORNAL, 27 de agosto de 1945, p. 1).

“Era isto que tinha a dizer-lhe, Jane, e o mais – seja bem-vinda! ” (SERGIPE JORNAL, 27 de agosto de 1945, p. 1). A professora Ofenísia Soares Freire destacou que quando Jane foi à guerra, o mundo encontrava-se em trevas, e na sua volta a liberdade foi instaurada. “Mulheres brasileiras como vocês foram poucas nessa guerra. A pátria recebe-a com orgulho e gratidão” (SERGIPE JORNAL, 27 de agosto de 1945, p. 1).

## ***Ginásio Jackson de Figueiredo presta significativa homenagem póstuma a D. Quintina Diniz***

No dia 29 de outubro de 1957, no Ginásio Jackson de Figueiredo, às 17h, foi prestada homenagem póstuma à professora Quintina Diniz, ex-diretora do Colégio Nossa Senhora Sant'Anna, com a iniciativa da sua ex-aluna, a senhora Judite Rocha de Oliveira, e de seu esposo, o diretor Benedito Alves de Oliveira, tendo como oradora a professora Ofenísia Soares Freire, ex-aluna do Colégio Nossa Senhora Sant'Anna e da professora Quintina Diniz (SERGIPE, 1957).

Na ocasião, ainda fizeram uso da palavra o Sr. Pedro Diniz Gonçalves, sobrinho de Quintina Diniz; o jornalista Dr. João Marques Guimarães, o estudante do Colégio Antônio Vieira, da Bahia, e o deputado Dr. Luiz Garcia, que encerrou a solenidade. Ainda contou com apresentações culturais, como a apresentação do Orfeão do Ginásio, sob a regência do maestro Feijó, que apresentou alguns números e contou com a participação de uma aluna da 3ª série ginásial, declamando uma letra de autoria do maestro. Também contou com a presença da banda da Polícia Militar Sergipe (SERGIPE, 1957).

Estiveram presentes entre os convidados o deputado Luiz Garcia, que estava representando o governador do Estado; o secretário de Justiça, Heribaldo Dantas Vieira; Pedro Diniz Gonçalves, secretário da fazenda; Celina Oliveira, inspetora federal; Mons. Esperidião Góis, o vigário da catedral; o padre Antônio Kelmeng; corpo docente e discente; familiares da professora Quintina Diniz (SERGIPE, 1957).

Ao iniciar sua fala, Ofenísia Soares Freire cumprimentou todos os presentes à solenidade, destacando que as homenagens à professora Quintina Diniz ocorreram por questão de justiça, amor, saudade e consi-



deração à nobre figura do magistério sergipano que há 15 anos “emudeceu no infinito silêncio” (SERGIPE, 1957). Para Ofenísia Soares Freire, o tempo não apagou da memória as lembranças da “tia” Quintina Diniz, como suas alunas a chamavam.

A professora Quintina Diniz nasceu na cidade de Lagarto, terra de historiadores, em 18 de junho de 1878. Filha do Dr. Vitor Diniz Gonçalves e D. Maria Petrina Diniz de Oliveira Ribeiro. Convém salientar que não foi em Lagarto que Quintina Diniz iniciou sua carreira no magistério, mas sim no Vale do Contiguiba, Laranjeiras, com apenas 15 anos, quando ela começou a ensinar as primeiras letras às crianças pobres e filhas de trabalhadores (SERGIPE, 1957).

Ao longo do tempo, a professora Quintina Diniz foi traçando o caminho no magistério, mas foi a amiga de sua mãe, a professora e diretora do Colégio Nossa Senhora Sant’Anna, que já não tinha condições de tocar o colégio, que a convidou em 3 de fevereiro de 1898, para assumir a direção da instituição de ensino, tendo a ajuda de sua irmã (SERGIPE, 1957).

Quintina Diniz aprofundou os estudos, conheceu os teóricos, se especializou na pedagogia e psicologia e observou os métodos e as técnicas que foram responsáveis pelas transformações no processo educativo. Com a ampliação das instalações físicas, o Colégio Nossa Senhora Sant’Anna foi transferido para a capital sergipana, na primeira década do século XX, mantendo sempre o cuidado e o padrão educacional, como foram atestados nos jornais da época, que destacavam o grande acontecimento, que eram os exames finais do colégio, contando com a presença na banca de professores, como foi o caso do professor Alcebíades Pais e José Moreira Magalhães. As festividades eram marcadas por exposições, literatura, música e arte, mostrando “[...] à sociedade ser o

Colégio Nossa Senhora Sant'Anna a ideal escola feminina” (FREIRE, 1957, p.5).

Segundo Ofenísia Soares Freire, apesar de a professora Quintina Diniz não passar por uma universidade, sempre foi uma autodidata; e foi com seu conhecimento que o General José de Siqueira Meneses, presidente de Sergipe, através do novo decreto n° 536, de 12 de agosto de 1911, convidou a professora Quintina Diniz a compor a cadeira de Pedagogia da Escola Normal. Ofenísia Soares Freire destacou que a obra educacional da professora Quintina Diniz foi trilhada sem alarde, mas marcou sua vida pelo seu sentimento de amor e devoção a suas alunas. Ainda lembra o quão foram prazerosos os dias de estudo no internato, os momentos de lazer, que muitas vezes foram o prolongamento do lar. Momentos como os dias de domingo, quando comia as guloseimas que a professora Quintina Diniz presenteava, foram lembrados com entusiasmo. Ofenísia Soares Freire disse que também foi aluna de Quintina Diniz na Escola Normal, onde lhe ensinou psicologia e pedagogia.

Sob a influência da sua formação no Colégio Nossa Senhora Sant'Anna e da Escola Normal, Ofenísia Soares Freire citou alguns pensadores da educação, como Decroly, Dewey, Binet, Kilpatrick, Anísio Teixeira, como importantes para a pedagogia brasileira, e expõe seu amor a Maria Montessori, com seu método de libertação da criança e da escola ativa. Para Ofenísia Soares Freire, Quintina Diniz era uma professora de linguagem castiça e de uma dicção harmoniosa e clara, que encantava a todos.

Não foi só no magistério em que Quintina Diniz esteve à frente. Depois da Constituição de 1934, foram concedidos os direitos políticos às mulheres, quando Quintina Diniz candidata e eleita como a primeira mulher deputada de Sergipe, pelo partido U.D.N (SERGIPE, 1957).

Com entusiasmo, a professora Ofenísia Soares Freire destacou que o Colégio Nossa Senhora Sant’Anna era um espaço simples, que se situava na Rua Maroim. Descreveu os momentos por que passou quando aluna do colégio interno, as novenas e a presença constante do Pe. Carlos Costa, que ela considerava amigo. Relembrou as aulas de piano ministradas dadas pela professora Marina Marsillac e das aulas de Francês com a professora Clotilde Machado.

A professora Quintina Diniz faleceu em julho de 1942, com 63 anos de idade, mas suas lições ficaram com exemplo de legado e amor. Assim, Ofenísia finaliza sua homenagem à professora estimada. “Ditosa pátria que tal filha teve” (SERGIPE, 7 de dezembro de 1957, p.5).

# Considerações finais

Partindo do pressuposto da história cultural, observamos a contribuição da Escola dos Annales ao lançar novos olhares no campo historiográfico, sobretudo ao se distanciar da visão positivista, uma história tradicional, restrita aos grandes acontecimentos da história e dos heróis. A diversidade de temas e objetos fez aumentar o número de pesquisas no campo da História da Educação, inspirando pesquisadores e historiadores a estudarem disciplinas escolares, instituição escolar, legislação, intelectuais da educação, professores, cultura escolar, entre outros temas.

Para pensar a trajetória da professora Ofenísia Soares Freire, o trabalho trouxe o conceito de Trajetória de Bourdieu (2006) acerca da “Ilusão Biográfica” onde o autor observa que ao trabalhar biografia, embora exista uma coerência entre os fatos, não existe uma lógica entre os relatos nem uma forma cronológica. Essa construção, segundo o autor, é exercitada pelo pesquisador durante a busca de suas fontes e na hora da escrita. Diante disso, no percurso de construção e levantamento para este trabalho, buscou-se a organização em torno da documentação encontrada, no recorte temporal estabelecido para esse objeto.

O caminho da formação educacional de Ofenísia Soares Freire nos traz uma constatação. Segundo Bourdieu (2007), o Capital Cultural é incorporado no processo de construção e aperfeiçoamento através dos estudos e dos cursos. Ou seja, depois de formada na Escola Normal Rui Barbosa, a professora Ofenísia Soares Freire continuou fazendo cursos de aperfeiçoamento, embora não tenha realizado estudos de nível superior. Para Bourdieu, o Capital Cultural requer um investimento econô-

mico familiar, a serviço do reconhecimento ao longo do tempo, através de diploma, cursos, certificados e suas produções.

Em relação a sua trajetória docente, a professora Ofenísia Soares Freire lecionou português no Atheneu Sergipense. Seu primeiro contrato na instituição deu-se em 25 de março de 1941, e ela contou com a indicação do professor Manoel Franco Freire, como foi destacado ao longo desta dissertação. Segundo Bourdieu (2004) o Capital Social é um investimento que visa legitimar o indivíduo. Para esse autor, os recursos potenciais estão relacionados à rede durável de conhecimento e reconhecimento. Ofenísia Soares Freire obteve esse Capital Social e fez uso com seu trabalho. A professora esteve contratada por oito anos no Atheneu Sergipense, logo depois foi nomeada como professora efetiva da cadeira de Português.

No Atheneu Sergipense, segundo seus ex-alunos, as aulas de Português da professora Ofenísia Soares Freire eram expositivas. Ela utilizava o quadro, fazia uso do livro didático, mas sempre trazia textos complementares para o enriquecimento das discussões. Ainda destacaram que havia interação dos alunos com a professora, o que permitia maior aprendizado dos conteúdos. Na Escola Normal Rui Barbosa a professora Ofenísia Soares Freire teve a oportunidade de conhecer alguns pensadores que foram importantes para compreender o ensino “globalizado”. Foram citados: Ovide Decroly, Binet, Dewey, Kilpatrick e Montessori. Segundo Ofenísia Soares Freire, foi na Escola Normal Rui Barbosa que ela conheceu a escola ativa.

Provavelmente, a professora buscou nesses pensadores, caminhos para sua prática em sala de aula. Entre os relatos dos ex-alunos e o registro de suas cadernetas, há coerência. É possível perceber os conteúdos trabalhados, a forma de avaliação, a organização das atividades e o perfil

de alguns alunos. Embora em um dos relatos tenha sido utilizada a expressão “à frente do seu tempo” para caracterizar a professora Ofenísia Soares Freire, observamos que essa opinião está relacionada à prática escolar da professora e de sua acessibilidade no espaço de aprendizagem.

Nesse aspecto, o Capital Simbólico (2007) destacado por Bourdieu é evidenciado através do reconhecimento social e educacional. Assim, a atuação da professora Ofenísia Soares no campo do ensino foi referenciada pelos seus ex-alunos. Segundo Bourdieu, o reconhecimento não pode ser arbitrário, pois é chamado de prestígio, reputação e fama.

Além da trajetória profissional da professora, ressaltamos sua participação como candidata a deputada estadual pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1947. Segundo Luiz Antônio Barreto, a professora alternou as atividades docentes com a agitação política. Ofenísia Soares Freire não foi eleita na ocasião, mas manteve a posição de militante política em toda a sua trajetória. Dentro desta perspectiva, é possível que a militância política da professora tenha sido “acadêmica”, palavra utilizada pelo ex-aluno José Anderson do Nascimento, para definir essa militância. Ainda segundo seus ex-alunos, nunca foi falado em sala de aula sobre comunismo ou foi incentivado qualquer tipo de manifestação contra o governo, mas que a professora utilizava textos e autores para contextualizar aspectos gerais, e assim acabava gerando debates e opiniões.

A professora Ofenísia Soares Freire foi uma militante da palavra; uma mulher que fez de seus discursos a expressão da liberdade e do compromisso com o ensino. Transitou no espaço político, mas foi na sala de aula que ela defendeu seu ofício. Foram 25 anos no Atheneu Sergipense. Após sua aposentadoria, Ofenísia Soares Freire dedicou-se ao

trabalho intelectual, publicando em jornais. Lançou livro, foi membro do Conselho Estadual de Educação e de Cultura e imortal da Acadêmica na Academia Sergipana de Letras.

# Referências

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Nordeste açucareiro: desafios num processo do vir-a-ser capitalista.** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1993.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Leyda Régis: Reminiscência de Formação intelectual e Atuação Profissional em Sergipe.** 2009. 139 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe. 2009.

ALVES, Eva Maria Siqueira. A criação do centro de educação e memória do Atheneu Sergipense: CEMAS e suas ações. In. **Entre papéis e lembranças: o centro de educação e memória do Atheneu Sergipense e as contribuições para a História da Educação.** Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, 2015. p. 21-39

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908).** 2005. 318. Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade). Programa de estudos de pós-graduados em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005.

ALVES, Eva Maria Siqueira. O ensino secundário em Sergipe (1931-1961). In: DALLABRIDA, Norberto; SOUZA, Rosa Fátima (Orgs.) **Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)** Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 283-311

ARAUJO, Silvette Aparecida Crippa de. **Julia Wanderley: uma mulher – Mito (1874-1918).** Curitiba: Editora UFPR, 2013.

AVELAR, Alexandre de Sá. **Art Cultura.** Figurações da escrita biográfica. Uberlândia. V. 13, n. 22, p. 137-155. 2011.



AZEVEDO, Crislane B. Graccho Cradoso, Abdias Bezerra, José de Alencar Cardoso e o movimento renovador na educação escolar sergipana na década de 1920. **Revista HISTEDBR** on-line. Campinas, n. 53, p. 92-114, out. 2013.

BARALTI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP):** uma história em construção. 2003. 238 p. Tese (Instituto de Geociências e Ciências Exatas) Universidade Estadual Paulista. 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação.** 9ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2004

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

BOSI, Ecléa. (2003). **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003. p. 15.

BORGES, Vany Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.) **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2006.

BRUSCKINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cad. Pesq.** São Paulo (64): 4-13, fev. 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.) **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 375-399.

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. São Paulo: **Estudos Avançados**, v.5. n. 11. Jan/abril, 1991, p. 173-191.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. Um ensino de língua portuguesa: uma visão histórica. **Revista Idioma (23)**. Ano XXII. 1° e 2° semestres de 2003. UFRJ. p. 7-24.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **A pedagogia do internar: história do internato no ensino agrícola Federal (1934-1967)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Internar para educar: colégios – internatos no Brasil (1840-1950)**. 2012. 323 p. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Bahia. 2012.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. Permanência e configurações dos internatos em Sergipe (século XX). In: **Cadernos do Tempo Presente**. n. 18, dez. 2014/jan. 2015, p. 60-84.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. In: **Educação**. Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, Ibarê. **Os partidos políticos em Sergipe: 1889-1964**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

FEITOSA, Cândido. **Socialismo & democracia: 90 anos de lutas e mudanças**. Fortaleza: OMNI Editora, 2012.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia de municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **“Vestidas de azul e branco”**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação/ PPGED, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. **Educação, Trabalho e Ação política**: Sergipanas no Início do Século XX. 2003. 289 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo. 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno. Diretora, catedrática, venerável, professora: A trajetória de Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro (1878-1942). In: **Ensino superior, educação escolar e práticas educativas extra-curriculares**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2006.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925. Edição do Estado de Sergipe, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: **Culturas do passado-presente**. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte do Rio, 2014.p. 155-176.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**: n° 1. Jan/Jun. 2001. p. 9-43.

KONDER, Leandro. Nelson Werneck Sodré. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 83, abril de 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1990.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)**. 2009. 92 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Gr-

duação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL FRIORE, Mary (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

MAGALHÃES, Justino. O Ensino de História da Educação. In Carvalho, Marta Maria Chagas de e Gatti Júnior, Décio (Org.). Vitória: **Sociedade Brasileira de História da Educação**/ Universidade Federal do Espírito Santo, 2011, pp. 175-210.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto. 2013.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Trajetória de Núbia Marques: contribuições para a educação em Sergipe**. 2014. 144 p. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2014.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Franco Freire, a Escola Nova e a instrução pública. In: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; NASCIMENTO, Ana Cristina do. **A trajetória do Conselho Estadual de Educação de Sergipe: textos da sua história**. Recife: Liceu, 2013.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana: Uma Crítica aos Estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Ed, UFS. 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Intelectuais da educação: Sílvia Romero, José Calasans e outros professores**. Maceió: EDUFAL, 2007.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. **1º Congresso Nacional da formação contínua de professores** (Formação Contínua de Professores: Realidades e Perspectivas: Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991). Disponível em: file:///C:/Users/renil/Desktop/FPPD\_A\_Novoa.pdf. Acesso em: 19 de dezembro de 2016.

NUNES, Maria Thetis. **História da educação em Sergipe**. 2. ed. Aracaju: Editora UFS, 2008.

OLIVEIRA FILHO, Augusto Almeida de. Ofenísia Freire Soares Freire: uma humanista sergipana. In: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; NASCIMENTO, Ana Cristina do. **A trajetória do Conselho Estadual de Educação de Sergipe: textos da sua história**. Recife: Linceu, 2013. p. 144-149.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da história na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)**. 2011. 226 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação Em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe. 2011.

OLIVEIRA, Juarez Ferreira de. 1952: a grande repressão. **Revista do IHGSE**, Aracaju, n. 44, p. 187-204, 2014.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na História**. Aracaju: FUNDESE, 1994.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos feministas**. Estudos de gênero e história social. Florianópolis. Janeiro-abril/2009. p. 159-189. (Ensaio).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934-1956)** 2015. 337 p. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em

Educação. Universidade Federal de Sergipe.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves de. **Para conhecer a história de Sergipe**. Aracaju: Opção Gráfica, 1998.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O Celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX**: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes. 2006. 135 p. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2006.

SAVIANI, Dermeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. In: **Educação**. Ed: 2005 – vol. 30 - n° 02. s/p.

SCHWARCZ, L. K. M. **Biografia como gênero e problema**. História Social (UNICAMP), v. 24, p. 51-74, 2013

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2001. p. 37-58.

SOBRAL, Maria Neide. **José Augusto da Rocha Lima**: uma biografia (1897-1969). São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Suely Cristina Silva. **Uma história da disciplina matemá-**

**tica no Atheneu Sergipense durante a ação da Reforma Francisco Campos (1938-1943).** 2011. 254 p. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

VEYNE, Paul Marie. Tudo é histórico, logo a história não existe. In: VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault Revoluciona a História.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. p. 29-34.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem fronteiras.** São Paulo, USP, V.9, N. 1, pp. 25-41, Jan/Jun 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). In: **Revista Brasileira de História.** vol.23, no.45 São Paulo, julho de 2003.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e ideias educativas de Erasmo Pilotto.** Educar, Curitiba, n.18, p. 53-73. 2001. Editora da UFPR.

# Fontes

## 1.Arquivo CEMAS

### 1.1 - Cadernetas

CEMAS . Caderneta do curso Clássico – 3 Série A – 1959(FASG1504. CX. 12. PC. 1023)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 2 Série A – 1959 (FASG1504. CX. 17. PC. 1033)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 3 Série A – 1959 (FASG1504. CX. 21. PC. 1042)

CEMAS. Caderneta do curso científico – 1 Série E – 1957 (FASG1504. CX. 24. PC. 1048)

CEMAS. Caderneta do curso Clássico – 2 Série Única – 1955 (FASG1504. CX. 26. PC. 1053)

CEMAS. Caderneta do curso Clássico – 3 Série Única – 1951 (FASG1504.CX.28.PC.1060)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série C – 1952 (FASG1504. CX. 30. PC. 1066)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 4 Série C–1960- (FASG1504. CX. 30. PC. 1068)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 2 Série – 1960- (FASG1504. CX. 31. PC. 1070)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série-1957- (FASG1504. CX. 33. PC. 1080)

CEMAS. Caderneta do curso Clássico–3 Série Única-1959- (FASG1504. CX. 47. PC. 1263)

CEMAS. Cadernetas do curso Ginásial – 4 Série B – 1953 - (FASG1504. CX. 46. PC. 1201)

CEMAS. Cadernetas do curso Científico – 3 Série B – 1956- (FASG1504. CX. 44. PC. 1115)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 4 Série C – 1953- (FASG1504. CX. 40. PC. 1102)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 4 Série A – 1953 – (FASG1504. CX. 40. PC. 1101)



CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 4 Série A – 1960 – (FASG1504. CX. 39. PC. 1097)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 1 Série A – 1957 – (FASG1504. CX. 38. PC. 1095)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 3 Série A – 1960 – (FASG1504. CX. 42. PC. 1106)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 1 Série A – 1953 – (FASG1504. CX. 41. PC. 1103)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 2 Série E – 1958 – (FASG 1504. CX. 36. PC. 1090)

CEMAS. Caderneta do curso Científico – 2 Série B – 1959 – (FASG1504. CX. 34. PC. 1083)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série A – 1949 – (FASS04). CX. 88. PC. 248)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série A – 1948 – (FASS04. CX. 61. PC. 211)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série B – 1948 – (FASS04. CX. 62. PC. 212)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série C – 1948 – (FASS04. CX. 66. PC. 213)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série A – 1947 – (FASS04. CX. 65. PC. 231)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 1 Série A – 1950 – (FASS04. CX. 83. PC. 276)

CEMAS. Caderneta do curso Ginásial – 2 Série – 1944 – (FASS04. CX. 91. PC. 288)

## **1.2 - CORRESPONDÊNCIA**

CEMAS. Correspondência – 1958-1969 – (FASG1505. CX. 70. PC. 1295)

CEMAS. Correspondência – 1958-1972 – (FASG1509. CX. 76. PC. 1153)

CEMAS. Correspondência – 1964-1965 – (FASG1509. CX. 78. PC. 1312)

CEMAS. Correspondência – 1950 – (403FASS05. CX. 96. PC. 403)

CEMAS. Correspondência – 1946-1947 – (1026 – DIVERSOS)

### **1.3 - ARCÁDIA ESTUDANTIL**

CEMAS. Livro de Registros – (37FASG2501 (AR). CX. 5)

CEMAS. Livro de Registros – (39FASG2S01 (AR). CX. 5)

### **1.4 - IMPRENSA**

CEMAS. Imprensa – 1942-1944 – (FASS07. CX. 119. PC. 328)

CEMAS. Imprensa – 1947-1955 – (FASS07. CX. 119. PC. 392)

CEMAS. Imprensa – 1945 – (FASS07. CX. 119. PC. 497)

### **1.5 - ATAS**

CEMAS. Atas – 1959 - 1960 – (FASG1501. CX. 06. PC. 1269)

### **1.6 - LIVROS DE REGISTROS**

CEMAS. Livro de Registros – 1941-1942 – (FASS09. CX. 124. PC. 329)

CEMAS. Livro de Contrato - 1941-1942 – (FASS09. CX. 124. PC. 329)

PA

CEMAS. Livro de Registros – 1926-1953 – (FASS09. CX. 125. PC. 480)

CEMAS. Inscrição para exames – 15 de janeiro de 1944(FASS06 CX. 107. PC. 68)

CEMAS. Certidão de casamento - 1944(FASS06 CX. 107. PC. 68)

CEMAS. Contratos e portaria (FASS09 CX. 123. PC. 402)

### **1.7 - LIVRO DE PONTO**

CEMAS. Livro de Ponto – 1941-1942 – (FASS09. CX. 124. PC. 329)

CEMAS. Livro de Ponto – 1926-1953 – (FASS09. CX. 125. PC. 480).

## **2. - INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE (IHGSE)**

A razão, Estância, (6/9/1933) – O chefe da nação e sua comitiva nas terras de Sergipe

Sergipe Jornal (27/08/1945) – Saudação a Jane Simões

A Razão, Estância (15/12/1912) – Colégio Camerino

Jornal Correio de Aracaju (01/12/1907) – Colégio Nossa Senhora Sant’Anna

Jornal Correio de Aracaju (05/12/1907) – Colégio Nossa Senhora Sant’Anna

SERGIPE. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa, 7 de setembro de 1925. **Instala-se a terceira sessão ordinária 15 legislativa, pelo Dr. Maurício Graco Cardoso Presidente do Estado.**

SERGIPE. Diário Oficial, de 1 de abril de 1941. **Discurso pronunciado, no dia 30 de março findo, ao microfone da Rádio Aperipê de Sergipe (P.R.Y.6) pela professora D. Ofenísia Soares Freire, lente do Ateneu Sergipense, em prosseguimento às comemorações pela passagem, amanhã, do 6º aniversário do Governo Eronildes de Carvalho.**

SERGIPE. Decreto n. 7, de 14 de março de 1938. **Regimento interno do Atheneu Sergipense.**

### **3 - BIBLIOTECA EPIFÂNIO DÓRIA**

SERGIPE. Diário oficial, de 07 de dezembro de 1957. O ginásio Jackson de Figueiredo, presta significativa homenagem póstuma a D. Quintina Diniz.

### **4 - ACERVO DA FAMÍLIA DE OFENÍSIA SOARES FREIRE**

Jornal da Cidade (30/07/90) – Entrevista Ofenísia Soares Freire.

Jornal da Cidade (07/12/98) - 85 anos da professora Ofenísia Freire.

SERGIPE. Decreto - concede aposentadoria a professor do ensino secundário nível “20”, de 15 de março de 1966. **Aposentadoria de Ofenísia Soares Freire.**

Discurso pronunciado pela professora Ofenísia Soares Freire em 04 de maio de 1983 nas festividades comemorativas dos 153 anos da cidade de Estância/SE.

Currículo Vitae. Ofenísia Soares Freire. Aracaju/SE, 18 de março de 1993.

## **5 – ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS**

Discursos acadêmicos. Ana Maria N. Fonseca Medina e Jorge Carvalho do Nascimento. 15 de maio de 2008.

Discurso de posse da Acadêmica Ofenísia Soares Freire na Academia Sergipana de Letras. Cadeira n. 16. 25 de novembro de 1980.

Discurso pronunciado pela professora Ofenísia Soares Freire em 04 de maio de 1983 nas festividades comemorativas dos 153 anos da cidade de Estância/SE.

## **6 - ARQUIVO PÚBLICO DE SERGIPE**

SERGIPE. Edital de inscrição no exame de admissão da Escola Normal, 10 de janeiro de 1920.

## **7 - PESQUISA ELETRÔNICA**

BARRETO, Luiz Antônio Barreto. **Ofenísia Soares Freire**: a mestra de todos nós. Acesso em: 12 de setembro de 2014

SANTOS, Osmário. **Ofenísia Soares Freire**: a m. Acesso em 31 de agosto de 2014

BRASIL. Decreto nº. 21.241. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1932. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D21241.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D21241.htm) Acesso em: 21 de abril de 2016

Ilustração da Antiga Escola Normal – Aracaju/SE. Fonte: <http://www.seed.se.gov.br/noticia.asp?cdnoticia=6547> Acesso em: 04 de maio de

2016

LEI ORG NICA DO ENSINO SECUNDÁRIO DE 1942. Acesso em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/5\\_Gov\\_Vargas/decreto-lei%204.244-1942%20reforma%20capanema-ensino%20secund%E1rio.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto-lei%204.244-1942%20reforma%20capanema-ensino%20secund%E1rio.htm)

CONSTITUIÇÃO DE 1946. Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm) Acesso em: 01 de setembro de 2016.

## **8 - ARQUIVO DO TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL**

Ata final de Apuração das 1ª e 2ª Zonas do Município de Aracaju no ano de 1947.

## **9 – CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE SERGIPE**

SERGIPE. Livro de Atas do Conselho Estadual de Educação. 1963. p.5.  
SERGIPE. Livro de Atas do Conselho Estadual de Educação. 1964. p.40.

## **10 - ENTREVISTAS**

ARAÚJO FILHO, José. Outubro de 2015. Entrevista concedida a Renilfran Cardoso. Aracaju/SE. 14/10/15

NASCIMENTO, José Anderson. Julho de 2015. Entrevista concedida a Renilfran Cardoso. Aracaju/SE. 27/07/15.

NASCIMENTO, Luzia Maria da Costa. Julho de 2015. Entrevista concedida a Renilfran Cardoso. Aracaju/SE. 27/07/15

MONTES, Malba Vilas-Boas. Outubro de 2015. Entrevista concedida a Renilfran Cardoso. Aracaju/SE. 02/10/15

TELES, Terezinha Belém. Outubro de 2015. Entrevista concedida a Re-

nilfran Cardoso. Aracaju/SE.15/10/15

MARQUES, Wellington Dantas Mangueira. Outubro de 2015. Entrevista concedida a Renilfran Cardoso. Aracaju/SE. 23/10/15

FREIRE, Ivan Soares. Março de 2016. Entrevista concedida a Renilfran Cardoso. Aracaju/SE. 22